

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

NÚMERO - 75



COMEMORATIVA AO CENTENÁRIO DE
NASCIMENTO DE RUBENS DE MENDONÇA
(1915-2015)





Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
IHGMT

Presidente *President*

João Carlos Vicente Ferreira

Editor *Publischer*

Elizabeth Madureira Siqueira

Conselho Editorial *Publisher's Council*

Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira da Costa
(UNIVAG/IHGMT)

Elizabeth Madureira Siqueira (UFMT/IHGMT)

Fernando Tadeu de Miranda Borges

Nileide Souza Dourado (UFMT/IHGMT)

Suise Monteiro Leon Bordest (UFMT/IHGMT)

Weller Marcos da Silva

Diretoria 2012-2014

Presidente: João Carlos Vicente Ferreira

1º Vice-Presidente: Osmar de Carvalho

2º Vice-Presidente: Weller Marcos da Silva

Secretária Geral: Nileide Souza Dourado

2ª Secretária: Suise Monteiro Leon Bordest

1º Tesoureiro: Fernando Tadeu de Miranda Borges

2º Tesoureiro: Alex de Matos

Conselho Fiscal *Fiscal's Council*

Benedito Pedro Dorileo

Nilza Queiroz Freire

Vinicius de Carvalho Araújo

Conselho Consultivo a Científico

Consult and Cientific Council

História *History*

Arno Welling (UFRJ/UNIRIO/UGF)

Giovani José da Silva (UNIFAP)

Leandro Mendes Rocha (UFG)

Fernando Tadeu de Miranda Borges (UFMT)

Luiza Rios Ricci Volpato – (USP-SP)

Geografia *Geographic*

Cláudio Antônio Di Mauro (UFU)

Eliane Tomiasi Paulino (UEL/PR)

José Borzacchiello da Silva (UFC)

Rosimeire Aparecida de Almeida (UFMS)

Solange Terezinha de Lima Guimarães (UNESP)

Educação *Educacion*

Elizabeth Figueiredo Sá (UFMT)

Nicanor Palhares Sá (UFMT)

Áreas Afins *Related areas*

Rosemar Eurico Coenga (UNIVAG)

Maria Cristina Theobaldo (UFMT)

Seções da RIHGMT, 74

Revista Comemorativa ao Centenário de Rubens de
Mendonça – 1915-2015

Avaliação Capes: Qualis B3



REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

NÚMERO 75

COMEMORATIVA AO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO
DE RUBENS DE MENDONÇA (1915-2015)

CUIABÁ
2015

© Copyright @ 2015 IHGMT
Os direitos desta edição são reservados ao IHGMT

ISSN 1677-0897

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso /
Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. n. 75. Cuiabá, 2015
178 p.: 15,5 cm.
Anual
Inclui bibliografia, Índice e ilustração

CDD 981.72

Editora da Revista do IHGMT:
Elizabeth Madureira Siqueira

Revisão:
Conselho Editorial

Capa, Editoração e Projeto Gráfico:
Candida Bitencourt Haesbaert

IHGMT

Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

Rua Barão de Melgaço n. 3.869 (Centro)/Cuiabá-MT – 78050-500

Acesse o Arquivo da Casa Barão de Melgaço: [www//casabarao.com.br](http://www/casabarao.com.br)

ÍNDICE

EDITORIAL 7

ARTIGOS

OS CEM NATAIS DE RUBENS DE MENDONÇA 11

Adélia Maria Badre Mendonça de Deus

A MINHA HISTÓRIA COM RUBENS DE MENDONÇA 15

Paulo Pitaluga Costa e Silva

RUBENS DE MENDONÇA E CUIABÁ 19

Benedito Pedro Dorileo

RUBENS DE MENDONÇA: A AMPLITUDE DO OLHAR
HISTORIOGRÁFICO 21

Elizabeth Madureira Siqueira

“SAGAS & CRENDICES” HISTÓRIA E ESTÓRIA EM
RUBENS DE MENDONÇA 33

Anna Maria Ribeiro F. M. Costa / Mabel Strobel Moreira Weimer

SINE IRA ET STUDIO / SEM CÓLERA NEM FAVOR 48

João Antonio Botelho Lucidio

PESQUISAVA, ESCREVA E FAZIA HISTÓRIA 61

Pedro Rocha Jucá

RUBENS DE MENDONÇA: DOIS OLHARES SOBRE CUIABÁ 64

Gabriel Francisco de Mattos

IGREJAS E SOBRADOS NA PAISAGEM VISLUMBRADA PELO
HISTORIADOR RUBENS DE MENDONÇA 76

Sônia Regina Romancini

“CENTENÁRIO DO LICEU CUIABANO (1879-1979):
UM OLHAR DO POETA, HISTORIADOR E JORNALISTA
RUBENS DE MENDONÇA” 93

Nileide Souza Dourado

CULTURA IMATERIAL NO CONTEXTO DA OBRA ROTEIRO HISTÓRICO E SENTIMENTAL DA VILA REAL DO BOM JESUS DE CUIABÁ	116
Suíse Monteiro Leon Bordest	
AO MESTRE, COM CARINHO! <i>TO SIR, WITH LOVE!</i>	126
Ivan Echeverria	
FACE SATÍRICA ENTRE BRINCAR E EDUCAR: RUBENS DE MENDONÇA.....	152
Marília Beatriz de Figueiredo Leite	
RUBENS DIGITAL	158
Fernanda Quixabeira Machado/Luciwaldo Pires de Ávila	
NORMAS DA REVISTA DO IHGMT	170

EDITORIAL

O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso homenageia, em sua primeira Revista de 2015, de n. 75, o historiador mato-grossense *Rubens de Mendonça* pelo seu Centenário de Nascimento (1915-2015). Desde o mês de junho de 2014, a filha dessa personalidade, Adélia Maria Badre Mendonça de Deus, vem conduzindo uma série de eventos, dos quais o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso participou ativamente.

Rubens de Mendonça foi uma personalidade que, além de investigador das coisas de Mato Grosso em seus mais variados aspectos, por muitos anos foi Secretário Perpétuo do IHGMT. O Arquivo da Casa Barão de Melgaço foi brindado com os papéis de Rubens de Mendonça e de seu pai, Estevão de Mendonça, hoje catalogados e digitalizados, no interior dos acervos de Família, no caso, Família Mendonça.

Abre a presente Revista um artigo escrito por Adélia Maria Badre Mendonça de Deus, intitulado *Os cem natais de Rubens de Mendonça*, onde a autora analisa Rubens de Mendonça enquanto pai e intelectual, historiador, jornalista, sátiro, literato e memorialista. Em seguida, Paulo Pitaluga Costa e Silva, em *A minha história com Rubens de Mendonça*, revela sua relação com o homenageado, seja através da leitura de seus muitos títulos, seja nas visitas que fazia ao historiador e a sua família. Foi desse convívio que nasceram muitas pesquisas desenvolvidas por Paulo, tendo como pano de fundo a interlocução travada entre eles. Em *Rubens de Mendonça e Cuiabá*, Benedito Pedro Dorileo homenageia o grande poeta, historiador e folclorista Rubens de Mendonça tendo por base sua estreita relação com sua cidade natal, Cuiabá. *Rubens de Mendonça: a amplitude do olhar historiográfico*, de Elizabeth Madureira Siqueira, procurou tecer um amplo panorama da escrita de Mendonça em obras nas áreas História, Memória, Literatura, Política e Cultura Popular, dimensionando a abrangência de sua produção para além do círculo meramente historiográfico.

Em *Sagas & Crendices - História e Estória em Rubens de Mendonça*, a historiadora Anna Maria Ribeiro F. M. Costa e a pedagoga Mabel Strobel Moreira Weimer, tomando a obra *Sagas & crendices de minha terra natal*, escrita em 1969, analisa o historiador-folclorista Rubens de Mendonça enquanto pedagogo, visto que esse escrito específico tem um caráter didático-pedagógico aplicado aos alunos matriculados no segundo ciclo do Ensino Fundamental. Já João Antonio Lucidio, em

Sine ira et studio / Sem cólera nem favor, analisa criticamente a obra *História das Revoluções em Mato Grosso*, escrita por Rubens de Mendonça no ano de 1970. Para tanto, recupera, a partir dos principais movimentos descritos pelo historiador, os intelectuais que dissertaram sobre as várias temáticas, e suas contribuições, concluindo que a obra de Rubens de Mendonça mantém notável atualidade, visto que escrita em um período anterior à produção historiográfica acadêmica. *Pesquisava, Escrevia e Fazia História* foi o tema escolhido por Pedro Rocha Jucá para homenagear Rubens de Mendonça, especialmente no que toca à influência dele no seu percurso jornalístico, visto a vasta produção literária e historiográfica de Rubens. Suíse Monteiro Leon Bordest homenageou Rubens de Mendonça com *Cultura Imaterial no Contexto da obra Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá*. Para tanto, privilegiou quatro passagens relacionadas à *cultura mato-grossense*, atribuindo-lhes categorias adotadas pelo Patrimônio Cultural Imaterial do Iphan, como: modos de fazer, celebrações, formas de expressão e lugares.

Rubens de Mendonça: dois olhares sobre Cuiabá, é o título do artigo de Gabriel Francisco de Mattos, que procedeu a um levantamento de dois livros de Rubens de Mendonça, *Ruas de Cuiabá* e *Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá*, sob a ótica de Michel de Certeau. Já Sônia Regina Romancini, através do texto *Igrejas e Sobrados na paisagem vislumbrada pelo historiador Rubens de Mendonça*, discorre sobre o olhar nativo do homenageado sobre sua cidade natal, Cuiabá. *Ao mestre, com carinho!* É o título do artigo seguinte, de autoria de Ivan Echeverria, que toma por base de análise três obras de Rubens de Mendonça: “*Dom Por do Sol*” (poesias); “*Evolução do Ensino em Mato Grosso*”, (estudos originários de Instituições Escolares devidamente atualizados); e “*Estórias que o Povo Conta* (Folclore Mato-grossense)”.

Centenário do Liceu Cuiabano (1879-1979): um olhar do poeta, historiador e jornalista Rubens de Mendonça, é o título do artigo de Nileide Souza Dourado, revelador da grande maestria com que o poeta apresentou o *Liceu Cuiabano* tendo por base a literatura da época, acrescida das memórias e significados a ele atribuídos, e do que apreendeu através das prosas com amigos e familiares.

Face Satírica - entre brincar e educar: Rubens de Mendonça, de autoria de Marília Beatriz de Figueiredo Leite, trata-se de sua fala apresentada no dia 25/02/2015, nas comemorações do centenário de Rubens de Mendonça – Casa Barão de Melgaço, ocasião em que

colocou, com muita propriedade, a faceta satírica do homenageado através de uma apresentação de inéditas quadrinhas recitadas por artistas locais.

Encerrando a Revista, o texto *Rubens Digital*, de autoria de Fernanda Quixabeira Machado e Luciwaldo Pires de Ávila, situa Rubens de Mendonça em seu tempo e apresenta sua vasta produção intelectual, esgotada e rara, hoje digitalizada. Para homenagear Mendonça no centenário de seu nascimento, em 2012, a Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer, através da Coordenação do Sistema Estadual de Bibliotecas (BPEEM) e a Casa Barão de Melgaço (IHGMT e AML) estabeleceram parceria para digitalização da coleção completa da produção intelectual dessa eminente personalidade, possibilitando a um público amplo acessar, via Internet, a vasta produção dessa personalidade.

O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, com a Revista 75, não só homenageia um de seus sócios mais eminentes, mas dá a conhecer, através dos variados artigos, as diversas facetas de Rubens de Mendonça.

A Comissão Editorial

ARTIGOS

OS CEM NATAIS DE RUBENS DE MENDONÇA

Adélia Maria Badre Mendonça de Deus¹

Deu-se em 24 de julho de 2014, o início das celebrações do “ANO CENTENÁRIO DE RUBENS DE MENDONÇA”, que nasceu em Cuiabá/MT, aos 27 de julho de 1915 e faleceu em 03 de abril de 1983. Filho de Estevão de Mendonça e Etelvina Caldas de Mendonça.

Rubens foi um trabalhador infatigável, pesquisador incansável, no contato diuturno com os livros alargando desde moço, os horizontes do seu espírito, ganhando com isso a robustez da cultura.

Por ser um homem de atividades múltiplas, de intelecto irrequieto e fértil, não é tarefa fácil elaborar e executar uma programação condizente com o trabalho que ele, em vida, dedicou ao Estado de Mato Grosso ora registrando os fatos históricos – como **historiador** que foi -, os do cotidiano – **como jornalista** – a sua paixão pela sua querida Cuiabá, materializada através de suas poesias – fazendo e contando a história **de nossa literatura**, sem prejuízo de seu **lado satírico**, imortalizado, através de suas célebres trovas cujos personagens eram sempre os seus amigos, os familiares e políticos de um modo geral.

O Jornalista - Foi com a vertente de **jornalista**, que nos fora trazida, com muito brilhantismo, pelo acadêmico José Cidalino Carrara que, atualmente, ocupa a cadeira nº 9, da Academia Mato-Grossense de Letras, cujo patrono é Dom José Antônio dos Reis, e que, também, foi ocupada pelo homenageado que, abrimos *o seu centenário, na Casa Barão de Melgaço* numa noite gelada e chuvosa como bênçãos dos céus ao seu filho imortal que, dedicou a sua vida a pesquisar e registrar os fatos relevantes de Mato Grosso e que jamais omitiu os créditos a quem mereceu. E, como jornalista, ele nos noticia que trabalhou em vários jornais: “O Estado de Mato Grosso”, “Correio da Semana”, “A Batalha”, “O Social Democrata”, “Correio da Imprensa” e foi corres-

¹ Advogada e filha de Rubens de Mendonça.

pondente do jornal “O Estado de São Paulo” aqui em Mato Grosso. Com Gervásio Leite e Martins Melo fundou a revista Pindorama – um grito de revolta contra o academicismo - e, com Wladimir Dias Pino o jornal literário o Sará. Foi ele Secretário Geral da Associação Mato-Grossense de Imprensa e, com demais jornalistas, ajudou a estruturar o Sindicato de Jornalistas de Mato Grosso.

A partir de 1974, começou a escrever no Diário de Cuiabá uma coluna dominical denominada “Sermões aos Peixes”. Seu primeiro Sermão foi às Aves e, assim se explicava quando indagado sobre os títulos escolhidos: - Eu sou como São Francisco de Assis e Santo Antônio de Lisboa que, desiludidos dos homens resolveram, o primeiro falar as aves e o segundo, aos peixes.

E, assim foi que, a partir de seus “*Sermões aos Peixes*”, o jornalista Rubens de Mendonça, com seu estilo próprio – satírico e jocoso, exercitou de forma vigorosa o jornalismo que, em síntese retratava de forma bem didática os problemas de nossa Cuiabá. Daí surgiram as suas famosas e impagáveis “trovinhas” que, de forma bem humorada, criticavam as “mazelas” da nossa Cuiabá, nos aspectos políticos, sociais e culturais. Eis uma para o nosso deleite:

“Cuiabá esta limpinha/São Pedro prefeito bom/Fez mais que o Hélio Palma/Em quatro anos de gestão”. Hélio Palma de Arruda, foi prefeito de Cuiabá, e seu amigo pessoal.

O **Historiador** - Em 27 de novembro de 2014, com a imprescindível colaboração da Secretaria de Estado de Cultura/ MT, aconteceu no Palácio da Instrução, sede da Biblioteca Publica Estadual Estevão de Mendonça mais um evento integrante das comemorações do Ano Centenário de Rubens de Mendonça. Nessa ocasião, veio ao conhecimento do publico – o **historiador**. Foi lançado pela Secretaria de Estado de Cultura MT - Biblioteca Publica Estadual Estevão de Mendonça em parceria com o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e Academia Mato-Grossense de Letras a digitalização das obras de autores mato-grossenses cuja coordenação dos trabalhos ficou sob a responsabilidade da competentíssima e incansável acadêmica Professora Elizabeth Madureira Siqueira. Duas obras, de autoria, de Rubens de Mendonca já constam do *site* – “Ruas de Cuiabá” e “Historias das Revoluções de Mato Grosso”. Trouxeram o historiador Rubens de Mendonça aos presentes no evento os amigos e historiadores João Carlos Vicente Ferreira e Elizabeth Madureira Siqueira grandes conhecedores de suas obras. Em nossa fala deixamos registrado não só os agradecimentos da família Mendonça, como também, a nossa satisfação em ver as obras dos nossos ancestrais sendo

democratizadas. Acreditamos, plenamente, que todos têm o direito de conhecer a história e a cultura de Mato Grosso que não podem e não devem ficar circunscritas aos recintos das Academias e das bibliotecas. Devem sim atingir o povo que, na verdade, é o protagonista dessa história e dessa cultura.

O Sátiro - Em fevereiro de 2015, ainda, fazendo parte das programações do Ano Centenário de Rubens de Mendonça, trouxemos a sua vertente como **sátiro**. Tarefa esta que foi, com muita maestria, desempenhada pela dinâmica e brilhante acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite, que possui um lastro de amizade centenária com a família Mendonça. Participaram, ainda, desse evento os Crônicos – um grupo de artista da nossa terra que foi assim designado, pela conferencista, justamente, para celebrar Rubens de Mendonça, a quem eu, em meu nome e de minha família endereçamos os nossos agradecimentos e reverenciamos a atuação dos nossos artistas. Agradecemos, ainda, ao Colégio MASTER JÚNIOR – que, atendendo ao nosso convite, prestigiou este evento o que nos deixou, extremamente, satisfeitos em constatar o interesse da nossa juventude estudiosa e briosa em homenagear a memória dos nossos valores culturais.

O Literato - Em abril de 2015, foram abordadas as facetas: do **literato** e do pai. A primeira foi trazida ao público pelos professores doutores da Universidade Estadual de Mato Grosso e da Universidade de São Paulo - do Programa de Pós Graduação em Estudos Literários - Professores Doutores Valnice Vilalba, Olga Castrillón Mendes, Issac Newton Ramos, Aroldo Abreu Pinto e, ainda, Manoel Mourivaldo Santiago de Almeida, da Universidade de São Paulo – USP. Aqui, apreciamos o literato/poeta que cantou a sua Cuiabá, suas lendas, seus costumes e tradições. Para falar sobre o pai, eu, a sua única filha, Adélia Maria Badre Mendonça de Deus, é quem tive o imenso orgulho em desempenhar esse mister. Vale registrar que, nessa ocasião, o evento contou, ainda, com a participação dos seguintes artistas: Janete Manacá, Justino Astrevo Aguiar (LAU), Luiz Carlos Ribeiro, Maurício Ricardo, Carlos Roberto Ferreira, e a amiga Andrea Maria Zattar, que declamaram as seguintes poesias, respectivamente : “Felicidade”; “Saci Também É Poeta Modernista”, “Soneto Sem Nome Para As Mulheres Que Amei”; “Souvenir” e “Deslumbramento”, todas da autoria de Rubens de Mendonça.

A Contemporaneidade de Rubens de Mendonça – Em 27 de julho de 2015, comemoraremos, na “Casa Barão de Melgaço”, os Cem Natais de Rubens de Mendonça. Uma vez mais, essa face nos será trazida pela imortal Marília Beatriz de Figueiredo Leite e os

Crônicas². Nunca é demais lembrar que a ligação afetiva das famílias Mendonça e Figueiredo Leite propicia à palestrante percorrer mais este ângulo inédito do homenageado.

Brindemos Rubens de Mendonça!

² Fizeram parte do grupo dos Crônicas os seguintes atores : Luiz Carlos Ribeiro, Wanda Marchetti, Claudete Jaudy, Ivan Belém, Carlos Roberto Ferreira, Moema de Figueiredo e Daysi Águena.

A MINHA HISTÓRIA COM RUBENS DE MENDONÇA

Paulo Pitaluga Costa e Silva¹

A minha história com Rubens de Mendonça é um pouco diferente das demais. A nossa amizade tem mais de um século, pois meu avô, Jaime Pitaluga, era amigo bem chegado do pai de Rubens, o emérito historiador Estêvão de Mendonça. Moravam perto um do outro, ambos eram amigos e correligionários de Totó Paes e lutaram a seu favor na revolução de 1906. Talvez o seu avô também tivesse sido amigo de meu bisavô. Minha mãe era dois anos mais nova, mas estudavam juntos na Escola Modelo Barão de Melgaço. Como ele mesmo se referiu a si próprio “*sempre fui um mau aluno*”, certamente foi reprovado e daí estudar junto com minha mãe, mais nova do que ele. E eu, como nem poderia deixar de ser, fiquei seu amigo e de sua família. Dona Ivone e Adélia. Quantas vezes as visitei depois da morte de Rubens, dezenas de vezes, na casa do bairro Boa Esperança. Gostava de D. Ivone, de sua conversa, de suas histórias, de suas gargalhadas imensas. Mas marido e esposa já faleceram, só me restando as boas lembranças de ambos e a amizade sólida com Adélia e sua família.

Eu tinha dia e hora marcada para os encontros com Rubens. Todo o sábado, lá pelas 8h30 da manhã, estacionava meu fusca, bem em frente à sua casa na rua Barão de Melgaço, e já o encontrava de pijama, debruçado no peitoril da janela. Abria porta e eu entrava naquele mundo diferente, com cheiro diferente, com uma visão diferente. Ficávamos em uma sala lotada de estantes de livros, de papéis, jornais, de pastas enfiadas nos vãos dos livros, diplomas de uma porção de coisas. E, nas paredes, vários quadros, de seus pais, do barão de Melgaço, de D. Ivone, entremeados a folhinha e recortes de jornais emoldurados. Uma perfeita e organizada “bagunça” generalizada, que

¹ Advogado, historiador, membro efetivo do IHGMT e seu ex-presidente.

só ele entendia. Qualquer livro, qualquer revista, qualquer peça de seu imenso acervo, na hora ele a localizava, pois sabia perfeitamente onde estava.

- *Paulo, você que é mais novo, levante pegue naquela terceira prateleira daquele estante ali, o livro do Dr. Virgílio.* E lá estava o livro no local indicado.

Realmente, era fantástica a sua biblioteca, desde livros herdados da biblioteca paterna, com obras de história, geografia, literatura mato-grossense e brasileira, clássicos mundiais, pilhas de jornais antigos, de revistas de décadas anteriores.

E ali, naquele ambiente propício, sentados em cadeiras de balanço tipo Austríacas, as nossas conversas eram infundáveis. E só versavam sobre a história de Mato Grosso. Nada de política, apesar de ele ter sido bem politizado e filiado ao antigo PTB de Getúlio Vargas. Somente a história de Mato Grosso preenchiam o nosso tempo. E sempre um perfumado café de D. Ivone.

Logo, ele percebeu a minha inclinação, não pelo Direito, minha formação, mas pela história de nossa terra e nossa gente mato-grossense. E mais, o meu entusiasmo pela história colonial e alguns episódios da história já no século XX. Dos capitães-generais aos embates políticos e revoluções do período republicano.

Logo foi me explicando os meandros da história dessa época. Antonio Paes de Barros, Generoso Ponce, a “Caetanada” etc. E de imediato foi me mostrando a realidade de Totó Paes, que já me chamava a atenção e me despertava a curiosidade de tanto ouvir meu avô falar sobre esse incrível homem que governou Mato Grosso.

Quando lhe comuniquei que estava iniciando as pesquisas para escrever meu primeiro livro, as “*Casas de Fundição em Mato Grosso*” tenho a impressão de que, pela maneira surpresa com que recebeu a notícia, deva ter ficado um tanto decepcionado com o tema. Certamente, preferiria alguma coisa sobre Totó Paes, nosso ídolo em comum. Entretanto, nesse trabalho mencionei o referido governador e a cunhagem de moedas na sua usina do Itaicy, o que o levou a escrever em seus *Sermões aos Peixes*, que ali estava se iniciando uma releitura, um resgate histórico e um novo pensar acerca do mesmo. Isso porque os historiadores do século XX, liderados por Virgílio Corrêa Filho e Generoso Ponce Filho, reduziram a zero Totó Paes, sua vida e seu governo.

E com ele aprendi muito. Certamente me encaminhou com indicações firmes e precisas nos rumos de nossa história e nossa historiografia. Era decididamente um mestre. Um mestre na arte de

pesquisar e escrever sobre as coisas de nosso passado. Poeta? Sim, mas muito mais historiador. A avenida que leva seu nome é Historiador Rubens de Mendonça e não “Poeta” Rubens de Mendonça.

Rubens me encaminhou também para a pesquisa na Ata de Fundação de Cuiabá. Dizia ele que a Ata foi escrita muitos anos após a fundação de nossa capital.

- *Mas como assim?* Perguntei.

- *Leia a Ata e a compare com os escritos de José Barbosa de Sá, nosso primeiro cronista.*

Verdade. Anos depois, fiz uma exegese dessa Ata e constatei essa realidade e ali concluí que Rubens estava cheio de razão. Transformei as pesquisas em um pequeno opúsculo publicado logo após sua morte. Até não sei porque, nunca, Rubens de Mendonça não escreveu nada a respeito dessa Ata.

Um episódio que merece aqui ser explicado. De certa feita, estava assistindo uma palestra de História de Mato Grosso e a palestrante qualificou com menosprezo a figura ímpar de Rubens de Mendonça, certamente alguma crítica por não ser ele formado em História e nem PhD nessa matéria. Não me lembro bem. Saí incontinenti da palestra e escrevi um artigo, “*Um Desagravo sem Verbo*”. Eu havia lido uns dias antes um certo “*Discurso sem verbo*” do bispo de Belém, D. Antônio de Macedo Costa, e achei que poderia fazer algo no gênero. E fiz. Desagravei Rubens de Mendonça nesse artigo sem nenhum verbo no texto. Ele o publicou em seu *Sermão aos Peixes*.

Algumas poucas, pouquíssimas vezes, fui ter com ele no Bar Internacional, na avenida Presidente Vargas, tomar *whisky* e beber uma cerveja. Ali a conversa era outra. Os frequentadores assíduos falavam mais de política e nada de história. Sentados ali, aquele grupo de amigos resolvia absolutamente todos os problemas de Mato Grosso e do Brasil. Isso fez com que me desinteressasse por aquelas rodadas etílicas nas quentes noites cuiabanas.

Após publicado o meu primeiro livro, ele me levou para ser sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, onde estou desde 1977 e já fui o seu presidente. Ele e Gervásio Leite sempre insistiram para que eu entrasse também para a Academia Mato-Grossense de Letras, o que nunca quis, vez que, fazendo parte do Instituto já fazia parte da Casa Barão de Melgaço, onde estão abrigadas as duas instituições culturais.

Mas os anos que convivi com ele, para mim, foram fantásticos. Ele me ensinou e eu aprendi. Realmente, foi Rubens de Mendonça quem me iniciou na história mato-grossense. Pôde traçar para mim rumos

efetivos, contar episódios, corrigir e aprimorar ideias, relatar casos que somente ele sabia. Algumas, que depois pesquisei, viraram livros que escrevi, como os “*Índios Cuiabás*”, “*Índios Xarayés*”. Ele me apontou também a figura incrível do antigo Juiz de Fora de Cuiabá, Diogo de Toledo Lara Ordonhez, sobre quem já produzi um livro, chamando minha atenção para este, que foi uma das figuras mais eruditas e cultas de uma pequena Cuiabá colonial ainda no século XVIII.

E esse despertar histórico para mim foi imprescindível, foi fundamental para a produção de meus livros e artigos. Talvez, não fosse Rubens de Mendonça, a vontade de saber das coisas de Mato Grosso de séculos atrás tivesse se esvaído na poeira de meus tempos e eu não teria escrito tudo o que já escrevi, passando bem mais de uma centena de títulos.

O estímulo, o apoio, o empurrão foi de Rubens de Mendonça. Hoje penso que, quando percebeu minha motivação, esmerou-se em seus ensinamentos, pois, talvez, tivesse visto em mim um possível continuador de sua obra fantástica. Penso eu.

Seu pai tem uma célebre frase: “*Morre para sempre quem morre em Cuiabá*”. Felizmente não acertou Estêvão de Mendonça quando se saiu com essa. E a demonstração cabal da impropriedade dessa frase é a comemoração, neste ano de 2015, pelo Instituto Histórico, do centenário desse emérito historiador e sensível poeta que foi Rubens de Mendonça.

Não morre para sempre quem morre em Cuiabá, pois o povo cuiabano sabe honrar e preservar a memória de seus filhos ilustres.

RUBENS DE MENDONÇA E CUIABÁ

Benedito Pedro Dorileo¹

Evidente arquitetura da imaginação é a lenda para fazer-nos viajar na fabulosa evocação do idílio, do mito. Flutuando no engenhoso voo, Rubens de Mendonça assume a poesia e canta o caráter maravilhoso. Busca a Alavanca de Ouro, o Pé de Garrafa e a Imagem do Senhor Bom Jesus: “*No alto do Rosário aparecel a alavanca de ouro. Era começar! na colina, o trabalho – ela fugial cada vez mais na terra a se ocultar.*” Ou: “*E o poaieiro diz: que o negro, monstro insano! possui um olho só, é feroz, desumano –/ e é um fundo de garrafa o rastro do seu pé! / “E chega ao padroeiro da cidade: / que a velha imagem se tornara level ao ser trazida em festas para cá. / do Senhor Bom Jesus de Cuiabá!”* A memória centenária do nascimento de Rubens de Mendonça, em 2015, avulta fortemente na cidade verde (insista-se no verde de Dom Aquino Corrêa como protesto à infame serra elétrica que sorratamente vem liquidando com a exuberância das velhas mangueiras), quando Universidades, Instituto Histórico, Academia de Letras, Escolas, Instituições de Cultura e a intelectualidade homenagearão o seu nome.

Por ele, Cuiabá e Mato Grosso tiveram o inventário histórico trazido pedagogicamente a lume; fora a seu pai, Estevão de Mendonça, atrelar o elo e agigantou os nossos monumentos escritos para averbação de lutas e conquistas, fixando muito mais heroicidade no Centro-Oeste, que nem a Corte Portuguesa dava conta de saber. A par de obras das histórias mato-grossense e centro-oestina, outras de poesias e mais inéditas, somando mais de quarenta, talhou o rústico por necessidade. Então, foi entalhador, cinzelador, modelador e lapidário da história e da literatura. Se trabalhou os veios históricos, operou o buril delicado da poesia. Soube magistralmente que a poesia pode ser útil indiretamente, porém a utilidade não é o seu fim certo, a sua intenção é deleitar.

Cívico e piedoso, perlustrou a benemerência de um homem em dom José Antônio dos Reis, o seu patrono na Academia de Letras,

¹ Advogado, membro do IHGMT e da AML e ex-reitor da UFMT. E-mail: pdorileo10@gmail.com

na cadeira nº 9: “*Paladino da fê! Qual o Cristo, vieste ao mundo,/ e só semeaste o bem, o amor e a caridade./ Eras meigo, eras bom/ e o teu verbo profundo,/ tal como o de Jesus, pregava a piedade./ E quando em meio a Rusga, este povo iracundo/ se erguera desvairado e cheio de ansiedade./ Foste tu, D. José, o herói, que, num segundo,/ dominaste do povo a atroz ferocidade*”.

O paulistano, bacharel em Direito, José Antônio dos Reis, aluno nº 1 da primeira turma da USP, decidiu ombrear a cruz do sacerdócio, para mais tarde a Providência fazer dele o primeiro bispo de Cuiabá, de 1832 a 1876, em longo e fecundo episcopado, como acentuou Dom Aquino: “à frente da mais difícil das Dioceses do Império”.

Rubens não foi fiel rimador escolástico ou copista servil, mas a sua alma rompeu os muros do pensamento e voou aos pãramos do astro-rei, quando glorificou Dom Pôr do Sol, que vale um livro. Vitor Hugo ensina: “*a alma do poeta, alma de sombra e de amor, é uma flor das noites, que se fecha de dia e se abre apenas para as estrelas*”. Lindo, pois se subia ao sol, descia para render-se a um simples lampião: “*Hoje, mudo e tristonho, envolve em densa treva,/ fantasma assombrador, que na amplidão se eleva, o vento passa enfim zombando do seu mal./ E o velho lampião, sozinho e tristemente,/ como um Poeta a cismar, torna-se indiferente,/ no insulto, e ao rancor da turba vil, boçal*”. Bem ao estilo do homem versátil que admira sabiamente as coisas da escala inferior.

Júlio Dantas em tese insistiu: “*Poeta do amor, tão belo que, se um dia os amores descessem à terra, fariam o ninho num verso seu...*” Desceriam por certo ninfas amorosas para festejar com Rubens tantos versos a elas cantados: “*quando de amor busquei um dia, louco! / beijar teus lábios, minha doce amada! / Nesse tempo eras tu – minha alegria – / mulher visão – meio mulher e fada!*” Rubens de Mendonça é o escritor mais fecundo de Mato Grosso pela diversidade e profundidade das letras nas veredas do belo e na fixação do nosso ser-povo na história. Amanhã, 8 de abril, Cuiabá celebra os 296 anos de fundação e oscula o seu ideal memorativo, prometendo-lhe retribuir tanto tempo e genialidade à cidade tributados. Afiança-lhe a comemoração centenária, reeditando todas as suas obras para democratizar o conhecimento, como do seu desejo sempre.

RUBENS DE MENDONÇA: A AMPLITUDE DO OLHAR HISTORIOGRÁFICO

Elizabeth Madureira Siqueira¹

DE QUEM ESTAMOS FALANDO?



Fonte: Arquivo da Casa Barão de Melgaço. Foto acervo Família Mendonça

Nasceu em Cuiabá-MT, aos 27 de julho de 1915, descendendo de Estevão de Mendonça e de Etelvina Caldas de Mendonça.

Seus estudos iniciais foram realizados junto ao Grupo Escolar Barão de Melgaço, tendo como primeira professora Tereza Lobo de Queiroz, educadora de escol.

Foi um dos grandes expoentes da literatura e poesia modernas, colaborando também de forma expressiva para a historiografia mato-grossense.

Como jornalista, contribuiu nos periódicos: *Correio da Semana*, *A Batalha*, *O Social Democrata*, *O Estado de Mato Grosso*, *Correio da*

¹ Doutora em Educação. Mestre em História. Membro do IHGMT e da AML. Profª. Aposentada pela UFMT. Curadora da Casa Barão de Melgaço. Desenvolve projetos de recuperação da memória de Mato Grosso.

Imprensa, Equipe e o Diário de Cuiabá. Nesse último, escreveu, por longos anos, artigos na coluna *Sermão aos Peixes*, sobre os costumes e personalidades regionais.

Publicou quase meia centena de títulos, tendo colaborado em diversos jornais e revistas.

Pertenceu à Academia Mato-Grossense de Letras, ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, instituição que lhe concedeu o título de *Secretário Perpétuo*, graças a sua brilhante atuação; à Associação Mato-grossense de Imprensa, onde foi Secretário, dentre muitas outras instituições. Seu nome foi atribuído a uma das mais importantes vias públicas de Cuiabá, que demanda ao Centro Político Administrativo, que passou a se intitular *Avenida Historiador Rubens de Mendonça*.

Após seu falecimento, aos 3 de abril de 1983, a família doou, ao Arquivo da Casa Barão de Melgaço, o seu acervo particular, composto de papéis, escritos e fotografias acumulados por Rubens de Mendonça e por seu pai, Estevão de Mendonça. Esse dossiê, no interior do Arquivo, tomou o nome de *Família Mendonça*.

A MEMÓRIA DE MATO GROSSO: UM COMPROMISSO HISTÓRICO

A historiografia de Mato Grosso teve início com os escritos dos cronistas que, no século XVIII, deixaram registrada a memória dos tempos coloniais (1719-1822). Os Anais, tanto do Senado da Câmara de Cuiabá, como de Vila Bela da Santíssima Trindade constituem relevantes documentos que, ano a ano, apontaram os fatos históricos da capitania de Mato Grosso. Esses escritos dependiam do olhar de seu produtor, das escolhas que ele fazia para relatar o ocorrido, por isso, no caso de pesquisa científica, é fundamental que se conheça e trace o perfil de cada vereador responsável pela redação dos Anais.

Durante o período imperial (1822-1889), Mato Grosso contou com relevantes escritos deixados pelos viajantes estrangeiros e nacionais que percorreram o território mato-grossense e deixaram registrados, tanto em letras como na iconografia, os cenários que observaram. Da mesma forma que os cronistas coloniais, esses viajantes privilegiaram aquilo que consideravam importante descrever e analisar, constituindo uma escrita bem próxima à origem e formação de seus produtores.

Ao lado dessa escrita, Mato Grosso, assim como outras províncias brasileiras, ganhou, especialmente a partir do Ato Adicional de 1834, independência político-administrativa, ocasião em que foram criados diversos organismos, antes centralizados no governo central. Foram

eles responsáveis pela geração de uma vigorosa massa documental capaz de reconstituir, administrativa, legislativa e juridicamente, os eventos. Foi o caso, no âmbito do executivo, a produção de relatórios anuais dos governantes, enriquecidos daqueles dos seus diretores, que administravam as diversas instâncias provinciais, como finanças, catequese, polícia, educação e outras instâncias. No âmbito legislativo, com a criação da Assembleia Legislativa Provincial de Mato Grosso, no ano de 1835, esse organismo passou a gerar uma expressiva massa documental relativa aos eventos no âmbito legislativo, a exemplo das atas de posse dos parlamentares, atas das sessões ordinárias e extraordinárias, assim como processos legislativos que consubstanciavam desde a apresentação do pré-projeto até a decisão final. De outro, com a criação da Justiça em Mato Grosso, quando foi instalado o Tribunal da Relação, em 1873, a memória do judiciário foi registrada em livros de ata das sessões do citado organismo, adicionadas do conjunto de processos que enriqueceram, sobremaneira, o conhecimento sobre a realidade de Mato Grosso.

Com a instituição da República brasileira (1889) ocorreu uma reestruturação administrativa em todos os três níveis, mas também novos organismos foram criados para socorrer o novo sistema político, a exemplo do Tribunal Regional Eleitoral, datado de 1932, responsável pela produção de um conjunto documental expressivo para a compreensão da realidade cidadã de mato-grossense. Pela Constituição de Mato Grosso de 30 de julho de 1891, o Ministério Público foi constituído e organizado nas funções principais que acumula hoje, constituindo-se em organismo de defesa de ordem jurídica, dos princípios democráticos e dos interesses individuais e coletivos.

No ano de 1933, foi instituída em Mato Grosso a Ordem dos Advogados do Brasil Seccional Mato Grosso, instituição de grande relevância na luta pelos direitos e que congregou em seus quadros inúmeros exponenciais da área jurídica e que estiveram envolvidos no âmbito do executivo, legislativo e, principalmente, no judiciário, na medida em que, pelo quinto constitucional, a OAB-MT passou a indicar representantes para atuar no Tribunal de Justiça, mas também junto ao Ministério Público e Tribunal Regional Eleitoral, dentre outros organismos. Estevão de Mendonça, pai de Rubens de Mendonça, foi rábula, ou seja, aquele profissional que não tinha curso superior em Direito, mas foi, assim como outros, acolhido na OAB, nela ingressando no dia 10 de setembro de 1934.

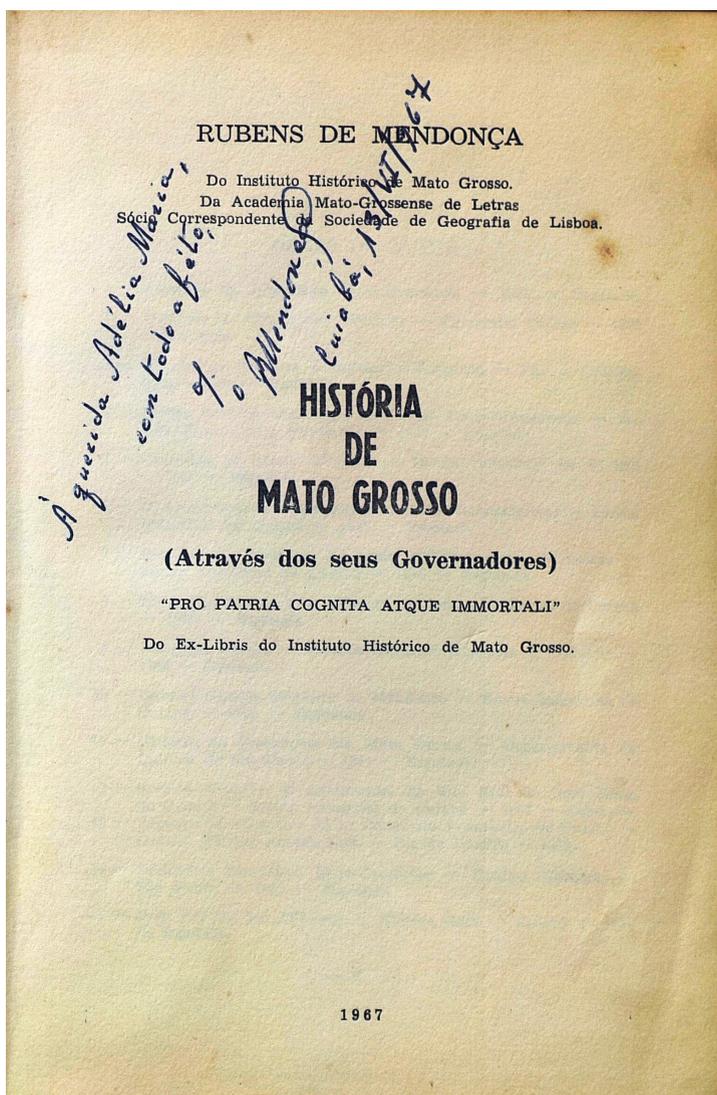
A primeira instituição que tomou para si o resgate da memória de Mato Grosso legada pelos anteriores foi o Instituto Histórico, criado

em 1919 e que reuniu uma plêiade de homens de cultura, a exemplo de Estevão de Mendonça, Virgílio Corrêa Filho, D. Francisco de Aquino Corrêa, José de Mesquita, Philogonio de Paula Corrêa, dentre outros, para desenvolver a tarefa de escrever oficialmente e pela primeira vez a História de Mato Grosso.

Estevão de Mendonça lançou, no mesmo ano de 1919, suas preciosas *Datas Matogrossenses*, descrevendo, dia a dia e respectivo ano, os fatos ocorridos em Mato Grosso. Nesse trabalho minucioso, de mais de 600 páginas, Estevão de Mendonça compilou dados, fatos, elaborou biografias e descreveu ocorrências que considerou mais relevantes para se conhecer o contexto mato-grossense, muitos deles vividos por ele. Seguiu-se a ele Virgílio Corrêa Filho, homem culto e de sólida formação científica, visto que engenheiro, dedicou grande parte de sua farta produção na recuperação e análise dos acontecimentos da História de Mato Grosso. O prof. de História do Liceu Cuiabano, Philogonio de Paula Corrêa, publicou inúmeros trabalhos que serviram de base na reconstituição da trajetória de Mato Grosso.

A essa primeira geração, seguiu-se a segunda, composta de intelectuais que dedicaram grande parte de seus escritos no aprimoramento da missão inicial do Instituto Histórico, a de tornar mais conhecido Mato Grosso. Dessa geração se incluem Rubens de Mendonça, Octayde Jorge da Silva, Gervásio Leite, Luis-Philippe Pereira Leite, Archimedes Pereira Lima, Lenine de Campos Póvoas e tantos outros que, levando à frente esse desiderato. Alguns deles, em especial Estevão e Rubens de Mendonça, Octayde Jorge da Silva e Lenine de Campos Póvoas, além da farta e valiosa produção, vislumbraram a necessidade de transmissão aos estudantes, um pouco da História de Mato Grosso.

A VASTA PRODUÇÃO INTELECTUAL E A AMPLITUDE DO OLHAR DE RUBENS DE MENDONÇA



Fonte: Biblioteca da Casa Barão de Melgaço

Esse foi o caso de Rubens de Mendonça que escreveu, em 1967, a primeira edição da *História de Mato Grosso*, distribuída fartamente nas escolas e reeditada por quatro vezes (1970, 1981 e 1982). Na década de 1960, compreendia-se por História de um determinado país

ou estado, as origens, os governantes e seus feitos, cindindo-se, nessa medida, a história administrativa, usual no Brasil e em outros estados da federação. Seguindo esse clássico modelo, Rubens de Mendonça iniciou sua *História de Mato Grosso* contando sobre a fundação de Cuiabá, pelos bandeirantes paulistas, passando ao período em que o governo metropolitano criou a Capitania de Mato Grosso (1748) e relacionando os governantes do período colonial e seus feitos. O mesmo modelo foi aplicado na análise dos períodos imperial (1822-1889) e republicano (1889----).



Fonte: Biblioteca da Casa Barão de Melgaço

Esse acanhado olhar sobre o contexto mato-grossense não bastou para Mendonça que, paralelamente, partiu para a recuperação de cenários diferenciados que, na sua ótica, mereciam ser melhor conhecidos. Foi o caso da cidade de Cuiabá, tão bem descrita por ele em *Ruas de Cuiabá* (1969), *Roteiro histórico e sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá* (1952), *Igrejas e sobrados de Cuiabá* (1978), dentre outros. A partir de *Ruas de Cuiabá* o leitor consegue compreender a dinâmica urbana de Cuiabá, uma cidade edificada sem qualquer planejamento, assim como conhecer a evolução da toponímia das vias públicas, mecanismo que retrata as significações e as forças políticas e culturais de cada época. Em *Roteiro histórico e sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá* pode-se perceber as significações que a capital teve para o autor, visto que o passeio traçado teve como mote, sem dúvida, as coisas do seu coração. *Igrejas e sobrados de Cuiabá* foi um esforço que Rubens implementou na recuperação da genealogia dessas edificações, que resvalam entre residências assobradadas e seus moradores, até templos e as múltiplas representações sacras para a população cuiabana.



Fonte: Biblioteca da Casa Barão de Melgaço

Na área da política, Rubens de Mendonça encontrou, ao longo de suas investigações, algumas lacunas que ele procurou completar, a exemplo de *O Tigre de Cuiabá* (1966), que versou sobre Luís Patrício da Silva Manso, um dos líderes da Rusga, deflagrada em Cuiabá no ano de 1834, *História das Revoluções de Mato Grosso* (1970), *História do Poder Legislativo de Mato Grosso*, em 2 volumes (1974), e *Sátira na política de Mato Grosso* (1978). Nesse conjunto de escritos são recuperados importantes eventos e personalidades da história política de Mato Grosso, tendo Rubens reunido, em *História das Revoluções de Mato Grosso*, acontecimentos que tiveram impacto no cenário de Mato Grosso. Na obra está estampado um rol de eventos políticos e de movimentos sociais desenrolados desde o século XVIII, passando o XIX e se estendendo até a segunda metade do XX. Não satisfeito, Rubens de Mendonça escreveu *Nos bastidores da História mato-grossense*, publicada em 1983, que versou sobre alguns aspectos pontuais da História, acrescentando igrejas, paisagem urbana, turismo, músicos e algumas personalidades, sem qualquer divisão por capítulos sequenciais, mas sim a apresentação de pontos isolados e sem qualquer

conexão aparente, mas estruturado a partir de significações que só o autor poderia revelar.



Fonte: Biblioteca da Casa Barão de Melgaço

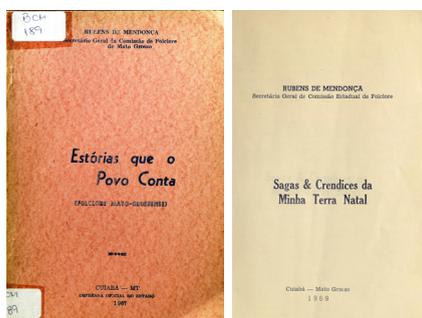
Como jornalista e um dos fundadores da associação dessa categoria, Rubens de Mendonça escreveu *História do jornalismo em Mato Grosso*, em duas edições (1951 e em 1963). A obra aborda a trajetória do jornalismo desde o Império, centrando maiores informações sobre a República. Considerando que Mato Grosso era uno, o jornalismo do atual Mato Grosso do Sul foi objeto de abordagem, mas o conteúdo não contempla só jornais, mas também revistas, boletins, almanaques e álbuns.



Fonte: Biblioteca da Casa Barão de Melgaço

O comércio não ficou de fora do seu olhar, ao publicar, no ano de 1973, a *História do Comércio de Mato Grosso*, onde tratou desde as precárias ações comerciais do período colonial, avançando para o império, ocasião em que Mato Grosso se abriu ao capital internacional, exportando erva-mate, poaia e borracha, além da expansão da pecuária, e avançando pelo século XX, quando Rubens de Mendonça tratou da comercialização dos produtos oriundos das primeiras indústrias mato-grossenses voltadas para a produção de açúcar oriundas das famosas usinas fixadas ao longo dos rios Cuiabá e Paraguai, e cujos proprietários tiveram expressão política de monta.

Os últimos capítulos da obra foram destinados às entidades de classe dos setores comerciais e industriais, sob o formato de associações, sindicatos, federações, com destaque para a Junta Comercial.



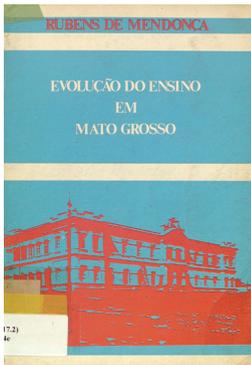
Fonte: Biblioteca da Casa Barão de Melgaço

Todas essas abordagens, porém, não bastaram para Rubens de Mendonça, que buscou no saber popular, que na época se intitulava 'folclore', a complementação das diversas facetas da História de Mato Grosso. No ano de 1967 publicou *Histórias que o povo conta*, reunião de diversos saberes populares, incluindo lendas e mitos, além da inclusão de personagens populares até então silenciados. Para coroar os estudos nessa área, veio a lume, em 1969, *Sagas e credences da minha terra natal*, onde foram incorporadas novas lendas e costumes presentes no universo popular, enriquecendo ainda mais a cultura material e imaterial de Mato Grosso.



Fonte: Biblioteca da Casa Barão de Melgaço

Além das obras de cunho historiográfico, jornalístico e cultural, a produção de Rubens de Mendonça extrapolou para o campo da literatura, onde ele se inseria como poeta. Iniciou com seu discurso de posse na Academia Mato-Grossense de Letras (1946), peça literária de grande valor estilístico, seguida de *Garimpo do meu sonho* (1939), *Álvares de Azevedo* (1941), *Cascalhos da ilusão* (1944), *No escafandro da vida* (1946), *Poetas Bororos* (1942), *Antologia Bororo* (1946), *Dom por do sol* (1954), *Poetas mato-grossenses* (1958), *Olavo Bilac, o poeta* (1965) e *História da Literatura Mato-grossense* (1970). Tais obras literárias inauguraram a escrita literária em Mato Grosso e, mais do que isso, Rubens de Mendonça pesquisou biografias e produções de muitos autores mato-grossenses, muitas delas inéditas, o que serviu para preservar textos que estariam, hoje, para sempre olvidados. Por isso, na década de 1970, publicou *História da Literatura Mato-grossense*, reunindo parte do conjunto de estudos anteriores. Pela relevância da obra, foi a mesma reeditada recentemente pela AML/Unemat, a fim de servir de guia de leitura aos estudantes de letras.

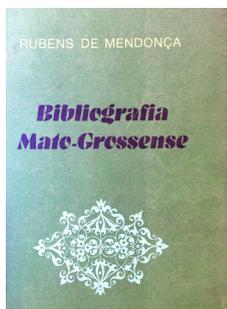


A área da Educação não lhe passou despercebida, ao escrever *Evolução do ensino*, obra que reconstitui historicamente a trajetória das principais instituições de ensino de Mato Grosso, a exemplo do Seminário Episcopal da Conceição, a primeira Escola Normal, os Liceus Cuiabano, de Artes e Ofícios, a Escola de Aprendizes Artífices, Escola Normal e Modelo, Escola Agrícola e Pastoral, Escola Superior de Comércio, Faculdade Mato-Grossense de Odontologia e Farmácia, as Faculdades de Direito, a Escola de Comércio, finalizando com a chegada da Universidade.



Fonte: Biblioteca da Casa Barão de Melgaço

Após tanta pesquisa, Rubens de Mendonça ainda brindou o público com obras que consubstanciaram personalidades, lugares e eventos, como: *Gabriel Getúlio Monteiro de Mendonça* (1949), *Os Mendonças em Mato Grosso* (1945), *Álbum comemorativo do 1º Congresso Eucarístico de Cuiabá* (1952), muito bem ilustrado e estampando textos e poesias. *Dicionário biográfico mato-grossense*, em duas edições (1953 e 1963), foi, durante praticamente a segunda metade do século XX, a única referência capaz de relacionar nomes e dados biográficos.



Rubens de Mendonça não poderia deixar de contemplar o público leitor com o levantamento bibliográfico utilizado por ele ao longo de suas pesquisas. Assim, *Bibliografia Mato-grossense*, foi publicada no ano de 1975, uma obra precursora na referenciação da produção intelectual de Mato Grosso e de consulta obrigatória para todos aqueles que se aventuravam nas investigações sobre Mato Grosso.

De perfil tão amplo e diversificado, Rubens de Mendonça poderia organizar e publicar, caso não falecesse, uma das mais amplas e diversificadas Histórias de Mato Grosso, graças ao volume de dados pesquisados e à diversidade das temáticas abordadas, o que, certamente, consubstanciaria um compêndio marcante para a trajetória historiográfica mato-grossense, seja pela diversidade de temas ou de abordagens. Foi mesmo uma pena!

Considerado um clássico da historiografia, do jornalismo e da literatura de Mato Grosso, Rubens de Mendonça representou, com muita propriedade, os intelectuais da segunda geração do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, visto ter cumprido a mais importante missão institucional: tornar Mato Grosso mais conhecido e, conseqüentemente, mais amado.

A Rubens de Mendonça, nosso respeito e nossa homenagem pelo seu centenário.

REFERÊNCIAS

MENDONÇA, Rubens de. *Álbum Comemorativo do 1º Congresso Eucarístico de Cuiabá Homenagem da Cidade ao Exmº Ermº Sr. Francisco de Aquino Corrêa*. Cuiabá: Aurora, 1952.

_____. *Álvares de Azevedo (o romântico satanista)*. V. III. Cuiabá: Tip. A. Evangelista, 1941.

- _____. *Bibliografia mato-grossense*. Cuiabá: EdUFMT, 1975.
- _____. *Cascalhos da ilusão*. Cuiabá: Escola Industrial, 1944.
- _____. *Dicionário Biográfico Mato-grossense*. Cuiabá: Gráfica Mercúrio S. A., 1953.
- _____. *Discurso de Posse do Acadêmico Rubens de Mendonça*. V. I. Cuiabá: Tipografia Escola Industrial, 1946.
- _____. *Dom Por do Sol*. Cuiabá: Sará, 1954.
- _____. *Estórias que o Povo Conta: folclore mato-grossense*. V. II. Cuiabá: Imprensa Oficial do Estado, 1967.
- _____. *Garimpo do meu sonho*. Cuiabá: Tipografia Calháo, 1939.
- _____. *História da literatura mato-grossense*. Goiânia: Rio Bonito, 1970.
- _____. *História das revoluções em Mato Grosso*. Goiânia: Rio Bonito, 1970.
- _____. *História de Mato Grosso*. Cuiabá: s. ed., 1967.
- _____. *História do Comércio de Mato Grosso*. Tomo MCMLXXIII. Goiânia: Rio Bonito, 1974.
- _____. *História do jornalismo em Mato Grosso*. Cuiabá: Imprensa Oficial, 1965.
- _____. *História do Poder Legislativo de Mato Grosso*. Vs. I. e II. Cuiabá: s/ ed., 1967.
- _____. *No Escafandro da Vida* (Verso). Cuiabá: Tip. Da Escola Industrial, 1946.
- _____. *Nos Bastidores da História Mato-Grossense*. Cuiabá: UFMT, 1983.
- _____. *O Humorismo na Política Mato-Grossense*. V. I. Cuiabá: 1976.
- _____. *O Tigre de Cuiabá*. Vol. I. Campo Grande: Ruy Barbosa, 1966.
- _____. *Os Mendonças de Mato Grosso*. Cuiabá: Escola Industrial, 1945.
- _____. *Poetas Bororos*. Cuiabá: Escolas Profissionais Salesianas, 1942.
- _____. *Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá*. 3. ed. Cuiabá: Edições da Igrejinha, 1975.
- _____. *Ruas de Cuiabá*. Goiânia: Cinco de Março, 1969.
- _____. *Sagas e Crendices de Minha Terra Natal*. Cuiabá: s./ed., 1969. (Cultura: Mato Grosso: Folclore).
- _____. *Sátira na política de Mato Grosso*. Cuiabá: Editora do Meio, 1978.

“SAGAS & CRENDICES” HISTÓRIA E ESTÓRIA EM RUBENS DE MENDONÇA

Anna Maria Ribeiro F. M. Costa¹

Mabel Strobel Moreira Weimer²

INTRODUÇÃO

Pretende-se evidenciar que o livro “*Sagas & crendices de minha terra natal*”, do historiador-folclorista³ Rubens de Mendonça (1915-1983), constitui-se em um importante percurso para Mato Grosso se dar a conhecer, especialmente ao alunado do Ensino Fundamental. Na trajetória, um foco de luz é lançado ao conflito da Rusga ocorrido em Mato Grosso, em 1834, justificado por ser um fato histórico de grande relevância e, ainda, ausente nos livros didáticos de História, como bem analisou Fanaia (2014, p. 105):

[...] o problema não reduz apenas à ausência do tema enquanto conteúdo do ensino de história do Brasil, porém constata-se a invisibilidade da história de Mato Grosso, de modo geral na produção de materiais didáticos para o ensino médio e fundamental, ou seja, faltam materiais didáticos ou paradidáticos.

Dividido quatro partes, visa apresentar uma ação didático-pedagógica aplicada aos alunos matriculados no segundo ciclo do Ensino

1 Pesquisadora do Centro Cultural Ikuiapá/Museu do Índio/Rio de Janeiro, Professora do Univag Centro Universitário de Várzea Grande, Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

2 Assessora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Várzea Grande, Professora do Univag Centro Universitário de Várzea Grande.

3 As autoras, sabedoras da vasta obra construída por Rubens de Mendonça ao longo de sua vida no campo da História, usam a designação “historiador-folclorista” exclusivamente em referência ao livro “*Sagas & crendices de minha terra natal*” (1969).

Fundamental, tendo como suporte o livro “Sagas & credences da minha terra natal”, de Rubens de Mendonça, escrito em 1969, enquanto Secretário Geral de Comissão Estadual do Folclore. Na primeira parte, “Mato Grosso sob o olhar de um historiador-folclorista”, uma breve biografia sobre Rubens de Mendonça é apresentada, com enfoque ao seu estilo literário que faz uma junção da história com o folclore. Em “Sagas & credences de minha terra natal”, são descortinadas as narrativas de Nhá França, a mentora que ensinou e guiou o menino Rubens na trajetória do folclore mato-grossense. “História e estória: a Rusga”, a terceira parte, atenta-se para o movimento da Rusga e suas imbricações com fatos pitorescos ainda presentes no imaginário do povo cuiabano, quando aporta-se em três contos: “Enterro do ouro”, “O chicote” e “Lágrimas do Bom Jesus”. Por último, em “Atividade didático-pedagógica” propõe-se ao Ensino Fundamental uma oportunidade para que o movimento da Rusga ganhe um espaço merecido na história de Mato Grosso e do Brasil.

Entre o real e o imaginário, fatos históricos e folclóricos unem-se numa estratégia didática que enriquece e complementa o conhecimento sobre a Rusga em Mato Grosso, com o intuito de despertar o interesse dos alunos nos conteúdos históricos, ainda trabalhados na perspectiva positivista.

Diante ao ilimitado interesse de Rubens de Mendonça pelo folclore, é o escritor posto lado a lado a Heitor Villa Lobos, Feliciano Galdino de Barros, Mário de Andrade e Luís Câmara Cascudo, que preocuparam-se em buscar no conhecimento popular ricas possibilidades para o entendimento da identidade multicultural brasileira.

Prefaciou o imortal da Academia Mato-grossense de Letras: “Em ‘Sagas & credences de minha terra natal’, Rubens de Mendonça reuniu o que há de mais belo e característico na tradição literária de Cuiabá”. (MENDONÇA, 1969, p. 3).

1. MATO GROSSO SOB O OLHAR DE UM HISTORIADOR-FOLCLORISTA

O historiador-folclorista Rubens de Mendonça acha-se ao lado de nomes como Mário de Andrade (1883-1945), Feliciano Galdino de Barros (1886-1938), Heitor Villa Lobos (1887-1959) e Luís Câmara Cascudo (1898-1986). Cada um ao seu modo, todos ícones da cultura brasileira, conseguiram mergulhar nas águas profundas da alma do Brasil. Lápis e batuta escreveram histórias, quando seguiram as trilhas do folclore para divulgar tradições e usos populares transmitidos de geração em geração, por tantas partes do país.

O escritor Mário de Andrade, que em viagem a descortinar o Brasil, muito além de encontrar “Dona Ausente”⁴, descobriu os “ritmos do samba rural, do choro, do frevo nordestino, da feitiçaria de pajelança, ritmos afros ou amazônicos” (BOSI, 2002, p. 23). Filho da terra mato-grossense, Feliciano Galdino de Barros, que em 1917 escreveu “Luz e sombras”, considerado o primeiro romance de ficção de Mato Grosso, deve ser lembrado também como um expoente do folclore. O livro “Lendas Mato-grossenses” faz

[...] fulgurar o espaço da cultura popular através das lendas recolhidas por Galdino, é uma forma de conhecer o saber popular, oportunizando ao leitor enriquecer e valorizar a cultura mato-grossense – que não se restringe ao universo letrado, culto, elitista –, mas é integrado, também, por outras formas de sentir, pensar e de conceber o mundo. Ambas se complementam, pois são detentoras de saberes diferenciados, porém não excludentes. (SIQUEIRA, 2001, p. 8).

Heitor Villa Lobos, índio de casaca ou Villá, como carinhosamente era chamado, rejeitou o ideal europeizante para cultivar com sua batuta a semente da brasilidade, a exemplo de “Uirapuru”, um de seus poemas indianistas sinfônicos. O conjunto de sua produção literária até hoje é aclamada “por ter sido o principal responsável pela descoberta de uma linguagem musical genuinamente brasileira, com obras que expressam nuances das culturas regionais, com elementos populares e indígenas” (COSTA, 2015, 7). O potiguar Luís da Câmara Cascudo, considerado o principal escritor a dar visibilidade às figuras fantásticas do folclore brasileiro, eternizou sua vivência no Dicionário do Folclore Brasileiro (1954) e em seus mais de cem livros. Saberes populares são as matérias-primas de seu trabalho, onde esculpiu a multiplicidade do povo brasileiro.

Revista Pindorama. Nome inspirado em um vocábulo Tupi-Guarani, Terra das Palmeiras. Fundada e dirigida Rubens de Mendonça, Gervásio Leite e João Batista Martins de Melo, representou em 1939, ano de sua fundação, a poética modernista em Mato Grosso.

O poeta moderno, participante ativo do grupo de Pindorama que ele mesmo define como o ‘grito de revolta contra o academismo’. Segundo o historiador, a proposta se justifica diante do atraso lite-

⁴ *O Sequestro da Dona Ausente*, um estudo que percebe a ausência da mulher no folclore luso-brasileiro, consiste em uma análise primordial sobre a cultura brasileira. O termo Dona Ausente vem do além mar, de terras portuguesas, para entender o sentimento amoroso dos homens navegantes para exaltar a ausência da mulher amada (COSTA, 2013, p. 5).

rário do Estado que ainda se encontrava em meio às manifestações românticas. Rubens de Mendonça, juntamente com Gervásio Leite, pretendeu a modernização das Letras mato-grossenses, expressando-se por meio do grupo modernista de Pindorama. Malgrado a frustração do grupo, articularam o Movimento Graça Aranha. (SILVA, 2007, p. 123)

Sem dúvida, Pindorama trouxe para Mato Grosso um novo estilo que se apartou do academicismo, concepção não aceita inicialmente. Por não suceder o que se esperava, o “grupo dos três”⁵, Gervásio Leite, Rubens de Mendonça e Euricles Motta, lança o movimento Graça Aranha⁶.

Rubens de Mendonça, com estilo literário ímpar, desenhou outro Mato Grosso. Sem distanciar-se dos fatos históricos, descortinou um Estado irrigado por “sagas & credices” que evidenciaram identidades sociais e criações culturais dentro de temporalidades efêmeras, pretéritas, contemporâneas. Como o percurso sinuoso dos rios a irrigar o Estado, o folclore, conservado no imaginário do povo, adentra em fatos da história mato-grossense a regar a constância de costumes tradicionais, indumentárias, crenças, superstições, lendas, festas e cantos.

História e folclore mostram-se em uma mesma exposição textual, como é o caso do livro “Sagas & credices da minha terra natal”. Especialmente ao tratar da Rusga (1834) e da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), fatos históricos do período regencial brasileiro ocorridos na Província de Mato Grosso, Rubens de Mendonça, com primor, toma posse de elementos do folclore e da credice para narrar particularidades dos episódios, com forte tendência a se perderem na estrada da “história”, da “estória”.

A propósito das palavras “história” e “estória” presentes no livro, que diferença há entre ambas? No ano de 1943, a Academia Brasileira de Letras eliminou a distinção gráfica entre história e estória, ao recomendar o emprego de “história” em quaisquer situações, ou seja, realidade ou ficção. Nos escritos de Rubens de Mendonça prevalecem as grafias, tornando-se evidente o uso da palavra “história” para fatos reais; “estória” para fatos fictícios, míticos, lendários, folclóricos.

5 As autoras usam o termo “Grupo dos três” em alusão ao “Grupo dos cinco” da Arte Moderna no Brasil, formado por Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Menotti del Picchia, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, defensores dos ideais da Semana de Arte Moderna, de 1922.

6 Sobre o Movimento Graça Aranha, escreveu Rubens de Mendonça: o movimento visou “levar à Nação a nossa mensagem feita de crença nas coisas do espírito, de solidariedade e de compreensão. Queremos transmitir à inteligência mato-grossense esse dinamismo criador que sacode todo o País na hora decisiva em que vivemos” (MENDONÇA, 2005, p. 172).

Real ou imaginário, não importa. O que Rubens de Mendonça quer com “sagas & credences” é mostrar o que tem sua terra natal de diferente das demais. Quer evidenciar o cuiabano que o folclorista é “uma das mais ricas fontes nas quais podem abeberar-se os estudiosos que desejam conhecer a verdadeira alma de um povo”, como Leal de Queiróz escreveu no prefácio. A tradição oral no livro do historiador-folclorista tem a mesma dimensão que as fontes oficiais, as fontes escritas. Lado a lado encontram-se “história” e “estória”. Em pé de igualdade, e não de oposição, acham-se o real e o imaginário.

Em “Sagas & credences da minha terra natal”, a imbricação história-estória, estilo estratégico na narrativa de Rubens de Mendonça, é conduzida à lembrança de Walter Benjamin, que denunciou de forma contundente o desprezo pelas tradições. Como afirmou o crítico literário de nacionalidade alemã, a vida humana é resultado de uma estreita vivência estabelecida entre o narrador e sua matéria, uma relação artesanal. A forma narrativa de Rubens de Mendonça enseja novas “histórias”, “estórias” que admitem “diversas interpretações diferentes, que, portanto, ela permanece aberta, disponível para uma continuação de vida que dada leitura futura renova” (BENJAMIN, 1994, 13).

“*Sagas & credences*” apresentam Karl von den Steinen, Antonio Pedro de Alencastro, Couto Magalhães, Maria do Carmo de Melo Rego, João Poupino Caldas, José Maria Macerata, José Antonio dos Reis, Barbosa de Sá, Joaquim Ferreira Moutinho, Moreira Cabral, José de Mesquita e tantos outros personagens da “história”. A estes, misturam-se aos da “estória”: Currupira, Tibanaré, Lobsomem, Bruxa, Minhocão do Pari, Negrinho d’água. Figuras imaginárias ao lado das reais percorrem a Província de Mato Grosso, a Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá. Navegam o rio Cuiabá. São transeuntes do Morro da Prainha, Freguesia de D. Pedro II, do Porto, da Rua de Cima, da Rua do Meio, da Rua de Baixo, da Zona Velha, do Largo da Matriz, do Beco do Candieiro, do Beco Torto, do Beco do Xixo, do Largo da Mandioca. Adentram a Igreja de São Gonçalo, a Igreja Matriz. Sobem a Colina do Rosário.

Nhá França, a saudosa babá. É Rubens de Mendonça quem confessou: “boa velha na sua ingenuidade, acreditava piamente nela” (MENDONÇA, 1969, p. 27). Na constituição do relato, personagens históricos chamam por personagens folclóricos. Foi Nhá França quem ensinou a Rubens de Mendonça que o narrador precisa ter a habilidade de trocar experiências. Era, sem dúvida, sua “forma artesanal de comunicação”, nos ditos benjaminianos. Contos arraigados a uma tradição oral coletiva, “cronologia da história de Cuiabá”, como identificou o imortal Leal Queiroz.

Nas lições de Nhá França, o menino Rubens de Mendonça percorreu espacialidades e temporalidades múltiplas; desbravou “um Mato Grosso esquecido no coração do Brasil”. O passar dos tempos o transformou em “um desbravador das letras, das histórias, das peculiaridades”. A narrativa oral da babá Nhá França era um produto de sua experiência, da extensão de sua vida.

Em “*Sagas & credences da minha terra natal*”, Rubens de Mendonça, um historiador-folclorista, trouxe para sua narrativa a tradição oral que carrega pedaços da história. São jeitos de contar histórias (ou “estórias”?) que não se encontram em nenhuma outra fonte. Mesmo que sofram variações com o passar dos tempos, em seu cerne se conservam intocadas.

2. SAGAS & CRENDICES DA MINHA TERRA NATAL: UM PERCURSO ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO

Nos contos de Rubens de Mendonça, evidenciam-se saberes e experiências de pessoas simples, instauradas num espaço social, dinâmico e fruto do seu tempo – a cidade de Cuiabá, comemorando, naquele momento, 1969, seus 250 anos. Coincidência ou não, apresenta-se este texto, no exato momento em que completou essa cidade, seus 296 anos. O autor demonstra a construção da identidade e da história de uma comunidade ou grupo humano, como agente social e produtor de cultura.

É com a imagem daquele rosto salpicado pelos sinais da varíola de 1867, de Nhá França, que o autor desenvolve a obra “*Sagas & credences da minha terra natal*”. Assim, retrata o humano e os aspectos de sua cultura, em que a tradição oral é reafirmada pela magnitude da escrita.

Instigante e instrutiva, a obra já no seu índice dá evidências do conteúdo histórico e cultural a abordar: Cabeça de pacu; O nome de Cuiabá; Senhor Bom Jesus; A alavanca de ouro; Mãe de ouro; O crime de Ogun; Enterro de ouro; O chicote; Nossa Senhora do Carmo; Frei Macerata; O milagre da Custódia; Lágrimas do Bom Jesus; O ouro do defunto; Missa do galo; Laranjeiras cuiabanas; A visão; Padre do bate bruaca; Lobisomem; Minhocão do Pari; Mula sem cabeça e Tibanaré.

Apresenta a história do nome Cuiabá e do seu povoamento com a chegada dos bandeirantes paulistas, com ênfase nas viagens de percurso fluvial pelo rio Tietê. E nesse contexto dialogal, o pacu, peixe de água doce que representa o símbolo da fixação em Cuiabá – “quem come cabeça de pacu não vai mais embora desta terra”, faz parte do enredo da obra de Rubens de Mendonça.

O acontecimento da Rusga, a Guerra do Paraguai, a sociedade escravocrata e o trabalho nas escavações em busca do ouro em Mato Grosso são aspectos apresentados e que podem ser didaticamente trabalhados, de forma contextualizada com história do Brasil.

3. HISTÓRIA E ESTÓRIA: A RUSGA

Em “Sagas & credences de minha terra natal”, nas páginas reservadas às sagas, dois principais fatos históricos são apresentados: a Rusga e a Guerra da Tríplice Aliança. O primeiro é narrado em três episódios, a saber: “Enterro de Ouro”, “O chicote” e “Lágrimas do Bom Jesus”. O conflito que envolveu o Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai apresenta-se nos contos “Senhor Bom Jesus” e “Nossa Senhora do Carmo”. Nesta discussão, optou-se em analisar a Rusga por ser um movimento ainda tão silenciado nos livros de história, conforme evidenciou Fanaia (2012, p. 60): a “História do Brasil, não é articulada com a História de Mato Grosso, ou seja, a História regional fica díspar da História nacional, longe de abranger os objetivos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS)”.

Durante o decênio do período regencial (1831-1840), no ano de 1834, na Província de Mato Grosso, eclodiu o movimento político-social da Rusga. Da abdicação de D. Pedro I à aclamação da maioridade de D. Pedro II, o Brasil atravessou um dos mais importantes períodos da história brasileira.

O período regencial foi um dos mais agitados da história política do país e também um dos mais importantes. Naqueles anos, esteve em jogo a unidade territorial do Brasil, e o centro do debate político foi dominado pelos temas da centralização ou descentralização do poder, do grau de autonomia das províncias e da organização das Forças Armadas. (FAUSTO, 2007, p. 161).

Nesse período, além da Rusga, em Mato Grosso, ocorreram várias rebeliões pelo país. A “Noite das Garrafadas”, manifestação ocorrida anteriormente à abdicação de D. Pedro I, em 1831, quando foi recebido com uma manifestação noturna de luminárias. Em um livro dedicado ao público infantojuvenil, Viriato Corrêa (1946, p. 195) escreveu:

Os portugueses iluminaram o quarteirão chamado português (as atuais ruas do Rosário, Ourives, Quitanda, Primeiro de Março, Teófilo Otoni etc.) e puseram-se a soltar foguetes, a dar vivas ao imperador e morras aos brasileiros. Os brasileiros invadiram o

quarteirão, apanharam os portugueses descuidados e lhes deram uma sova de pau.

De um lado, os portugueses a apoiar o imperador; de outro, os brasileiros em oposição ao imperador. Os “cabras” – os brasileiros – atacaram as casas iluminadas dos “marinheiros”, “pés-de-chumbo”, “marotos”, “caramurus”, nomes atribuídos aos portugueses, que revêdaram com garrafas e cacos de vidro. O episódio, um dos principais acontecimentos do período imediatamente anterior à abdicação do monarca, em 1831, culminou na dissolução do ministério, de caráter moderado, substituído por outro, de tendência absolutista, o que provocou ainda mais os ânimos dos opositores.

Com a abdicação, completa-se o processo de independência. Os portugueses que ocupavam os principais postos da administração pública são substituídos por brasileiros. O grupo brasileiro, ao desvencilhar-se do imperador e seus auxiliares, passava a controlar sozinho o aparelho do Estado. (MONTEIRO, 1990, p. 121).

Contudo, a abdicação de D. Pedro I e a instauração da Regência não cessaram as manifestações de protesto. Poucos anos depois, pelo Brasil eclodiram diversos movimentos: Cabanada (1832), no Grão-Pará, Farroupilha (1835), no Rio Grande do Sul, Cabanagem (1935), no Pará, Sabinada (1937), na Bahia, e Balaiada (1838), no Maranhão. A instabilidade que perpassou o período regencial descreveu um descontentamento da população com o poder central de uma nação recém-independente. “A tropa e o povo”, como escreveu o historiador Boris Fausto (2007, p. 164), foram os protagonistas de inúmeras rebeliões, dentre elas, a Rusga (1834), em Mato Grosso.

A província de Mato Grosso, sob a presidência do conservador Antônio Maria Correa, viu-se em meio aos confrontos políticos. De tendência liberal, seus adeptos empunharam a bandeira da autonomia política das províncias, da reforma de velhas práticas coloniais. Do outro achavam-se os portugueses à frente da manutenção de uma política centralizada e dos mesmos privilégios do período que antecedeu a independência. O conflito teve como causa o confronto entre liberais e conservadores. Os conservadores possuíam entre seus membros muitos portugueses, defendiam a centralização e se reuniam no Sociedade Filantrópica. Com armas na mão, os liberais, representados pela Sociedade dos Zelosos da Independência, pretendiam retirar os portugueses do poder.

Antes do levante, autoridades locais, ao tomarem conhecimento das intensões dos liberais, tentaram desarticular o movimento. Como estratégia política, elegeram o tenente-coronel João Poupino Caldas, aliado dos liberais, o novo presidente da província. Mas, o ato não foi satisfatório a ponto de abrandar os ânimos dos revoltosos. Em de maio de 1834, estampido de tiros e vozes a bradar palavras de repúdio contra os portugueses quebraram o silêncio da madrugada. Um grupo de revoltosos seguiu em direção ao Campo do Ourique para tomar o Quartel dos Guardas Municipais.

A ala radical chefiou o movimento eclodido na noite do dia 30 de maio de 1834, tendo à frente a Guarda Nacional. Reunidos no Campo do Ourique [...], os revoltosos tomaram o Quartel dos Guardas Municipais, impedindo que esse corpo militar desse cobertura ao governo da Província, na repressão ao movimento. (SIQUEIRA, 2002, p. 89)

A Rusga contou com a defesa da Guarda Nacional que tomou o quartel dos Municipais e se colocou à frente da ação revolucionária. As ruas da capital foram o palco do levante. Os liberais reprimiram o revide dos soldados oficiais e saíram em perseguição aos “bicudos”, termo depreciativo dado aos portugueses, originário do sobrenome de Manuel de Campos Bicudo, bandeirante considerado o primeiro homem de descendência portuguesa a se fixar na região. A manifestação dos “rusguentos” saqueou as casas dos portugueses e matar cada um que se colocasse em seu caminho. A orelha decepada do inimigo morto seria tomada como troféu.

João Poupino Caldas, ao receber a notícia da revolta, pediu ao bispo de Cuiabá, D. José Reis, que tentasse conter a fúria popular. O bispo, atendendo ao pedido do governante, foi ao Campo do Ourique portando um crucifixo com a intenção de exorcizar o povo. (CAVALCANTE, 2006, p. 39).

A violenta ação causou a morte de centenas de pessoas. Após o incidente, providências foram adotadas, com o intuito de prender e julgar os líderes e participantes do movimento. De início, Poupino Caldas preferiu contornar internamente a situação e não informou aos órgãos do governo imperial. Contudo, sem alternativa, diante ao clima de tensão e violência, o governo central foi notificado oficialmente. A nomeação de Antônio Pedro de Alencastro como novo presidente da província deu início à intervenção, quando os principais representantes do movimento foram presos e mandados para o Rio

de Janeiro. Siqueira (2002, p. 90) elencou os líderes da Rusga, um movimento das elites cuiabanas:

Pascoal Domingues de Miranda (Bacharel em Direito e Juíz de Direito de Cuiabá), Brás Pereira Mendes (Professor de Filosofia e Lógica), José Jacinto de Carvalho (Promotor Público), Bento Franco de Camargo (Vereador da Câmara de Cuiabá, Secretário da Sociedade dos Zelosos da Independência), Caetano Xavier da Silva Pereira (Bacharel em Direito, Vereador da Câmara de Cuiabá e Major da Guarda Nacional).

Mesmo que nenhum dos envolvidos tenha sido punido pelas autoridades, a disputa não chegava ao fim. Mas, em 1836, quando João Poupino Caldas planejou deixar a província por se encontrar desprestigiado politicamente, foi misteriosamente assassinado. Uma bala de prata, munição comumente utilizada para matar traidores, atingiu suas costas. Inconformados com o resultado do levante, os liberais tornaram públicas suas impressões sobre a Rusga através de um manifesto anônimo publicado na imprensa do Rio de Janeiro. Assina o manifesto: “O Amigo da Justiça” (IHGMT, 2001, p. 29).

No livro “Sagas e credices de minha terra natal”, a Rusga, uma movimentação das elites cuiabanas, foi um dos fatos históricos ocorridos em Mato Grosso que recebeu atenção especial de Rubens de Mendonça. Narrado em três episódios – “Enterro de Ouro”, “O chicote” e “Lágrimas do Bom Jesus” – que fazem referência à violenta rebelião que marcou os primeiros anos do Período Regencial na província de Mato Grosso. Das ruas de Cuiabá, entre os anos de 1834 a 1837, da oralidade e da escrita, originaram-se histórias e estórias de uma rebelião das elites.

Em “Enterro de Ouro”, Rubens de Mendonça, ao desenhar o cenário da cidade – “naquela velha casa, ali na rua de Cima” – escreveu: “era o tempo da Rusga. Revoltado o batalhão, andavam os soldados pelas ruas, pelas casas, pelos sítios vizinhos, procurando bicudos para matar” (MENDONÇA, 1969, p. 29). Portugueses, em fuga, deixaram suas riquezas enterradas no interior de suas casas: ouro em barra, joias e prataria. Como muitos deles foram assassinados e outros tantos não retornaram à cidade, suas casas localizadas na zona velha, Rosário, Rua de Cima, Rua de Baixo, Rua do Meio, Beco do Candieiro, Beco Torto e Largo da Mandica passaram a ser lugar de exploração de riquezas, quando paredes e assoalhos foram escavados.

Juntos em “O chicote”, história e folclore contam sobre o violento levante ocorrido na província: o quartel tomado de assalto e o povo

aglomerado no pátio da Igreja Matriz ao som de estríduos gritos, da troada de espingardas, das badaladas de sinos, dos toques de cornetas e da ressonância de caixas de guerra. Ruídos ritmados por sentimentos de padecimentos de horror, angústia e confusão embebecidos por lágrimas e sangue. O Bispo Dom José Antônio dos Reis, convocado para dissipar a movimentação, diante do quartel recebeu ameaças de um soldado que após proferir palavras de insulto ao dignatário da igreja, tentou agredi-lo com um chicote que, por uma ação misteriosa, ficou suspenso no ar.

Em “Lágrimas do Bom Jesus”, a revolta foi demonstrada nos versos gritados pelos rusguentos que seguiam em marcha pelas ruas da cidade: “Embarca bicudo, embarca/ Embarca, canalha vil/ Que Brasileiros não querem/ Bicudos no Brasil”. Na condição de narrador, o historiador-folclorista, após elencar os nomes dos cabeças, posicionou o Coronel João Poupino Caldas à frente da tropa de soldados que deu voz de prisão aos revoltosos. A enorme matança ocorrida durante a Rusga foi expressa na procissão do Senhor Bom Jesus, quando os olhos da imagem do santo padroeiro da cidade surgiram em lágrimas, no primeiro dia de janeiro do ano de 1835.

“Enterro de Ouro”, “O chicote” e “Lágrimas do Bom Jesus”, presentes na primeira parte do livro de Rubens de Mendonça, demonstram um dos estilos literários do escritor cuiabano ao associar fatos históricos às crenças e superstições. “História” e “estória”, saber histórico e saber popular propiciam o enriquecimento e a valorização da cultura mato-grossense, ambos integrados a diferentes formas de se conceber o mundo.

4. ATIVIDADE DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Fatos históricos e folclóricos se apresentam na obra de Rubens de Mendonça como uma autêntica proposta de educar para a cidadania, melhor ainda, para a cuiabania aberta ao intercultural, para o enraizamento da cultura, tanto dos nativos como daqueles imigrantes que escolheram a capital do Estado de Mato Grosso e terra natal de Rubens, para nela residirem e, conseqüentemente, estabelecerem laços interculturais.

Para além do estudo da Rusga no Ensino Fundamental, o livro pode ser trabalhado didaticamente pela pluralidade de formas de vida, pelo enriquecimento favorecido pelas narrativas de seu tempo e de sua linguagem específica do linguajar de um povo, jamais como representante de um grupo cultural fechado.

Sabe-se que no Brasil as características das regiões são diversas e diferenciadas um país complexo e multifacetado onde as migrações têm colocado em contato grupos diferenciados e a convivência entre estes grupos pode ser marcada pelo preconceito e pela discriminação ou pela solidariedade e respeito. O local favorável à aprendizagem de vivência num espaço público e que permite a coexistência, em igualdade, dos diferentes é a escola. Assim, especial atenção ao currículo escolar pode ser o caminho para a formação humana com base na tolerância e na alteridade para a constituição de uma cultura de paz.

Uma formação que primeiramente pergunte: qual a concepção de ser humano subjaz essa formação pluricultural ou intercultural? O que se entende por pluralidade cultural? Ao pressupor o ser humano como agente social e produtor de cultura, um sujeito ativo e sócio cultural evoca-se a emergência de suas histórias, de sua linguagem de seus sentimentos, de suas subjetividades delineadas no movimento do tempo em interação com o espaço.

Em se tratando de proposta pedagógica para as escolas da Educação Básica no Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação, elaborados em 1998, apresentam o tema da Pluralidade Cultural como proposta curricular transversal:

Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira. (BRASIL, 1998, p. 121).

A proposta sugere como estratégias didáticas e pedagógicas o levantamento e a valorização das formas de produção cultural mediadas pela tradição oral, com ênfase nas tradições culturais transmitidas oralmente num grupo social. Fundamenta na questão da ancestralidade em que

[...] os episódios são narrados por aqueles a quem o grupo delega autoridade para falar e reconhece a legitimidade da fala, respeitados pelas informações que receberam dos antepassados e pelo testemunho do grupo de suas experiências e sabedoria. (BRASIL, 1998, p. 122).

Na esteira dessa discussão e tendo como suporte a obra “Sagas & lendas da minha terra natal”, do historiador Rubens de Mendonça, as ações didáticas e pedagógicas especialmente para salas de aulas do 2º ciclo do Ensino Fundamental ou do 4º ao 6º ano. Dentro e fora de

sala de aula podem ser empregadas estratégias como o uso da tradição oral, da leitura deleite, da aula campo para conhecer a cidade, suas ruas e seus patrimônios históricos como igrejas, bibliotecas, museus, etc., das visitas aos pontos turísticos, das entrevistas aos moradores antigos da cidade, da pesquisa para confeccionar um glossário de vocabulário do linguajar popular, dentre outras.

Considerando as áreas do conhecimento, encontra-se na obra de Rubens de Mendonça conteúdos latentes das Ciências Humanas e Sociais, com ênfase no movimento social da Rusga. Em relação aos aspectos da “estória”, conteúdos tais como o folclore através das lendas, credices e religiosidades. Na sensibilidade da linguagem, Rubens de Mendonça transversa todas as outras áreas do conhecimento, com a propriedade de um historiador que conta e reconta o seu mundo nos acontecimentos que a tradição oral lhe proporcionou compreender e que ele, sabiamente, soube interpretar e registrar com a sensibilidade de alguém que se encanta com a cultura de sua cidade e não tem medo de expor o amor por sua terra natal.

Com frases e textos Rubens de Mendonça auxilia os seus leitores a transportarem para um passado que apesar de longínquo, fica vivo e latente na memória histórica atual. Dessa maneira, as dimensões históricas e culturais de fatos que marcaram a história de Mato Grosso, do Brasil, especialmente o da Rusga, favorecem um pensamento crítico, histórico e social sobre os espaços onde professores e estudantes estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rubens de Mendonça auxilia seus leitores a transportarem-se para um passado que apesar de longínquo, fica vivo e latente na memória histórica atual. Personagens reais e imaginários da Província de Mato Grosso, da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá singram o rio Cuiabá, sobem o Morro da Prainha e a Colina do Rosário, caminham pela Freguesia de D. Pedro II, do Porto, da Rua de Cima, da Rua do Meio, da Rua de Baixo, da Zona Velha, do Largo da Matriz, do Beco do Candieiro, do Beco Torto, do Beco do Xixo, do Largo da Mandioca. Chegam à Igreja de São Gonçalo, à Igreja Matriz.

Esta apresentação pretendeu evidenciar que o livro “*Sagas & credices de minha terra natal*”, do historiador-folclorista Rubens de Mendonça, é constituidor de um rico percurso para o conhecimento do Mato Grosso. Uma luz foi projetada ao conflito da Rusga ocorrido em Mato Grosso, em 1834, tendo por base três contos: “Enterro do ouro”, “O chicote” e “Lágrimas do Bom Jesus”. A escolha se

deu por ser um fato histórico que colocou a província mato-grossense ao lado de outras regiões do país que clamavam pela instauração de uma nova ordem social e política e por ainda se achar esquecido nos livros didáticos de História. A proposta didático-pedagógica também propicia uma aula de campo, quando professores e alunos poderão percorrer os lugares citados em “*Sagas e Crendices de minha terra natal*”, concomitantemente à ouvir sobre os acontecimentos da Rusga.

“*Sagas & crendices de minha terra natal*”, nascidas das narrativas de Nhá França, a babá tão respeitada por Rubens de Mendonça, descortinam a Província de Mato Grosso com “histórias” e “estórias” do folclore mato-grossense. História e folclore unidas em um mesmo tecido textual para despertar nos alunos a vontade de estudar história da sua região, do seu Estado, do Brasil.

REFERÊNCIAS

- BOSI, A. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Temas Transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAVALCANTE, Else. **História de Mato Grosso**: para concursos de exames vestibulares. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2006.
- CORRÊA, Viriato. *História do Brasil para crianças*. 13^a. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946 (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Literatura Infantil, Série 1^a, v. 18).
- COSTA, Anna Maria Ribeiro F. M. O índio de casaca. *Circuito Mato Grosso*, v. 529, 26.03.2015 a 02.04.2015, p. 7. Também disponível em: <http://circuitomt.com.br/flip/529/#19/z>. Acesso em: 28.03.2015.
- COSTA, Anna Maria Ribeiro F. M. Dona ausente. *Circuito Mato Grosso*, v. 464, 31.10.2013 a 06.11.2013, p. 5. Também disponível em: <http://circuitomt.com.br/flip/464/#17/z>
- FANAIA, Maria de Lourdes. A Rusga: entre a história e a historiografia. In: SENA, Ernesto Cerveira de; PERARO, Maria Adenir (Orgs.). *Rusga: uma rebelião no sertão: Mato Grosso no período regencial (1831-1840)*. Cuiabá: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 2014, p. 103-113.
- FANAIA, Maria de Lourdes. O silêncio sobre a rusga nos livros didáticos de História. *Revista Territórios e Fronteiras*, v. 5, nº 2, jul.-dez., p. 61-69, 2012. Cuiabá: EdUFMT. Disponível em: <http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/165>. Acesso em 31.03.2015.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12^a. ed., 2^a reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007 (Didática, 1).

IHGMT. *Acontecimentos da Rusga*. Manifesto Anônimo. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2001 (Publicações Avulsas, 36).

MENDONÇA, Rubens de. *História da literatura mato-grossense*. Cáceres: UNEMAT, 2005.

MENDONÇA, Rubens de. *Sagas & lendas da minha terra natal*. Cuiabá: s/ed., 1960.

MONTEIRO, Hamilton de Mattos. *Da independência à vitória da ordem: da colonização portuguesa à modernização autoritária*. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 111-129.

SILVA, Rosana Rodrigues da. A poesia mato-grossense na mira do historiador, crítico e poeta Rubens de Mendonça. *Terra Roxa e Outras Terras*, v. 9, p. 117-124, 2007.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

_____. Apresentação. In: BARROS, Feliciano Galdino de. *Lendas mato-grossenses*. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2001, p. 7-8 (Publicações Avulsas, 25).

SINE IRA ET STUDIO / SEM CÓLERA NEM FAVOR

João Antonio Botelho Lucidio¹

Histórias das Revoluções em Mato Grosso é o título de capa de um dos muitos livros escritos por Rubens de Mendonça. Já na página interna esclarece-se que o autor era membro de instituições de notório saber, como o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, a Academia Mato-Grossense de Letras e Sócio Correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa. Informa-se também que a obra traz um “capítulo de autoria de General Carlos de Meira Matos, então Comandante do 16º Batalhão de Caçadores, sobre a Revolução de 31 de março de 1964” (MENDONÇA, 1970, contracapa).

No *antelóquio*, o autor, ao citar Tácito, afirma que a sua escrita da história busca a neutralidade científica: “*Sine ira et Studio/Sem cólera nem favor*” - que utilizamos no título do artigo. O fato de o livro ter sido editado em 1970 e apresentar um capítulo, “sobre a Revolução de 31 de março de 1964”, escrito pelo “General Carlos de Meira Matos, então Comandante do 16º Batalhão de Caçadores, que conduziu aquela Unidade do Exército a Brasília, chefiando neste Estado a Revolução²” (MENDONÇA, 1970, p. 6), apontam um lugar político para a obra “Histórias das Revoluções em Mato Grosso” - fato que não a desmerece.

Diante do exposto e considerando que no ano de 2014, a *Revolução e/ou Golpe Militar* de 1964, depende da perspectiva política e teórica de quem nomina/estuda o evento, completou 50 anos a análise de tal obra faz-se pertinente. Assim, apesar de *Histórias das Revoluções em Mato Grosso* de Rubens de Mendonça ter sido concebido num contexto político muito específico, não perdeu sua atualidade.

1 Professor do Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, doutor em História Moderna pela Universidade Nova de Lisboa e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

2 Vale esclarecer que em 1970 o “Exmo. Sr. General Carlos de Meira Matos, como reconhecimento de sua atuação no processo que desencadeou a “Revolução de 31 de Março de 1964”, desde Brasília, e tendo se destacado por sua lealdade ao novo regime político, fora transferido para o comando da Academia Militar das Agulhas Negras. Portanto, ele não estaria no Comando do 16º Batalhão de Caçadores com sede em Cuiabá.

Com a ascensão dos militares ao poder pós-1964 e durante os anos que estiveram no comando do país, o pensar a escrita da história política, no universo da produção de conhecimento nas universidades brasileiras, foi relegado a segundo plano. Naquela temporalidade ocorreu a fundação da Universidade Federal de Mato Grosso e a criação do seu curso de História. Poucos anos depois, as pesquisas de seus professores redimensionariam as formas de escrita da história no âmbito regional. Entretanto, os novos saberes tiveram que dialogar com os saberes já constituídos. Assim, queremos destacar como *Histórias das Revoluções em Mato Grosso*, ao ser alvo de críticas, foi tomado como referência, ponto de partida, para as novas reflexões.

Tratemos primeiro do lugar social do autor. Quanto aos possíveis limites da obra, serão percebidos à medida que demonstrarmos como temas suscitados por ela foram objetos de novas pesquisas no âmbito dos espaços acadêmicos universitários.

Rubens de Mendonça era um cidadão bem formado e, por origem e tradição, membro da elite intelectual e política local. Seu pai (Estevão de Mendonça) vivenciou e esteve ou foi envolvido em algumas das sangrentas disputas políticas que marcaram a implantação do regime republicano em Mato Grosso. Nasceu em 1915 e um ano depois ocorreria o episódio conhecido como “*Caetanada*”, o último em que os líderes políticos mato-grossenses constituíram milícias armadas para se digladiarem. Portanto, foi educado num clima de relativa paz política. Ao mesmo tempo, a ascensão de Dom Aquino Corrêa da Costa à Presidência do Estado (1918) recolocaria seu pai nos espaços de poder junto à intelectualidade cuiabana.

A presença intelectual do seu pai parece ter sido muito marcante na sua formação e obra. Estevão de Mendonça foi tido e reconhecido, ao lado de Virgílio Corrêa Filho, entre os principais historiadores de Mato Grosso da primeira metade do século XX. Dentre seus feitos merecem destaque: a direção do Arquivo Público de Mato Grosso, a co-edição dos sete volumes da *Revista O Arquivo* (1904-1906), as publicações de *Quadro Coreográfico de Mato Grosso* (1906), *Datas Mato-Grossenses* (1919) e ser membro fundador do Instituto Histórico de Mato Grosso (1919).

Vivendo numa época em que não havia historiadores de ofício em Mato Grosso, Rubens de Mendonça, assim como fizera seu pai e vários outros homens de boa formação intelectual, se preocupou em resgatar a história de sua terra natal. Todavia, sua aproximação com a escrita da história foi lenta e gradual.

A acompanharmos a cronologia das obras que publicou verificamos, grosso modo, a trajetória a seguir resumida.

Nos anos de 1938/50 sobressaem as aproximações com a literatura e com a genealogia dos *Mendonças* – apenas um trabalho de narrativa histórica *Esboço de um Capítulo da História Colonial de Mato Grosso* (RIHMT, 1943/44, pp. 155-188).

Nas décadas de 1950/60 o gosto pela história se intensificou e surgiram os primeiros trabalhos que podem ser considerados como de maior fôlego: *História do Jornalismo em Mato Grosso* (1951) e *Roteiro Histórico & Sentimental da Vila do Senhor Bom Jesus do Cuiabá* (1952). A literatura e a biografia continuariam presentes no seu campo de estudos. Todavia, desde meados dos anos de 1960 até os de 1980 a história passou a ocupar a centralidade de seus escritos. “*Histórias das Revoluções em Mato Grosso*” se insere nesta última fase de suas reflexões.

Com 205 páginas, o corpo do livro é dividido em 19 capítulos e bibliografia. Cada um dos capítulos é dedicado a um episódio de “revolução” em terras mato-grossense. De imediato, salta aos olhos a preocupação do autor em relacionar os eventos regionais com os que ocorriam em outros espaços do Brasil, bem como de indicar diferentes abordagens que contemplaram muitos daqueles eventos. Dentre outros exemplos destacamos: a *Deposição de Magessi* (Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho), relacionada com a insatisfação das elites provinciais que levou a independência do Brasil; as “revoluções” advindas da difícil implantação do regime republicano; bem como as disputas oriundas da chamada “Revolução de 1930”.

O manuseio/ausência de dois conceitos nos permite entender o lugar político do autor e os limites, posteriormente anotados, de *Histórias das Revoluções em Mato Grosso*. O primeiro deles é a crença na neutralidade do trabalho do historiador. Já o segundo traduz-se na indefinição de um conceito de revolução o que dificulta, inclusive, entender a escolha e a caracterização das “revoluções” por ele abordadas na obra.

No *antelóquio* de *Histórias das Revoluções em Mato Grosso*, Rubens de Mendonça se propõe escrever um livro neutro. Segundo suas palavras, os livros que existiam e, que de alguma forma trataram das “revoluções” em Mato Grosso, foram escritos por pessoas envolvidas em um ou outro daqueles eventos. Ele cita três autores: Generoso Ponce Filho (1952) escreveu sobre seu pai; Virgílio Corrêa Filho (1924 e 1945) defendeu o sogro – Pedro Celestino Corrêa da Costa; por sua vez Antonio Fernandes de Souza (1958) era secretário e amigo de Antonio (Totó) Paes de Barros.

Acontece que os argumentos das relações de parentesco e amizade alegados por Rubens de Mendonça para por sob suspeição de parciais as obras de seus antecessores se aplicam também a ele. Rubens de Mendonça era filho de Estevão de Mendonça. Estevão de Mendonça era amigo e da confiança de Antonio (Totó) Paes de Barros e de Antonio Fernandes de Souza (Secretário Geral do governo Totó). Estevão de Mendonça permaneceu Diretor do Arquivo Público de Mato Grosso no governo Antonio (Totó) Paes de Barros. Estevão de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza editaram juntos a *Revista o Archivo* (1904-1906) que era financiada e sob os auspícios do então Presidente do Estado Antonio (Totó) Paes de Barros.

Considerado que Antonio (Totó) Paes de Barros foi assassinado em 1906, pelo conjunto de forças políticas comandadas por Generoso Ponce e pelos irmãos Joaquim e Manuel Murtinho, considerando que após este episódio os vencedores recolheram e queimaram todos os números da *Revista o Archivo* (1904-1906) que se encontravam no do Palácio do Governo (SILVA, Apresentação, 1993). Considerando que Estevão de Mendonça era um dos editores da *Revista O Archivo* e Diretor do Arquivo Publico é possível que tenha sofrido as retaliações de praxe, à época, quando da alternâncias dos grupos no poder. Em “*Histórias das Revoluções em Mato Grosso*” não são poucas as alfinetadas de Rubens de Mendonça aos Ponces.

Ainda no *antelóquio* a ideia de revolução é apresentada como o conjunto das ações ocorridas no seio da elite política, ou comandada por militares e, com raras exceções, como desentendimentos de grupos locais – mas com a característica de ser esvaziada de conteúdo ideológico³. Num contexto de regime de exceção, leia-se uma ditadura militar, que vivia embates político-ideológicos com grupos radicais e armados de esquerda, que pregavam o comunismo e a revolução popular, defender a ideia de revolução ligada às mudanças propugnadas pela elite não legitimária, de certa forma, a “Revolução de 31 de Março de 1964”?

Mas, passemos à obra e ao modo como muitos dos temas ali tratados foram abordados nos anos subsequentes e à luz de novas teorias, metodologias e fontes.

De saída, destacamos que *Histórias das Revoluções em Mato Grosso*, ao longo de 19 capítulos, segue a cronologia da história do Brasil

3 Para uma discussão preliminar da obra “*História das Revoluções em Mato Grosso*” de Rubens de Mendonça e sobre o conceito de revolução e sua utilização pelos historiógrafos que trataram da história de Mato Grosso ver: Zorzato, Oswaldo. *Conciliação e Identidade: considerações sobre a historiografia de Mato Grosso* (1904-1983), tese apresentada a FFLCH/USP, São Paulo, 1998, p. 123 a 146.

então vigente. A fase colonial é contemplada nos capítulos I e II, já o período imperial teria conhecido apenas uma revolução descrita no capítulo III. Por sua vez a tumultuada “Primeira República” recebeu maior atenção e seus episódios sangrentos narrados dos capítulos IV ao XIII. Na sequência, o autor dedica-se à Revolução de 1930 e à Era Vargas, dos capítulos XIV ao XVIII. Finalmente, no capítulo XIX, o autor convidou para tratar da “Revolução de 1964”, um de seus mentores e partícipes, o General Carlos de Meira Matos.

O capítulo I intitula-se *Deposição do Fundador de Cuiabá* e trata do “primeiro movimento que teve lugar nestes sertões” (Mendonça, 1970, p. 11). Ou seja, de disputas políticas que teriam sido levadas a cabo pelos irmãos Leme contra Pascoal Moreira Cabral. Rubens de Mendonça utiliza-se da narrativa de Barbosa de Sá e da obra romancada de Paulo Setúbal, bem como do livro de Washington Luis *A Capitania de São Paulo*.

De outras perspectivas teóricas e metodológicas, este tema foi revisitado por historiadores como: Luiza Rios Ricci Volpato, em *A Conquista da Terra no Universo da Pobreza: formação da fronteira oeste do Brasil 1719-1819* dissertação de mestrado 1981; e as teses de doutorado de Carlos Alberto Rosa em *A Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá* (1996) e Otávio Canavarros em *O Poder Metropolitano e seus Objetivos Geopolíticos no Extremo Oeste (1727-1752)* (1998); todas defendidas junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo.

A Deposição de Magessi é o tema do segundo capítulo. Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho governou a capitania de Mato Grosso de (1815 a 1821). O autor, ao transcrever a carta que Magessi enviou ao Príncipe Regente, associa o ato “revolucionário” dos moradores do Cuiabá com os movimentos de insatisfação vigentes em outras províncias, como a Bahia e o Rio de Janeiro, contra a corte portuguesa. Este tema foi depois retomado por Carlos Rosa no trabalho intitulado *O Processo de Independência em Mato Grosso e a hegemonia Cuiabana* (1976), á luz de outra perspectiva teórica em que o “regional” era entendido como parte das engrenagens de um sistema colonial mais amplo.

A Rusga, movimento armado ocorrido na província de Mato Grosso que eclodiu na noite de 30 de maio de 1834, foi tratada com mais vagar pelo autor no capítulo III. Ali, Rubens de Mendonça defende a hipótese de que a Rusga “*nasceu de uma coligação de algumas províncias, em uma frente única nacionalista, para garantir a ordem e a independência do Brasil*”. Ele combate a ideia de que esse fosse um

“*movimento isolado, local veiculada pelo escritor português Joaquim Ferreira Moutinho e secundado pelo Visconde de Taunay*” (MENDONÇA, 1970, p. 25)⁴. Para tanto, se amparou em 85 documentos inéditos.

O autor, ao apresentar a Rusga como um movimento entre comerciantes portugueses (que detinham poder econômico) e agricultores/pecuaristas brasileiros, não poupa esforços em justificar a violência desferida contra os primeiros. A culpa da violência foi gerada a partir da reação dos brasileiros à exploração dos portugueses.

Ele procura nos documentos evidências de que os portugueses haviam provocado, que se encontravam armados, que tinham o apoio da Guarda Municipal. Para concluir seus argumentos, de que os portugueses não eram vítimas inocentes, ele passa a palavra ao seu conterrâneo o professor Philogonio Corrêa: “a um antagonista assim numeroso, intolerante, prepotente, rico, ávido de domínio, protegido e bem colocado, não se pode emprestar o papel de vítima indefesa ou mártir desarmado entregue à sanha de desalmados” (MENDONÇA, 1970, p. 43).

Walmir Batista Corrêa, em *Mato Grosso: 1817-1840 e o papel da violência na formação e desenvolvimento da Província* (1976), dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo, foi um dos primeiros a debater com as perspectivas colocadas por Rubens de Mendonça e seus contemporâneos sobre o tema da Rusga. Ainda que a obra de Rubens de Mendonça por ele utilizada para tecer suas críticas à abordagem então vigente tenha sido *O Tigre de Cuiabá* (1966).

Todavia, os trabalhos de maior pesquisa e análise histórica sobre tal episódio foram realizados por: Elizabeth Madureira de Siqueira *A Rusga em Mato Grosso: edição crítica de documentos* (1998), dissertação de mestrado, também defendida em junto a FFLCH da Universidade de São Paulo; e Ernesto Cerveira de Sena com a obra *Entre Anarquizadores e Pessoas de Costume – a dinâmica política e o ideário civilizador em Mato Grosso (1834-1870)*. Em trabalho mais recente sobre a Rusga e à luz da Nova História Cultural, a historiadora Patrícia Figueiredo assim se refere aos trabalhos de Elizabeth Madureira e Ernesto Sena:

Suas análises se voltam para se estabelecer as razões e os antecedentes desse movimento armado. Ambos consideram que a “Rusga” foi resultado do enfrentamento entre duas facções que lutavam pela ascensão ao poder – uma elite política regional ascendente contra já instaurada. (AGUIAR, 2012, p. 18).

4 Sobre o tema da Rusga Rubens de Mendonça escrevera dois anos antes: *O Tigre de Cuiabá*. Campo Grande, Ruy Barbosa, 1966.

Os capítulos de IV a VII, respectivamente: *A Origem das Revoluções no Regime Republicano*, *República Transatlântica ou Estado Livre de Mato Grosso*, *O Sangue Corre no Interior* e *Reposição do Dr. Manoel José Murtinho* tratam das lutas políticas desencadeadas pelos grupos locais, assim que ocorreu a primeira eleição no Estado, no ano de 1891. Rubens de Mendonça fundamenta suas reflexões sobre aqueles episódios nos escritos de seu pai, Estevão de Mendonça – intelectual partícipe daquela efervescência política, amigo e partidário de Antonio (Totó) Paes de Barros.

Sobre os temas tratados nos capítulos acima descritos, localizamos duas dissertações de mestrado. O primeiro é o de Silmara Dencoti Santa Rosa (2014) intitulado: *Práticas Políticas e os Primeiros Atos Republicanos em Mato Grosso (1889-1892)*. Já *Sangue na Vila de Nossa Senhora do Rosário do Rio Acima e a implantação da República em Mato Grosso* foi defendido, em 2005, por Dagoberto Rosa de Jesus. Este último autor busca entender o “silenciamento” da historiografia mato-grossense sobre tal episódio e ao fazer isto dialoga com a obra com *Histórias das Revoluções em Mato Grosso* de Rubens de Mendonça.

Os capítulos VIII, XIX e X, que foram intitulados: *Antecedentes da Revolução Eleição do Dr. Antonio Corrêa da Costa – O Caso do Bonde, Baía do Garcez e Totó Paes, Presidente do Estado*, respectivamente, tratam do período de 1897 a 1906. As tensões iniciam-se com o rompimento da aliança formada em 1892/93 entre o senador Generoso Ponce e os Murtinho (Joaquim e Manuel), acirram com a entrada dos Paes de Barros nas disputas pelo poder e culminam com o assassinato de Antonio (Totó) Paes de Barros, após uma nova aliança entre o senador Generoso Ponce e os Murtinhos.

A Caetanada é o título do capítulo XI e que trata da última disputa envolvendo o uso de grupos armados e protagonizada pela elite política mato-grossense. Mortos Totó Paes (1906) e Generoso Ponce (1911) ocorreram novos arranjos e somente em 1916 os ânimos de exaltariam levando ao derramamento de sangue.

Comandados pelo senador Antonio Azeredo, se uniram antigos inimigos de 1906, partidários de Generoso Ponce e Antonio (Totó) Paes de Barros, contra as forças situacionistas chefiadas por Pedro Celestino Corrêa da Costa. Foi preciso intervenção federal para aplacar os ânimos. Para as eleições seguintes fez-se um acordo e elegeram para Presidente do Estado o Bispo de Cuiabá D. Aquino Corrêa. Desde então, as disputas partidárias em Mato Grosso continuaram renhidas, mas os membros da sua elite evitariam pegar em armas e matarem-se uns aos outros.

Todos esses eventos, estudados por Rubens de Mendonça, separadamente, foram depois vistos por historiadores de ofício como parte de um conjunto de ações e disputas políticas numa duração mais longa. Tal abordagem iniciou-se com Valmir Batista Correa, através de sua tese de doutorado, intitulada *Coronéis e bandidos em Mato Grosso*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo, em 1981. Um estudo recente desses episódios é o de Lauro Virgínio de Souza Portela, *Uma República de muitos coronéis e poucos eleitores: coronelismo e poder local em Mato Grosso (1889-1930)*, dissertação de mestrado defendida em 2009 junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFMT.

Outra dissertação de mestrado que dialoga com *Histórias das Revoluções em Mato Grosso* de Rubens de Mendonça é a de Maria M.R. de Novis Neves intitulada: *Elites políticas: Competição e dinâmica partidário eleitoral (Caso Mato Grosso)*, defendida junto ao mestrado em Ciência Política do IUPERJ (Instituto de Pesquisas Universitárias do Rio de Janeiro) e que foi publicada em 1988. Pensado para focar as ações das elites políticas mato-grossenses no período de 1945 a 1965, o trabalho faz uma retrospectiva e, também, analisa as “revoluções” do primeiro período republicano.

Intitulados, respectivamente, *Revolução de 1922* e *Revolução de 1924 Coluna Prestes – Siqueira Campos – João Alberto – General João Nepomuceno Costa*, os capítulos XII e XIII tratam das repercussões do assim chamado “movimento tenentista” em Mato Grosso. Ainda no capítulo XII, o autor inseriu os confrontos armados de 1922 a 1925 ocorridos na antiga região leste do Estado e protagonizados pelo engenheiro José Morbeck (aliado de Pedro Celestino C. da Costa no episódio da *Caetanada* - 1916) e pelo comerciante Manuel Balbino de Carvalho. Nesse episódio, seis anos após a aliança, José Morbeck e Pedro Celestino já seriam inimigos.

Comparando o Levante dos 18 do Forte de Copacabana com os episódios ocorridos no leste mato-grossense, supracitados, Rubens de Mendonça conclui que: “*Esta era uma revolução diferente da primeira; na primeira havia idealismo, nesta apenas – banditismo*” (MENDONÇA, 1970, p. 124).

Ao tratar do episódio conhecido como a “Luta entre Morbeck e Carvalhinho”, ocorrido no antigo leste mato-grossense durante o segundo governo de Pedro Celestino Corrêa da Costa, tanto Rubens de Mendonça, como outros historiadores ligados às instâncias de poder, construíram versões daquele episódio que colocam os dois líderes políticos dos garimpeiros como “bandidos” e ávidos pelo poder. Também

reforçam a ideia de que o garimpeiro era um tipo humano violento e pouco afeito a respeitar a lei. Ao mesmo tempo, apresentam o poder instituído, ou seja, o governo de Mato Grosso, como o mediador de tais conflitos e restaurador da paz local.

Quanto às repercussões dos movimentos políticos ocorridos em 1922 e 1924 e seus impactos no estado, apenas um trabalho acadêmico foi realizado o de Jefferson Jorge Siqueira Prestes (2009), intitulado: *Utopia revolucionária: repercussões em Mato Grosso da rebelião tenentista em São Paulo*. Mas este autor parece desconhecer a obra *Histórias das Revoluções em Mato Grosso* de Rubens de Mendonça.

Dos capítulos XIV ao XVII, o autor trata da: *Revolução de 1930 – Vargas no Poder, Revolta de Vila Bela, Revolução Constitucionalista de 1932*, e finalmente, do episódio de *Tanque Novo*. Do capítulo XVIII não nos ocuparemos por não ter os fatos nele descritos a *Intentona Comunista* ecos em Mato Grosso.

As interpretações sobre Tanque Novo receberiam uma nova leitura com a historiadora Maria de Fátima Gomes Costa (1987), através de sua dissertação de mestrado intitulada *Tanque Novo: a dimensão política de um movimento religioso (1930-1934)*. Na sua análise, Maria de Fátima aponta que a abordagem de Rubens de Mendonça percebe Tanque Novo como espaço de *fanatismo religioso*. A autora, ao referir-se a outros estudos sobre o tema, reconhece que “*destes trabalhos, os únicos que buscaram fontes documentais sobre o tema foram os de Rubens de Mendonça, que usou a Revista dos Annaes Forenses, e o de...*” (COSTA, 1987, p. 8).

Participação de Cuiabá na Revolução de 31 de Março (artigo de autoria do Gen. Carlos de Meira Matos) é o título do capítulo XIX, o último do livro. Um fato que salta aos olhos é que o mesmo foi escrito na terceira pessoa. Assim, o general Meira Matos fala de si e de sua participação nos episódios que culminaram com a deposição do presidente João Goulart, como se estivesse vendo-os de fora. Entretanto, Oswaldo Zorzato defende que:

Rubens de Mendonça inclui em seu livro um capítulo intitulado “A Participação de Cuiabá na Revolução de 31 de Março”, atribuindo sua autoria ao General Meira Matos. Sua leitura sugere, contudo, ser o referido capítulo da lavra do próprio Mendonça, possivelmente a partir dos relatos daquele militar. (ZORZATO, 1998, p. 139).

Não vamos entrar na discussão sobre de quem é a lavra do capítulo. Para nós, a sua importância reside em demonstrar a preparação e as

articulações de parte da elite política cuiabana, bem como de militares lotados no 16º BC, desde pelo menos seis meses antes dos eventos que levaram a deflagração do dia 31 de março de 1964.

Segundo a própria narrativa que se segue no capítulo, o general Meira Matos teria encontrado em Cuiabá terreno fértil para “fazer a pregação, entre seus oficiais e amigos civis, sobre a necessidade de se estar preparado para apoiar-se um movimento de salvação de nossa democracia e da restauração dos costumes políticos, movimento este em gestação nas principais capitais do país” (MENDONÇA, 1970, p. 197). Ficamos sabendo também quais foram os grupos que se preparam e atuaram decisivamente no apoio ao movimento iniciado no dia 31 de março de 1964.

No plano da esfera do poder civil, foram eles: o governador Fernando Corrêa da Costa, o (ex) deputado, seringalista e latifundiário Mario Spinelli e o padre Wanir Delfino César. Os encontros para discutirem a situação política do país tanto ocorriam na residência oficial do governador, na fazenda Rio Bonito de Spinelli, como na Rádio Cultura, sob a direção do padre Delfino, além das dependências do 16º Batalhão de Caçadores (16º BC) com sede em Cuiabá (MENDONÇA, 1970, p. 198).

Dentre os militares citados como ativos partícipes do movimento, todos lotados no 16º BC, foram: o tenente-coronel Caraciolo Azevedo, os majores Otilés Moreira da Silva e Octayde Jorge da Silva, os capitães Alírio Cardoso, José Guilherme da Silva e Myron de Oliveira, os 1ºs tenentes Geraldo Silva, Dauray Carlos de Menezes Filho, Edson Taques da Silva, Borges de Figueiredo (veterinário) e Estevão Torquato da Silva (dentista), os 2ºs tenentes Riograndino Beck Isquierdo, Dilson Paes Nascimento e Pedro Ivo Rostey, além do coronel Austregésilo Homem de Melo, Comandante do 2º Batalhão de Fronteira, sediado em Cáceres (MENDONÇA, 1970, p. 197-201).

O ponto alto do artigo é a descrição do modo como ele (o general Meira Matos), ajudado por civis como Mario Spinelli, comandou os deslocamentos das tropas do 16º BC desde Cuiabá, por terra e ar – com utilização de aeronaves civis –, passando por várias cidades e arregimentando tropas até Goiânia e dali alcançando Brasília. Nas suas palavras: “no fim da tarde de dois de abril, tinha já o 16º BC uma parte de seu efetivo ocupando a Capital Federal” (MENDONÇA, 1970, p. 201).

A participação de Cuiabá e Mato Grosso na chamada “Revolução de 31 de Março” foi tema pouco estudado. Localizamos apenas o trabalho de Leonice Meira com este perfil. Todavia, a autora não utilizou

o texto atribuído ao General Meira Matos publicado na obra *Histórias das Revoluções em Mato Grosso* de Rubens de Mendonça. Contudo, sua narrativa nos possibilita acompanhar através das páginas do jornal *O Estado de Mato Grosso*, não só o apoio do governador Fernando Corrêa da Costa, como do civil Mario Spinelli – que descreve naquele Jornal a “*Marcha da Coluna Meira Matos*” (MEIRA, 2011, p. 71-79).

A ideia deste artigo foi chamar a atenção sobre a importância da obra *Histórias das Revoluções em Mato Grosso* de Rubens de Mendonça. Em que pese toda a sofisticação teórica e recursos metodológicos dos autores que, depois dele, trataram dos temas ali abordados, seu livro não perdeu a atualidade. As críticas que sofreu em hipótese alguma desmerecem seu trabalho, apenas reforçam os caminhos por onde trilha a produção do conhecimento no mundo acadêmico.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Patrícia Figueiredo. *Uma Sedição no Sertão: o 30 de maio de 1834 em Cuiabá e suas ressonâncias*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHIS/UFMT, Cuiabá-MT, 2012.

CANAVARROS, Otávio. *O poder metropolitano em Cuiabá (1727-1752)*. Cuiabá: EdUFMT, 2004

CORRÊA, Valmir Batista. *Coronéis e Bandidos em Mato Grosso*. 1889-1943. Campo Grande: UFMS, 1995.

CORRÊA, Valmir, Batista. *Mato Grosso: 1817-1840 e o papel da violência na formação e desenvolvimento da Província*. São Paulo, 1976. Dissertação (Mestrado em História) – FFLCH/USP, São Paulo, 1976.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *Pedro Celestino*. Rio de Janeiro, Livraria e Editora Valverde, 1945 (Coleção Galeria Matogrossense).

FANAIA, João Edson de Arruda. *Elites e práticas políticas na Primeira República em Mato Grosso (1889-1930)*. Tese (Doutorado em História) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

JESUS, Dagoberto Rosa de. *Sangue na Vila de Nossa Senhora do Rosário do Rio Acima e a implantação da República em Mato Grosso*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHIS/UFMT, Cuiabá-MT, 2005.

LUCIDIO, João Antonio Botelho. *Ofício e Arte: Fotógrafos e fotografia em Mato Grosso (1860-1960)*. Cuiabá, Carlini & Caniato/EdUFMT, 2008.

- MEIRA, Leonice Maria. *Um Estudo sobre os Reflexos das Ações da Ditadura Militar Através do Jornal O Estado de Mato Grosso (1964-1974)*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHIS/UFMT, Cuiabá-MT, 2011.
- MENDONÇA, Estevão de. *Datas Mato-grossenses*. Nictheroi: Escola Typographica Salesiana, 1919. 2 v.
- MENDONÇA, Rubens de. Esboço de um Capítulo da História Colonial de Mato Grosso. *RIHGMT*, Ano XXV e XXVI, Tomos XLIX-LII – 1943-1944, p. 155-188.
- MENDONÇA, Rubens de. *História do Jornalismo em Mato Grosso*. São Paulo, Departamento de Cultura de São Paulo, 1951 (2ª edição 1963 e 3ª edição 1965).
- MENDONÇA, Rubens de. *Roteiro Histórico & Sentimental da Vila do Senhor Bom Jesus do Cuiabá*. Cuiabá: Tipografia Escola Industrial de Cuiabá, 1954.
- MENDONÇA, Rubens de. *História de Mato Grosso*. Cuiabá: s.ed., 1967.
- MENDONÇA, Rubens de. *História das Revoluções em Mato Grosso*. Goiânia, Rio Bonito, 1970.
- MENDONÇA, Rubens de. *Ruas de Cuiabá*. Goiânia: Ed. Cinco de Março, 1969.
- MENDONÇA, Rubens de. *Roteiro histórico & sentimental da Vila real do Bom Jesus de Cuiabá*. 3. ed. Cuiabá: Igreja, 1975.
- NEVES, Maria M. Renha de Novis. *Elites políticas: Competição e dinâmica partidário eleitoral (Caso Mato Grosso)*. Rio de Janeiro, EDIUPERJ; Vértice, 1988.
- PORTELA, Lauro V. Souza. *Uma República de muitos coronéis e poucos eleitores: coronelismo e poder em Mato Grosso (1889-1930)*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHIS/UFMT, Cuiabá-MT, 2009.
- PRESTES, Jefferson Jorge Siqueira. *Utopia revolucionária: repercussões em Mato Grosso da rebelião tenentista em São Paulo (1924-1927)*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHIS/UFMT, Cuiabá, 2009.
- PONCE FILHO, Generoso. *Generoso Ponce, um chefe*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.
- ROSA, Carlos A. *A Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá: vida urbana em Mato Grosso no século XVIII (1722-1808)*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, 1996.
- _____. *O processo da independência em Mato Grosso e a hegemonia cuiabana*. Cuiabá: Secretaria de Educação e Cultura, 1976. (Cadernos Cuiabanos, nº 1).

ROSA, Silmara D. Santa. *Práticas Políticas e os Primeiros Atos Republicanos em Mato Grosso (1889-1892)*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHIS/UFMT, Cuiabá-MT, 2014.

SENA, Ernesto Cerveira de. *Entre Anarquizadores e Pessoas de Costume – a dinâmica política e o ideário civilizador em Mato Grosso (1834-1870)*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2009.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira de. *A Rusga em Mato Grosso: edição crítica de documentos*. Dissertação (Mestrado em História) – FFLCH/USP, São Paulo, 1989.

SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. “Apresentação”, In: Revista *O Arquivo: Coleção Fac-similar completa 1940-1906*. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1993.

SOUZA, Antonio Fernandes de. *Antonio Paes de Barros (Tótó Paes) e a Política em Mato Grosso*. São Paulo, s/ ed., 1958.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. *A conquista da terra no universo da pobreza: formação da fronteira oeste do Brasil. 1719-1819*. São Paulo; Brasília: HUCITEC; INL/MINC, 1987.

ZORZATO, Oswaldo. *Conciliação e Identidade: considerações sobre a historiografia de Mato Grosso (1904-1983)*, Tese (Doutorado em História) – FFLCH/USP, São Paulo, 1998.

PESQUISAVA, ESCREVIA E FAZIA HISTÓRIA

Pedro Rocha Jucá¹

Esta é a minha homenagem ao notável jornalista, poeta e historiador Rubens de Mendonça, fiel narrador dos acontecimentos e exemplo da cultura mato-grossense ao longo de séculos. Para mim, ele será sempre o “Sêo” Rubens, que me protegeu desde minha juventude, sem nada exigir. Por isso, terá sempre o meu apreço filial.

Quando o conheci, “Sêo” Rubens, tinha 44 anos e eu 18. Foi durante o I Congresso Estadual de Estudantes Secundários de Mato Grosso, em julho de 1959. Conforme a programação desse congresso, estive em sua residência, na Rua Barão de Melgaço, uma comitiva formada pelos jovens estudantes Jucá, Leila (viúva do acadêmico Benedito Sant’Ana de Silva Freire), Elizete (esposa do empresário Elcio Pimentel Alves), Terezinha Griggi, Amilton dos Reis e Paulo Zaviasky.

Ao saber que eu exercia o jornalismo desde os 15 anos em Crato, Estado no Ceará, onde nasci, ele abriu para mim, entre outras, as portas do jornal *O Estado de Mato Grosso*, do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras, e me apoiou na fundação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Mato Grosso.

Rubens de Mendonça é um dos maiores historiadores de Mato Grosso. Um dos pioneiros da poesia no Modernismo mato-grossense, foi o poeta que mais se inspirou na Capital mato-grossense. *Lenda Cuiabana*, *Sagas & crendices de minha terra natal* e *Alavanca de Ouro*, são de sua autoria. Com o título *Cuiabá*, foram dois poemas. No soneto *Cuiabá*, com o maior esmero, ele reuniu as escolas literárias conhecidas para descrever o seu amor à terra natal:

¹ Jornalista, historiador, membro efetivo do IHGMT e da AML.

CUIABÁ

Rubens de Mendonça

Glória a ti Canaã do audaz Pascoal Moreira
Que escreveu a maior epopeia da história,
Quando um dia ao partir à frente da bandeira
De “Tordesilhas” rompe a linha divisória...

Ave! A ti Cuiabá, terra boa e altaneira!
Que te importa dos maus a fúria transitória,
Se podes orgulhar a Pátria Brasileira
Ostentando imortal - um passado de glória!...

Glória a Miguel Sutil! Glória, pois aos teus filhos,
Que na guerra ou na paz desconhecem empecilho.
Glória ao teu ouro bom - glória ao teu céu azul!
Bendita, sejas tu, ó minha terra amada...

Tu que és do meu Brasil a pérola engastada
- Em pleno coração da América do Sul.

O jornalista historiador Rubens de Mendonça faleceu em 03/04/1983, na Cuiabá que ele tanto amou e nasceu em 27/07/1915. É o autor mato-grossense com maior número de livros, com destaque para sua *História de Mato Grosso*, com quatro edições, fato inédito até hoje na Historiografia regional. Escreveu, também, vários artigos na imprensa local, destacando-se *Sermões aos Peixes*, nos jornais *O Estado de Mato Grosso* e *Diário de Cuiabá*.

Ele morreu antes de lançar *Dias Passados - Memórias Dum Cuiabano*, que foi publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, entre várias obras como *João Carlos Augusto d'Oeynhausien e Grewembourg, 13 de Junho, Ricardo Franco, General Francisco de Paula e Castro, Luís d'Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, A Imprensa em Mato Grosso, Augusto Leverger, Dom José Antônio dos Reis, Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá e Notícias Históricas de Cuiabá*.

Em *Vias de Comunicação de Mato Grosso*, republicado pela Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, em *fac-simile*, ele

disse: “Quando penso em Mato Grosso, penso em Ricardo Franco de Almeida Serra, em Leverger, José Tomás de Almeida Serra, Rondon, Dom Aquino, José de Mesquita, Tolentino de Almeida, Pedro Medeiros, penso nos homens que fizeram alguma coisa pela nossa cultura, que cultivaram as nossas letras”.

No artigo *Rubens de Mendonça e Cuiabá*, em 13/04/2014, no *Diário de Cuiabá*, o professor Benedito Pedro Dorileo, da Universidade Federal de Mato Grosso, afirmou sobre seu estilo plural: “A par de obras das histórias mato-grossenses e centro oestinas, outras de poesias e mais inéditas, somando mais de quarenta, talhou o rústico por necessidade. Então, foi entalhador, cinzelador, modelador e lapidário da história e da literatura”.

Concluiu: “Se trabalhou os veios históricos, operou o buril delicado da poesia. Soube magistralmente que a poesia pode ser útil indiretamente, porém a utilidade não é o seu fim certo, a sua intenção é deleitar. Rubens não foi um fiel rimador escolástico ou copista servil, mas a sua alma rompeu os muros do pensamento e voou aos paramos do astro-rei, quando glorificou *Dom Pôr do Sol*, que vale um livro”.

RUBENS DE MENDONÇA: DOIS OLHARES SOBRE CUIABÁ

Gabriel Francisco de Mattos¹

INTRODUÇÃO

Artigo da *Folha de São Paulo* informa que a empresa Carteiro Amigo faz entrega de correspondências em casas “sem rua”, na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. O Sistema emprega moradores da própria comunidade e “(...) Uma descrição de uma rua da favela seria, por exemplo, a seguinte lista: ‘casa, casa, comércio, prédio, muro’”. (FRANCO, 2014)

Pode parecer estranho que as referências de uma certa região urbanizada (e ocupada) ainda precisem de apoios apenas inteligíveis aos seus ocupantes. A falta de um código de utilização universal nessas áreas introduz reflexões bastante pertinentes neste início de século XXI. Afinal de contas, já não estávamos nos acostumando ao designativo de *aldeia global*? Os processos de informação via satélite, com observação segura, traduzíveis via GPS ou Google Earth, não haviam devassado e organizado o mundo?

No verdade, o sistema cartesiano de organização do espaço urbano, que levou à “lógica” planta em tabuleiro-de-xadrez (desde a Grécia Clássica!), e um sistema numérico para denominação das vias, teve seu apogeu no início do século passado. A ocupação simbólica de uma região, e sua apropriação por uma comunidade, levou a um sistema fechado, apenas acessível àquele grupo, que só depois passou a aberto para um complexo maior, aí gerando nomenclaturas mais acessíveis. Ma, sempre guardando a memória afetiva daqueles pioneiros.

É justamente essa memória afetiva que dá às cidades suas particularidades, que dá a elas uma “alma” que vai ser captada pelas pessoas sensíveis, principalmente os poetas e outros artistas.

¹ Arquiteto (UFRJ, 1994), professor universitário, Mestre em educação, escritor e membro do IHGMT.

Neste ano do centenário do escritor Rubens de Mendonça (1915-1983), é oportuno resgatar dois de seus livros que vão atrás da alma de sua cidade natal, a quase tricentenária Cuiabá. Para uma análise dos mesmos, utilizarei textos sobre práticas do espaço de autoria do historiador francês Michel de Certeau (1925 - 1986).

Os livros de Rubens de Mendonça a serem analisados são:

- *Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá*, publicado pela primeira vez em 1952 e várias vezes reeditado; e

- *Ruas de Cuiabá*, publicado em 1969, durante os festejos dos 250 anos da capital de Mato Grosso.

Os dois livros foram republicados recentemente e se encontram acessíveis ao public, além de sê-lo pelo *site* www//bibliotecapublica.br.gov.br, sob o format digital. O *Roteiro* ganhou uma bela edição em 1975, com prefácio de Luís da Câmara Cascudo, que ainda está circulando; o outro título estava sumido há algum tempo.

Para analisá-los utilizarei *A Invenção do Cotidiano*, do historiador Michel de Certeau, que também se dedicou ao estudo das ciências sociais, psicanálise e filosofia. O livro tem a sua terceira parte dedicada a *Práticas do Espaço*, com três capítulos: *Caminhadas pela cidade*, *Naval e carcerário* e *Relatos de espaço*. O segundo deles é dedicado a análise de uma viagem de trem, e não nos remeteremos a ele (o trem não deve passar por Cuiabá mesmo...). O primeiro, *Caminhadas pela cidade*, é o que mais nos leva aos citados livros de Rubens de Mendonça; deste capítulo trabalharei as aplicações de *nomes e símbolos*. Do ultimo trabalharei os conceitos de *lugar e espaço*.

CAMINHANDO COM RUBENS DE MENDONÇA

O *Roteiro*, como o nome mesmo diz, tem uma estrutura de caminhada pela cidade de Cuiabá, pelo menos em sua primeira parte, que ocupa dois terços do livro. O terço restante é dedicado a Festas Populares, Mitos & Lendas, Cozinha regional e, bem ao espírito da época, uma conclusão sobre a chegada do Turismo à cidade.

A estrutura do primeiro terço é a de caminhar por bairros ou regiões, começando pelo antigo Rocio, e chegando ao, então distante, bairro do Coxipó.

Rua de Cuiabá se estrutura como um guia que enumera as ruas da cidade por ordem alfabética. É uma produção típica das comemorações dos 250 anos da cidade, que inclusive traz citações do outro livro que analisaremos.

Os dois livros começam pela ata de fundação da cidade, em 1719. E se o *Roteiro* propõe um caminhar *flaneur* pela antiga Vila Real, o

outro livro é mais um guia de referência, lembrando que a cidade teve marcações que remetem ao alvorecer de sua história.

Ou, já utilizando Michel de Certeau:

Essa história começa ao rés do chão, com passos. São eles o número, mas um número que não constitui uma série. Não se pode contá-lo, porque cada uma de suas unidades é algo qualitativo: um estilo de apreensão táctil de apropriação cinésica. Sua agitação é um inumerável de singularidades. Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares. (CERTEAU, 1998: 176)

Já nesse ponto o autor francês definiu a cidade como “uma organização funcionalista, privilegiando o progresso (o tempo), [que] faz esquecer a sua condição de possibilidade, o próprio espaço, que passa a ser o não-pensado de uma tecnologia científica e política.” (idem: 173-174) Essa condição tecnológica barra o improvável, o que está no caminho do progresso constante, condição da modernidade.

Para enfrentar essa cidade-conceito, Certeau procura “A fala dos passos perdidos”, as enunciações pedestres, os passeios ao léu, o simples caminhar não funcional, que

Cria assim algo descontínuo, seja efetuando triagens nos significantes da “língua” espacial, seja deslocando-os pelo uso que faz deles. Vota certos lugares à inércia ou ao desaparecimento e, com outros, compõe “torneios” espaciais “raros”, “acidentais” ou ilegítimos. Mas isso já introduz a uma retórica da caminhada. (idem: 178)

É essa *retórica da caminhada* que recria o lugar, fugindo do simples conceito/trabalho de engenharia (trânsito, calçadas, nomenclatura) e melhorias urbanas. Leva, então, a uma similitude entre discurso e sonho, este último no sentido freudiano.

Deste ponto de vista, depois de ter aproximado das formações linguísticas os processos caminhatórios, pode-se rebatê-los para o plano das figurações oníricas, ou ao menos descobrir nessa outra face aquilo que numa prática do espaço é indissociável do lugar sonhado. Caminhar é ter falta de lugar. (idem: 183)

Nesse sentido, os nomes próprios das ruas “articulam uma frase que seus pés constroem sem que saiba” (idem: 184).

E aí se instalam três relações entre práticas espaciais e práticas significantes: o crível, o memorável e o primitivo. E é aqui que o trabalho de Rubens de Mendonça se instala, pois do jogo dessas três

relações é que se instaura a briga entre uma ordem superior e uma defesa do “histórico e sentimental”.

No fundo, os nomes próprios já são “autoridades locais” ou “superstições”. Por isso, costumam ser substituídos por números: não mais *Opera* mas 073; não mais *Calvados*, mas 14. O mesmo se dá com os relatos e as lendas que povoam o espaço urbano como habitantes de mais ou a mais. São o objeto de uma caça às bruxas, somente pela lógica da tecnoestrutura. Mas esse extermínio (como o das árvores, dos bosques e dos cantos onde vivem essas lendas), faz da cidade uma “simbólica em sofrimento”. Existe anulação da cidade habitável. (idem: 187)

É nessa luta que os livros de Rubens de Mendonça se inserem, e, como descrevi em outro artigo (MATTO, 2014), após os 250 anos, Cuiabá sofre um verdadeiro bombardeio em relação à sua história, uma briga de modernização a todo custo e manutenção de lembranças que dão sentido a história local.

É nesse ponto que é sempre interessante resgatar Rubens de Mendonça, e mesmo outros autores, como Silva Freire, Moacyr Freitas, Anibal Alencastro. Que nos lembram que

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. (idem, 189)

Ou como colocado pelo editor, na Introdução de *Ruas de Cuiabá*:

Existe um baú de memórias enterrado em cada esquina de Cuiabá, Cada placa de rua desta cidade lembra pessoas que fizeram a história deste Estado. São como espíritos que se revolvem nas ruas e becos da antiga Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá querendo mandar seus testemunhos a alguém em sinal de provocação e de se fazerem reconhecidos por seus feitos. (MENDONÇA, 2012b: s/ numeração)

Não é atoa que Rubens de Mendonça vai não só na história, mas também na literatura. Se seu *Roteiro Histórico e Sentimental* cita oito poemas de autores locais (e outros sete na parte de Mitos & Lendas), no livro dedicado às ruas, que deveria ser mais “técnico”, aparecem dezenove deles, cinco apenas para a Praça da República.

RELATANDO O ESPAÇO COM RUBENS DE MENDONÇA

O capítulo IX do livro francês, *Relatos de espaço*, trabalha, utilizando uma linha muito comum no pensamento daquele país, o espaço pelo viés das estruturas narrativas, tratando a questão da sintaxe espacial. “Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço”. (CERTEAU, 1998: 200)

Entre os vários estudos que trabalham nessa conexão (semântica do espaço, psicolinguística da percepção, etc.) o autor escolhe o sistema de considerar o que chama de *ações narrativas*, privilegiando a atividade humana sobre a simples “descoberta” de códigos de ordem espacial. É uma forma de valorizar as ações físicas e estéticas sobre dado espaço, daí uma ligação com Rubens de Mendonça e a busca dos vestígios de histórias (não mais *lendas?*) espalhados pela cidade.

Passa então às definições de espaço e lugar.

(...) Um lugar é uma ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns *ao lado* dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. (idem:201)

É o elemento “frio”, inerte, que precisa ser acessado, ocupado, e então,

Existe *espaço* sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. (...). O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio”. (...)

Em suma, *o espaço é um lugar praticado*. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido

pela prática do lugar constituído por um sistema de signos - um escrito. (idem: 202)

Toda a oposição entre lugar e espaço resulta então do que se chama de *apropriação* do mesmo, seja no nível pessoal, seja no mais amplo do aspecto histórico ou mítico.

Num exame das práticas do dia-a-dia que articulam essa experiência, a oposição entre “lugar” e “espaço” há de remeter sobretudo, nos relatos, a duas espécies de determinações: uma, por objetos que seriam no fim das contas reduzíveis ao *estar-aí* de um morto, lei de um “lugar” (da pedra ao cadáver, um corpo inerte parece sempre, no Ocidente, fundar um lugar e dele fazer a figura de um túmulo): a outra, por *operações* que, atribuídas a uma pedra, a uma árvore ou a um ser humano, especificam “espaços” pelas ações de *sujeitos* históricos (parece que um ‘movimento sempre condiciona a produção de um espaço e o associa à uma história). Entre essas duas determinações, existem passagens, como o assassinato (ou a transformação em-paisagem) dos heróis transgressores de fronteiras e que, culpados de terem atentado contra a lei do lugar, restauram-no por seu: túmulo: ou então, ao contrário, o despertar dos objetos inertes (uma mesa, uma floresta, uma personagem do ambiente) que, saindo de sua estabilidade, mudam o lugar onde jaziam na estranheza do seu próprio espaço. (idem: 202-203)

Estão aí os caídos, os mortos; o Cemitério do Cai-Cai explicado por Rubens de Mendonça: “(...) Nesse cemitério, se encontram sepultadas as vítimas da varíola de 1867. No dia 8 de agosto de 1867, realizou-se a benção desse Cemitério de Nossa Senhora do Carmo, mas que o povo deu o apelido de Cai-Cai. (...)” (MENDONÇA, 1975: 77)

O *Roteiro Histórico e Sentimental* é um passeio pelos *Espaços* da cidade.

E então, o autor (re)define *mapas* e *percursos*.

Numa análise muito precisa de apartamentos em Nova Iorque pelos ocupantes, C. Linde e W. Labov reconhecem dois tipos distintos que designam, um como “mapa” (*map*) e o outro como “percurso” (*tour*). O primeiro segue o modelo: “Ao lado da cozinha fica o quarto das meninas”. O segundo: “Você dobra à direita e entra na sala de estar”. (...)

Essas descrições na grande maioria se fazem em termos de *operações* e mostram “como entrar em cada cômodo”. A propósito

desse segundo tipo, os autores precisam que um circuito ou um “percurso” é um *speech act* (um ato de enunciação) que “fornece uma série mínima de caminhos pelos quais se pode entrar em cada cômodo”; e que o “caminho” (*path*) é uma série de unidades que têm a forma de vetores seja “estáticos” (“à direita”, “à sua frente” etc.) seja “móveis” (“se você dobrar à esquerda” etc.).

Noutras palavras, a descrição oscila entre os termos de uma alternativa: ou *ver* (é um conhecimento da ordem dos lugares), ou *ir* (são ações espacializantes). Ou então apresentará um *quadro* (“existe...”), ou organizará *movimentos* (“você entra”, “você atravessa”, “você retoma”...). Entre essas duas hipóteses, as escolhas feitas pelos narradores nova-iorquinos privilegiam maciçamente a segunda. (CERTEAU, 1998:203-204)

E mais uma vez há o redescobrir, o recriar, a mistura, que os dois livros cuiabanos comportam. Não um frio descrever, mas um relacionar-se com histórias e fatos, afetando-os e recriando-os.

Nos relatos de apartamento ou de rua, as manipulações de espaço ou “percursos” levam a melhor. Na maioria das vezes, essa forma de descritores determina o estilo inteiro da narração. Quando intervém a outra forma, ela tem como valor ou ser *condicionada* ou *suposta* pela primeira. Exemplos de percursos condicionadores de um mapa: “Se você dobra à direita, então existe...” ou, fórmula semelhante: “se você segue sempre em frente, vai ver...” Nos dois casos, um fazer permite um ver. Mas há também casos em que um percurso supõe uma indicação de lugar: “Ali, onde há uma porta, você toma a seguinte” - um elemento de mapa é o postulado de um itinerário. O tecido narrativo onde predominam os descritores de itinerários é portanto pontuado de descritores do tipo mapa, que têm como função indicar ou um *efeito* obtido pelo percurso (“você vê...”), ou um *dado* que postula como seu limite (“há uma parede”), sua possibilidade (“há uma porta”) ou uma obrigação (“há um sentido único”) etc. A cadeia das operações espacializantes parece toda pontilhada de referências ao que produz (uma representação de lugares) ou ao que implica (uma ordem local). Tem-se assim a estrutura do relato de viagem: histórias de caminhadas e gestas são marcadas pela “citação” dos lugares que daí resultam ou que as autorizam. (idem: 205)

Citação um tanto longa, mas que define justamente o *Roteiro Histórico e Sentimental* como esse imbricamento de mapa e percurso. Uma gesta? Vejamos um trecho sobre a Rua Barão de Melgaço:

Na primeira quadra nada existe para registrar, na segunda ficava o Colégio do Professor Isac Póvoas. Na quadra seguinte, naquele casarão que até há bem pouco era a Diretoria da CEMAT., na esquina da Rua Barão de Melgaço com a Travessa Voluntários da Pátria, residiu o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, quando criança em companhia de seus pais. Do outro lado da Travessa fica a Academia Matogrossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Nesse casarão que era de estilo colonial, residiu o Almirante Augusto João Manoel Le-verger. Ali deu-se uma aventura amorosa ainda quando o Barão de Melgaço era apenas Tenente da Armada Nacional, aventura essa que prendeu o bravo marinheiro à terra cuiabana, a qual ele chamou de “terra agarrativa”.(...) (MENDONÇA, 1975: 69)

No meio do caminho tinha uma história. Mas não só os antigos residentes, mas também as marcas de um crime, como no trecho de *Ruas de Cuiabá*:

Na casa que faz esquina entre o beco Alto e a rua 7 de Setembro, perto da Ponte, onde residiu o Coronel João Gomes Monteiro, foi assassinado às 9,30 da noite de 19 de março de 1872, o Tenente Coronel, Laureano Xavier da Silva. Ao atravessar a ponte de madeira que ligava o Córrego da Prainha à sua residência foi alvejado de emboscada pelas costas, vindo a falecer às 4 horas da madrugada do dia 20. (MENDONÇA, 2012b: 80)

É um trabalho de busca de micro-relatos, que dão a dimensão polivalente do espaço, não só a dimensão legal uma do Direito Romano.

Polivalente, enfim, porque a mistura de tantos micro-relatos lhes atribui funções que variam ao sabor dos grupos onde circulam. Essa polivalência não toca entretanto as origens relacionais da narratividade: o antigo ritual criador de campos de ações pode ser reconhecido em “cacos” de relatos plantados em torno dos limiares obscuros de nossas existências; esses fragmentos escondidos articulam inconscientemente a história “biográfica” cujo espaço fundamentam.(CERTEAU, 1998: 211)

E é justamente nesse estreito espaço entre o legal (necessário também nos relatos de Rubens de Mendonça, onde aparecem atas,

decretos e editais) e o mítico que esses dois livros retratam Cuiabá. Salientando Michel de Certeau que essa mitologia precede (e organiza) a organização tecnocrática da modernidade.

(...) Segundo as regras que lhes são próprias, “os juízos interlocutórios” dos magistrados trabalham na massa dos espaços heterogêneos já criados e fundamentados por uma inumerável narrativa oral feita de histórias familiares ou locais, de “gestos” costumeiros ou profissionais, de “recitações” de caminhos e paisagens. Esses teatros de operações, eles não os criam; articulam-nos e manipulam-nos. Supõe as autoridades narrativas que os magistrados “ouvem”, confrontam e hierarquizam. Antes do juízo regulador, vem o relato fundante. (idem: 212)

Na verdade as lendas, os “causos” fazem a ligação entre o transeunte, o *flâneur*, e o espaço percorrido. Mas equilíbrio dinâmico, aberto a metamorfoses, espaço pessoal ou personalizado/personalizável.

Onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia. O relato é “diégese”, como diz o grego para designar a narração: instaura uma caminhada (“guia”) e passa através (“transgride”). O espaço de operações que ele pisa é feito de movimentos: é *topológico*, relativo às deformações de figuras, e não *tópico*, definidor de lugares. O limite aí só circunscreve a modo de ambivalência. Ele mesmo, um jogo duplo. Faz o contrário daquilo que diz. Entrega o lugar ao estranho que na aparência lança fora. Ou então, quando marca uma parada, não é estável, segue antes as variações dos encontros entre programas. As demarcações são limites transportáveis e transportes de limites, eles também “*metaphorai*”. (idem: 215)

Não é preciso trazer a discussão tão fértil (e inconclusa) da História sobre se a narração precede a ação ou vice-versa. Vivemos e narramos, ou narramos para registrar e também para preparar a ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, podemos considerar que a visão de espaço praticada por Michel de Certeau explica a visão de Cuiabá, pelo menos nos livros citados, de Rubens de Mendonça. Já destaquei (MATTOS, 2014) que os livros sobre nossa cidade podem variar entre passeios, reminiscências, levantamento de acervos iconográficos e estudos mais técnicos. Isso deve valer para a maioria das cidades, como o caso de Campo Grande no estudo de Oliveira Neto (1999), para estudos técnicos; ou o histórico *Guia de Ouro Preto*, de Manuel Bandeira.

Essa visão de captar a alma da cidade, tanto no francês quanto no cuiabano, me lembra, para concluir, um trabalho que desenvolvemos, junto com Wander Antunes e Ivens Scaff, para a revista do Gonçalinho, por ocasião dos 274 anos de Cuiabá. Na história (dedicada a Dunga Rodrigues e Lenine Póvoas), o personagem Paschoal Moreira, um senhor de idade que curte a vida, chama a turma do Gonçalinho para *Um passeio pela city*, e explica que, a partir de certo momento, Cuiabá adquire uma *alma*, e é isso que a transforma numa cidade, uma referência, ou, aquilo que explica Certeau: “O memorável é aquilo que se pode sonhar a respeito do lugar” (p. 190).

Boa caminhada!



Foto 1: Paschoal Moreira explica à Turma do Gonçalinho o que é a Alma da Cidade (In: ANTUNES, SCAFF, MATTOS, 1993, p. 6)

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Anibal. *Cuiabá - Histórias, Crônicas e lendas*. São Paulo, Yangraf, 2003.
- ANTUNES, Wander; SCAFF, Ivens Cuiabano; MATTOS, Gabriel Francisco de. Um passeio pela city. *Revista do Gonçalves* – Aniversário de Cuiabá, Cuiabá, UFMT, 1993.
- BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s/d.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 3ª Ed., 1998.
- CONTE, Claudio Quoos; DE LAMONICA FREIRE, Marcus Vinicius. *Centro Histórico de Cuiabá – Patrimônio do Brasil*. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.
- DE LAMONICA FREIRE, Júlio. *Por uma poética popular da Arquitetura*. Cuiabá: EdUFMT, 1997.
- DOSSE, François. *Renascimento do Acontecimento – Um desafio ao historiador: entre Esfinge e Fênix*. São Paulo, Unesp, 2013.
- FRANCO, Luiza. Firma do Rio faz entrega em casa “sem rua”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 16/11/2014; <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/11/1548927-firma-do-rio-faz-entrega-em-casa-sem-rua.shtml> captado em 02/12/2014.
- FREITAS, Moacyr:... *e o tempo passou!*; s/ ed., Cuiabá, 1995.
- HARTOG, F. R. *A escrita da História – a natureza da representação histórica*. Londrina, Eduel, 2012.
- MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da Literatura de Mato Grosso – Século XX*. Cuiabá, Unicen Publicações, 2001 (Coleção Tibanaré, Vol. 1).
- MATTOS, Gabriel (Francisco) de. Definindo áreas e escolhendo escalas: Esboço de uma Cartografia da Arquitetura de quase 300 anos de Cuiabá. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. vol. 74, pp. 103-124. Cuiabá: IHGMT., 2014.
- MENDONÇA, Rubens de. *Dicionário biográfico mato-grossense*. Goiania, Rio Bonito, 1971.
- MENDONÇA, Rubens de. *Igrejas e Sobrados da Cuiabá* Cuiabá, 1978. (Cadernos Cuiabanos N° 3)
- MENDONÇA, Rubens de. *Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá*: Ed. Igrejinha, Cuiabá, 1975;

- MENDONÇA, Rubens de. *Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá*. Cuiabá: SEC-MT, Integrar, Defanti, 2012a.
- MENDONÇA, Rubens de. *Ruas de Cuiabá*. Cuiabá, SEC-MT, Integrar, Defanti, 2012b.
- MÜLLER, Maria de Arruda; RODRIGUES, Dunga. *Cuiabá ao longo de 100 anos*. Cuiabá, s/ ed., 1994.
- OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de. *Nas ruas da cidade – um estudo geográfico sobre as ruas e calçadas de Campo Grande, MS*. Campo Grande, EdUFMS, 1999.
- PÓVOAS, Lenine: *Sobrados e Casas Senhoriais de Cuiabá*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1980.
- RICOEUR, Paul. *La memória, la historia, el olvido*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2000.
- RODRIGUES, Dunga. *Roteiro de Lendas*. Cuiabá: EdUFMT, 1984.
- ROMANCINI, Sonia Regina. *Cuiabá: paisagens e espaços da memória*. Cuiabá, Cathedral Publicações, 2005. (Coleção Tibanaré, Vol. 6).
- SILVA FREIRE, B. S. *Presença na ausência do tempo* Cuiabá, Ed. UFMT, 1991. ((Trilogia Cuiabana 1).
- SILVA FREIRE, B. S. *Na moldura da lembrança*. Cuiabá, Ed. UFMT, 1991. (Trilogia Cuiabana 2).
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira et al. (Org.). *Cuiabá: De vila a metrópole nascente*. Cuiabá, Entrelinhas, 2006.
- WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

IGREJAS E SOBRADOS NA PAISAGEM VISLUMBRADA PELO HISTORIADOR RUBENS DE MENDONÇA

Sônia Regina Romancini¹

Na obra “*Igrejas & Sobrados de Cuiabá*”, publicada em 1978 pela Prefeitura Municipal de Cuiabá, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, o observador e perspicaz historiador Rubens de Mendonça percorre ruas e avenidas da cidade discorrendo com detalhes sobre as igrejas e os sobrados que compunham a paisagem urbana.

Nascido em 1915, Rubens de Mendonça conviveu na cidade que guardava suas origens pela mineração, no século XVIII e que, em meados do século XX, apresentava cerca de 50 mil habitantes. Na década de 1970, quando a obra em pauta foi lançada, a população urbana contava 88.254 habitantes.

As principais mudanças na economia e no espaço urbano de Cuiabá e Mato Grosso aconteceram a partir de 1964, quando o governo federal promoveu a “integração da Amazônia”, elegendo Mato Grosso como fronteira do capital e Cuiabá como centro de decisões, o que acarretou intenso fluxo migratório dirigido a Cuiabá e significativo crescimento demográfico. Assim, a população urbana atingiu 198.086 habitantes em 1980 e 395.662 em 1991 (CORRÊA, 1987; CUIABÁ, 2010).

O historiador Rubens de Mendonça foi morador da Rua Barão de Melgaço que procede do antigo “Quintal Grande”, denominação do local onde hoje se encontra a Avenida Mato Grosso, cruzando diver-

¹ Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Novas Territorialidades – GECIT (CNPq-UFMT). Membro do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER). E-mail: romanci@terra.com.br

sas avenidas até encontrar a Avenida Miguel Sutil, nas proximidades da Ponte Nova. Considerada uma das artérias mais importantes de Cuiabá, não somente pelo seu valor histórico, mas pela função de logradouro público que não tinha função comercial. Nela se sobressaía a função residencial, sendo que, a partir da década de 1970, foi tomada pelo setor financeiro, constituindo nos dias atuais uma rua de especialidade neste setor (ROMANCINI; ALENCASTRO, 2001).

Segundo um recenseamento realizado em 1825, o logradouro aparecia como Rua Linda do Campo, provavelmente por sua ligação com o antigo Campo d'Ourique (hoje Praça Pascoal Moreira Cabral, tomada pela construção da Assembléia Legislativa, atual Câmara Municipal de Cuiabá). Nesse período, as ruas eram referenciadas de maneira informal tendo como base as tradições da localidade (ROMANCINI; ALENCASTRO, 2001).

Para falar sobre a Rua Barão de Melgaço, Mendonça (1969, p. 75) cita seu pai, o historiador Estevão de Mendonça que assim escreveu: “Ainda é para muita gente, teimosamente Rua do “Campo”. O panorama de seu conhecimento remonta ao ano de 1878, quando chegou, ainda menino, em companhia de seus tios, tendo como primeira morada o sobradinho de Benedito Rico, à Rua Barão de Melgaço.

A memorialista Dunga Rodrigues informa que após o término da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, as ruas de Cuiabá passaram a ostentar os marcos da vitória. Cada uma delas, por meio de um edital da Câmara de 1871, passou a receber nomes de cidadãos ilustres, datas e outras referências às batalhas travadas. Dessa forma, a Rua do Campo passou a se chamar Rua Barão de Melgaço (RODRIGUES, 1969).

A cidade percorrida por Rubens de Mendonça era composta por 18 bairros e estava concentrada, especialmente, dentro da área circundada pela Avenida Miguel Sutil que, naquela época, representava uma área de expansão urbana. Também como exemplos de novas territorialidades urbanas na década de 1970 destacam-se o Centro Político Administrativo (CPA) e a Grande Morada da Serra, na direção norte/nordeste, e a Universidade Federal de Mato Grosso, no Coxipó.

A paisagem do centro principal começava a ser marcada pela verticalização dos edifícios, a exemplo do Palácio Alencastro, com sete andares, em 1957, e do edifício residencial Maria Joaquina, com 13 pavimentos, em 1967, junto à Praça Alencastro, e por diversos edifícios para uso comercial, residencial e institucional construídos nas décadas de 1970 e 1980.

Correspondendo aos ideais de modernidade da população, no ano de 1969, foi inaugurado em Cuiabá, o primeiro canal de televisão, a TV Centro América, filiada à Rede Globo. Nesse período, o Governo Federal realizou a pavimentação asfáltica das rodovias federais, ligando Cuiabá a Campo Grande, São Paulo, Goiás e Brasília (ROMANCINI, 2005).

A elaboração da obra *“Igrejas & Sobrados de Cuiabá”*, contendo 94 páginas, evidencia as preocupações do Historiador Rubens de Mendonça com a preservação de importantes conjuntos arquitetônicos e paisagísticos da cidade natal que, face ao processos vividos, passava por grande descaracterização de seu patrimônio material e imaterial.

Na apresentação da obra, datada de abril de 1978, o historiador Carlos Rosa, lamenta a ausência de legislação municipal e estadual para a preservação dos signos históricos abordados por Rubens de Mendonça e que compunham a paisagem urbana. Rosa informa que, para ilustrar a obra, foram inseridas fotos que revelam a descaracterização dos sobrados cuiabanos.

Inicialmente, Rubens de Mendonça descreve as primeiras igrejas de Cuiabá, destacando curiosidades e manifestações culturais que nelas ocorriam. Assim, as igrejas abordadas são as seguintes: Igreja da Matriz, Igreja do Rosário, Igreja de São Gonçalo, Igreja do Senhor dos Passos, Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, Igreja do Bom Despacho, Igreja Nossa Senhora Auxiliadora e Igreja Presbiteriana.

Na sequência, o autor destaca os sobrados existentes ou que já haviam sido demolidos, no centro e no bairro Porto, contando causos e fatos pitorescos sobre eles. A narrativa é, também, ilustrada com fatos históricos, crônicas, poemas e curiosidades sobre o tema em pauta. Para respaldar a análise, o autor lança mão de fontes bibliográficas de autores mato-grossenses que lhe permitem aprofundar na temática como, por exemplo, Estevão de Mendonça, José de Mesquita e Dom Aquino Corrêa.

Para o presente texto elegeu-se a abordagem sobre quatro igrejas e quatro sobrados analisados por Rubens de Mendonça. As ilustrações presentes neste texto foram retiradas da obra digitalizada do acervo da Casa Barão de Melgaço. Não foi possível mencionar os créditos dos fotógrafos uma vez que os mesmos não constam na obra analisada.

AS IGREJAS

Mendonça (1978) informa que a primeira igreja erigida em Cuiabá estava localizada no Coxipó-Mirim no arraial denominado Forquilha, fundado em 1719, por Pascoal Moreira Cabral Leme e outros

bandeirantes, que levantaram uma capela dedicada a Nossa Senhora da Penha de França, na qual o padre Jerônimo Botelho celebrou a primeira missa em 1720.

Posteriormente, com a descoberta do ouro no córrego da Prainha, nas proximidades da colina do Rosário, pelos índios enviados por Miguel Sutil. Essas minas ficaram conhecidas como Lavras do Sutil e Minas do Cuiabá e para lá se transferiu quase toda a população de Forquilha, pois se tratava de veio aurífero de grande importância. Surgia, assim, o Arraial do Senhor Bom Jesus do Cuiabá. No dia primeiro de janeiro de 1727, Cuiabá foi elevada à categoria de Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá e, em 1818, foi elevada à categoria de cidade, com a denominação de Cuiabá.

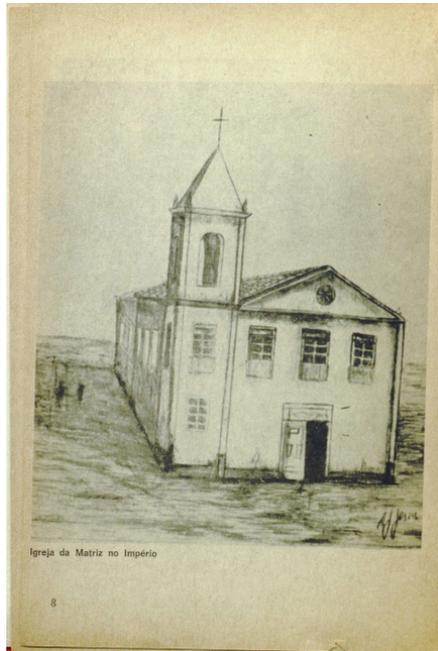
IGREJA DA MATRIZ

Templo dedicado ao Senhor Bom Jesus de Cuiabá, demarcado inicialmente pela presença de uma igreja de palha e pau-a-pique, levantada pelo Capitão Mor de Cuiabá, Jacinto Barbosa Lopes. Mendonça destaca as informações contidas na “Crônica do Cuiabá” de autoria de Barbosa de Sá:

Neste mesmo ano [1722] levantou o Capitão-Mor JACINTO BARBOZA LOPES, à sua custa, a IGREJA MATRIZ, coberta de palha, no mesmo local em que se acha a que hoje existe, dando-lhe o título de IGREJA DO SENHOR BOM JESUS DE CUIABÁ, adonde celebrou a primeira missa seu irmão frei PACÍFICO DOS ANJOS, religioso franciscano. (MENDONÇA, 1978, p. 7).

Pautado em Dom Aquino, Mendonça (1978) informa que em 1739, o vigário padre João Caetano iniciou a construção de uma nova capela de taipa socada, era ampla e abrigava a antiga capela. Em 1771, o padre José Pereira Duarte, com o apoio do frei José da Conceição Passos d’Arco, desenhista e construtor, ergueu a primeira torre em forma piramidal, que se conservou até 1868, quando o arquiteto italiano Tortorelli, desenhou e construiu uma nova torre, com teto em forma de abóbada. Na década de 1920, no governo do Presidente do Estado, Dr. Mário Corrêa da Costa, a Matriz do Bom Jesus passou por uma reforma, ganhando nova fachada, com duas torres, aspecto que foi conservado até a sua demolição, em 1968.

FIGURA 1: Igreja da Matriz no Império



Fonte: Mendonça (1978, p. 8)

FIGURA 2: Igreja da Matriz em 1914



Fonte: Mendonça (1978, p. 9)

FIGURA 3: Igreja da Matriz na década de 1940



Fonte: Mendonça (1978, p. 11)

FIGURA 4: Catedral Basílica de Cuiabá



Fonte: Mendonça (1978, p. 12)

As referências de Rubens de Mendonça à velha matriz são concluídas com dois sonetos de seu saudoso amigo José de Mesquita.

IGREJA DO SENHOR DOS PASSOS

A Igreja do Senhor dos Passos, construída em taipa de pilão (terra socada), localiza-se na Rua Sete de Setembro, antiga Rua do Oratório. Mendonça (1978) destaca as curiosas referências a essa igreja realizadas por Siqueira:

[...] 1816, no dia 10 de setembro, saiu a Câmara a quebrar os reais escudos, (falecimento de Dona Maria, rainha de Portugal), cuja cerimônia se executou nos largos da Igreja Catedral do Senhor dos Passos e da Praça Real (largo da Mandioca) [...] (SIQUEIRA apud MENDONÇA, 1978, p. 21)

De acordo com Mendonça (1978), a fundação da igreja do Senhor dos Passos é bastante curiosa, sendo relatada por Moutinho:

[...] José Manoel, português de nascimento, vítima de um ataque de catalepsia, foi durante ele julgado morto. Amortalhado, conduziram-no à igreja e ali, após encomendação, foi lançado à sepultura, dando-se logo começo ao enterro. Voltando a si teve forças para levantar-se, o que fez fugir a bom correr o coveiro [...] Levantado da sepultura, que era bastante profunda, saiu a custo dela, e fez então voto solene de não despir mais a mortalha, e pedir esmolas durante toda a vida, com as quais ergueria uma capela ao Senhor dos Passos. Como ainda nesse tempo havia devotos em maior abundância, o seu projeto foi facilmente levado a efeito [...] (MOUTINHO apud MENDONÇA, 1978, p. 21).

Posteriormente, a capela do Senhor dos Passos foi reformada e ampliada pelo bispo Dom Carlos Luiz D'Amour.

FIGURA 5: Igreja do Senhor dos Passos



Fonte: Mendonça (1978, p. 22)

IGREJA NOSSA SENHORA AUXILIADORA

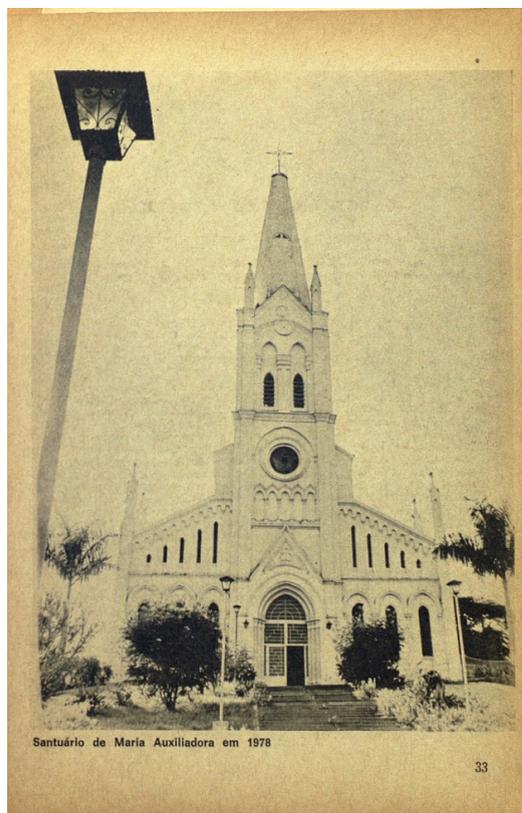
De acordo com Mendonça (1978), a história do Santuário Nossa Senhora Auxiliadora está ligada à Missão Salesiana, que chegou à cidade de Cuiabá em junho de 1894, à qual o bispo Dom Carlos Luiz D' Amour confiou a Igreja Paroquial de São Gonçalo.

A Missão Salesiana adquiriu, com o auxílio do Governo, uma chácara para abrigar os alunos internos e externos e iniciaram a construção de um colégio que teve uma parte construída antes de 1897. Em outra casa funcionavam quatro oficinas, sendo elas de ferreiro, de carpinteiro, de curtidor e alfaiataria.

Mendonça (1978, p. 34) informa que o início da construção do Santuário Nossa Senhora Auxiliadora se deu em 24 de maio de 1912, no terreno nivelado por 24 índios Bororo “que se ofereceram espontaneamente para esse piedoso trabalho”.

O Santuário de Nossa Auxiliadora foi inaugurado em 15 de abril de 1929, pertencendo à Paróquia de São Gonçalo.

FIGURA 6: Santuário de Maria Auxiliadora



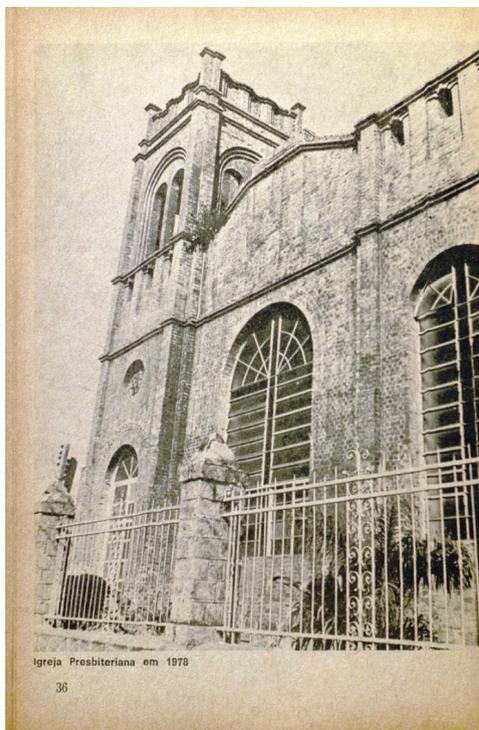
Fonte: Mendonça (1978, p. 33)

IGREJA PRESBITERIANA

Com base no relato do Sr. José Nonato de Faria, Mendonça (1978) informa que a primeira igreja de culto protestante construída em Cuiabá foi a Igreja Presbiteriana, organizada em 12 de outubro de 1920 e que, através da Mesa Administrativa, foram tomadas as providências para a aquisição de um terreno onde seria edificado seu templo. O terreno foi adquirido por compra do irmão João Pedro Dias e foi tomado um empréstimo junto a South Brazil Mission, sem juros e com pagamentos parcelados.

A pedra fundamental foi lançada no dia 7 de setembro de 1921. O templo foi construído com o apoio da Missão e a obra foi concluída em 24 de dezembro de 1922 (BOLETIM Informativo, 2000).

FIGURA 7: Igreja Presbiteriana



Fonte: Mendonça (1978, p. 36)

SOBRADOS

Mendonça (1978, p. 37) inicia o texto esclarecendo que o sobrado significa “pavimento de madeira; soalho; solho; pavimento superior ao pavimento térreo de um edifício [...]” e que em Mato Grosso, assim como no Nordeste brasileiro, a posse de um sobrado “significava a opulência, o poderio econômico dos fazendeiros, dos coronéis de usinas, proprietários de latifúndios” e que “as técnicas construtivas eram geralmente primitivas”.

SOBRADO DO ALFERES JOAQUIM MOURA

Mendonça (1978) situa este sobrado entre a Rua do Oratório, atual 7 de Setembro, na esquina com a Travessa da Alegria, denominada de Voluntários da Pátria. Segundo o autor, o sobrado pertenceu ao Sr. Rafael Verlangieri e deste passou ao seu filho Rafael Verlangieri Filho. Anteriormente, foi propriedade do Alferes Joaquim Moura.

Mendonça assinala como acontecimento importante o fato de nele ter nascido a poetisa Amália Verlangieri, no dia 22 de junho de 1930 e falecida no ano de 1976.

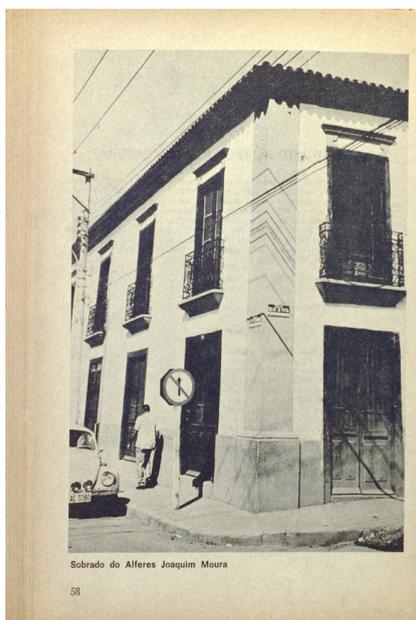
Na sequência, Mendonça presta uma homenagem à memória de Amália transcrevendo uma poesia de sua autoria:

Alma das cousas

(Amália Verlangieri)

A água que cai agora
Tão mansa, tão quieta,
Parece a lágrima escorrendo
No rosto dum menino pobre.
E em tudo há certa mágoa, desalento
Tão grande e profundo,
Que a alma das cousas se emudece
E se curva, humilde, como ante um altar.
E eu que andava a falar...
Parei a escutar
A alma das cousas falar...

FIGURA 8: Sobrado do Alferes Joaquim Moura



Fonte: Mendonça (1978, p. 58)

SOBRADO DA INTENDÊNCIA

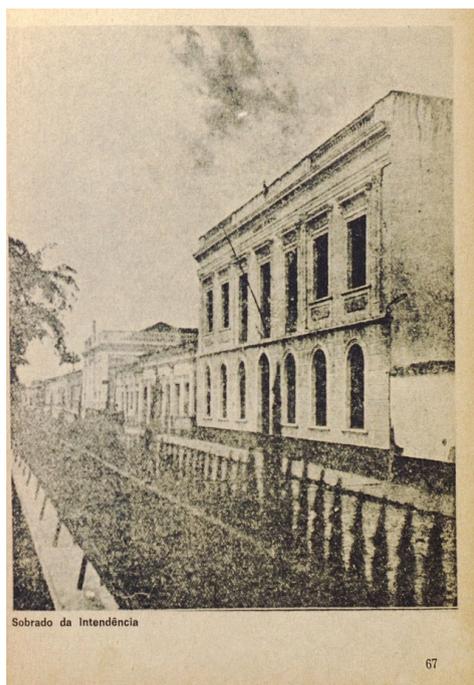
Quando o autor escreveu a obra, o Sobrado da Intendência Municipal era ocupado pela Câmara de Vereadores e, na gestão do Prefeito Frederico Carlos Soares Campos passou de sobrado a casa térrea (MENDONÇA, 1978).

De acordo com o relato do autor, este sobrado foi construído em 1810, passou por duas reformas e duas ampliações. A primeira antes da Guerra do Paraguai e a segunda em 1887, com a compra de uma pequena casa que pertencia ao jovem José Barnabé de Mesquita.

Na madrugada de 6 de outubro de 1911, um incêndio destruiu o acervo da Câmara Municipal. Como a vizinha percebeu o ocorrido, o Batalhão Policial, ajudado pela população, conseguiu extinguir o fogo por volta de 7 horas da manhã.

Um fato curioso relatado pelo autor sobre este incêndio é que não foram destruídos os originais dos “Anais do Senado da Câmara”, que eram guardados na Prefeitura, pois o intendente Avelino de Siqueira os havia emprestado ao historiador Estevão de Mendonça.

FIGURA 9: Sobrado da Intendência



Fonte: Mendonça (1978, p. 67)

SOBRADOS DA RUA 13 DE JUNHO

Segundo Mendonça (1978, p. 86), na rua que se chamava Bela do Juiz havia dois sobrados, um deles era “o sobrado do Sr. Gabriel Francisco de Matos, comerciante, homem de bem e trabalhador, cuja casa comercial se chamava: “Trabalho e Constância”.

Neste sobrado foi instalada a primeira empresa telefônica de Cuiabá, cujo concessionário e proprietário era o Sr. João Pedro Dias.

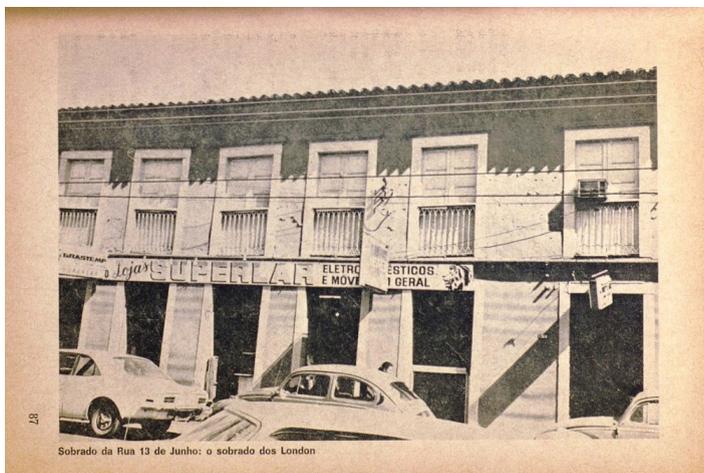
Mendonça destaca que o segundo sobrado da Rua 13 de Junho ficava no trecho, antigamente, denominado de Rua Cruz das Almas (o Largo da Cruz das almas é a atual Praça Ipiranga). O sobrado era antigo e nele funcionou o Ateneu Ipiranga, fundado pelo professor Alcindo de Camargo. Por ocasião da publicação da obra, o prédio pertencia à família London.

No ano de 1954 nele funcionou a primeira empresa de telefones interurbanos de Cuiabá, a empresa Radional.

FIGURA 10: Sobrado comercial do Sr. Gabriel Francisco de Mattos



Fonte: Mendonça (1978, p. 85)

FIGURA 11: o sobrado dos London

Fonte: Mendonça (1978, p. 87)

ALGUMAS REFLEXÕES

Conforme verificado, a cidade de Cuiabá, a partir da década de 1960, passou por significativo processo de expansão urbana e aumento populacional, com a conseqüente descaracterização ou demolição de parte do patrimônio construído. Praticamente duas décadas depois o poder público, pressionado pela sociedade civil, tomou medidas visando ao tombamento desse importante patrimônio cultural.

Certamente, entre as vozes que evocaram as medidas de preservação, estava a do historiador Rubens de Mendonça que publicou obras chamando a atenção para os valores representados pelo patrimônio paisagístico e cultural de Cuiabá, perpassando por sua história, lendas, práticas cotidianas, características das ruas e becos da cidade, analisando os conjuntos arquitetônicos, as igrejas e os sobrados.

No estado de Mato Grosso, a preservação do patrimônio é de responsabilidade da Secretaria de Estado de Cultura, com base na Lei Estadual n.º 3776, de 20/09/76, cabendo também aos municípios a responsabilidade de terem sua própria legislação para a valorização do patrimônio (ASSIS, 1997).

Entende-se que, na preservação, se busca a permanência do bem ao qual se atribui valor e/ou significado cultural. O ato de preservar ultrapassa a condição material do bem e alcança também seu significado histórico, seu valor imaterial, artístico, cultural, entre outros. Sob esse prisma, um bem é preservado para continuar evocando a

história, a cultura e a memória de um povo para seus contemporâneos ou descendentes (CASTILHO, 1997).

Em maio de 1975, por iniciativa do Governo de Mato Grosso e da Secretaria de Promoção Social, foi criado um projeto de promoção à cultura local, com a abertura da Casa do Artesão, no antigo Grupo Escolar Senador Azeredo, no bairro do Porto.

No âmbito municipal de Cuiabá, o Prefeito Rodrigues Palma (1976/79) criou o Departamento de Cultura e Turismo da Prefeitura de Cuiabá, que instituiu a Casa da Cultura. O antigo edifício do extinto Clube Feminino na Rua Barão de Melgaço passou a ser a sede da nova entidade, com a instalação da Biblioteca Municipal Manoel Cavalcanti Proença (PÓVOAS, 1982).

O primeiro tombamento federal em Cuiabá refere-se à Igreja de Nossa Senhora do Rosário e Capela de São Benedito, que foi inscrita no Livro Tombo de Belas Artes e no Livro Tombo Histórico do IPHAN, em 4 de dezembro de 1975. A proteção abrange, além do próprio monumento, todos os equipamentos do interior da igreja, entre os quais, retábulos, imagens, alfaias e mobiliário antigo (IPHAN, 2001).

Na esfera municipal, entre os anos 1975 e 1976, foi implementado um projeto de revitalização do centro urbano de Cuiabá, criando os “calçadões” no Beco do Candeeiro e nas ruas Galdino Pimentel, Ricardo Franco, Antonio Maria e Antonio João (FREIRE, 1997).

Na esfera estadual, aconteceram os tombamentos do Seminário da Conceição e da Igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho, pela Fundação Cultural de Mato Grosso, em 1977.

Em 1982, foi aprovada a lei de uso do solo, Lei 2023, de 09/11/82, que, no Art. 4.º, delimita a área de interesse histórico e define como área de proteção ecológica o Morro da Luz. No ano seguinte, foram tombados, por decreto municipal, o Morro da Luz e o Morro do Seminário (CUIABÁ, 1996).

Conte e Freire (2005) informam que no final de 1985, foram tombadas, provisoriamente, em nível municipal, uma área do centro e outra no bairro do Porto. Esse tombamento foi renovado no final de 1986. Em 1º de outubro de 1987, foi tombado em nível provisório federal a área no centro. Em 1988, o Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural aprovou o tombamento do Centro Histórico de Cuiabá e do seu entorno, com o objetivo de preservar o patrimônio remanescente dos séculos XVIII, XIX e XX, presente nesta cidade. O tombamento foi homologado pelo ministro da Cultura, em 4 de novembro de 1992.

De acordo com Conte e Freire (2005), o tombamento do Centro Histórico de Cuiabá deve-se ao fato de essa área manter o traçado urbano colonial e sobre ele as marcas do processo cultural de Cuiabá: os casarões do século XVIII, as edificações do século XIX e alguns exemplares da arquitetura dos anos 1950 e 1960 do século XX. Esse acervo expressa a história da cidade e lhe confere identidade.

A área protegida possui cerca de 400 imóveis na área do tombamento propriamente dito e 600 na área do entorno, totalizando 62,7 hectares, sendo 13 hectares na área do tombamento e o restante no entorno, incluindo, cerca de 10 hectares do Parque Morro da Luz (CONTE; FREIRE, 2005).

No tocante às igrejas mencionadas pelo historiador Rubens de Mendonça, todas figuram na paisagem urbana contemporânea. Os cidadãos cuiabanos poderão encontrá-las inseridas no cotidiano dos feis, que mantêm antigas tradições e criam novas práticas que revelam seus laços com o lugar.

Em relação aos sobrados, poucos restaram, alguns estão completamente desfigurados e alguns poucos receberam obras de conservação, de modo que constitui grande desafio ao morador de Cuiabá encontrar esses vestígios na cidade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Doralice G. *Conscientizar para preservar*. Secretaria de Estado de Cultura. Coordenadoria de Preservação Cultural. Cuiabá: SEC, 1997.
- BOLETIM INFORMATIVO. Igreja Presbiteriana de Cuiabá. *Boletim Informativo*, n. 1656, out., ano XXII, Cuiabá, 2000.
- CASTILHO, Elizethe Rosa. *Patrimônio histórico – uma questão de identidade*. Secretaria de Estado de Cultura. Coordenadoria de Preservação Cultural. Cuiabá: SEC, 1997.
- CONTE, Claudio Quos; FREIRE, Marcus Vinícius De Lamonica. *Centro Histórico de Cuiabá*, patrimônio do Brasil. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.
- CORRÊA, Roberto Lobato. A periodização da rede urbana da Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, n. 3, jul./set. 1987, p. 39-68.
- CUIABÁ. Prefeitura. Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano-IPDU. Diretoria de Pesquisa e Informação- DPI. *Perfil socioeconômico de Cuiabá*, volume IV. Organização Adriana Bussiki Santos; coordenação Jandira Maria Pedrollo. Cuiabá: Central de Texto, 2010.

CUIABÁ. Prefeitura Municipal. Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Urbano – IPDU. *Coletânea de leis municipais relativas ao espaço urbano: 1970 –1974; 1980-1983*. Cuiabá, 1996.

FREIRE, Júlio De Lamônica. *Por uma poética popular da arquitetura*. Cuiabá: EdUFMT, 1997.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito*. Cuiabá: 14 SR/18 Sub-Regional do IPHAN/MT, 2001.

MENDONÇA, Rubens de. *Igrejas e sobrados de Cuiabá*. Cuiabá: Prefeitura Municipal de Cuiabá, Secretaria Municipal de Cultura, 1978. (Cadernos Cuiabanos – 7)

MENDONÇA, Rubens de. *Ruas de Cuiabá*. Cuiabá: [s.n.], 1969.

PÓVOAS, Lenine C. *História da cultura mato-grossense*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1982.

ROMANCINI, Regina Sônia. *Cuiabá: paisagens e espaços da memória*. Cuiabá: Cathedral publicações, 2005. (Coleção Tibanaré, v. 6)

ROMANCINI, Sônia R.; ALENCASTRO, Aníbal. Homenagens ao Barão de Melgaço. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. Cuiabá: IHGMT, n. 61, p. 51-62, 2003.

“CENTENÁRIO DO LICEU CUIABANO (1879-1979): UM OLHAR DO POETA, HISTORIADOR E JORNALISTA RUBENS DE MENDONÇA”

Nileide Souza Dourado

MENDONÇA, Rubens de. *Centenário do Liceu Cuiabano (1879-1979)*. Criado pela Lei N. 536 de 3 dezembro de 1879. Desenho: Jomil G. Santana. Impressão: Seção de Mecanografia/SEC/DAA: Cuiabá - Mato Grosso, 1979, 36 f.

Rubens de Mendonça



Acervo Família Mendonça

Ensaaiar sobre significados da escrita, a produção do texto e a organização da obra “*Centenário do Liceu Cuiabano (1879-1979)*”, de autoria de Rubens de Mendonça – por ocasião dos festejos comemorativos do centenário do poeta, historiador e jornalista, Rubens de Mendonça: “1915 a 2015” é o horizonte do presente trabalho.

Rubens de Mendonça nasceu em Cuiabá no dia 27 de julho de 1915, veio a falecer no dia 3 de agosto de 1983. Destacou-se por diversos trabalhos, visto que seus livros versam sobre os mais variados assuntos e são de consulta imprescindível para todos aqueles que se arvoram aos estudos de Mato Grosso. Considerado um dos maiores expoente da historiografia mato-grossense, Rubens de Mendonça escreveu e publicou 38 livros.

No campo do jornalismo, contribuiu e atuou nos maiores veículos da mídia impressa, como *Correio da Semana*, *O Estado de Mato Grosso*, *Correio da Imprensa* e *Diário de Cuiabá*. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso; à Academia Mato-Grossense de Letras; Associação de Imprensa Mato-Grossense; Sociedade de Geografia de Lisboa; Instituto “Antônio Cabreira”, de Lisboa; ao Instituto de Cultura Americana, de La Prata, Argentina; Centro Intellectual “Augustin Aspiazú”, de La Paz, Bolívia. Foi Secretário Geral da Comissão Mato-Grossense de Folclore e correspondente da Academia Acreana de Letras.

Mendonça exerceu os cargos de Escriurário da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional e Delegacia Regional do Imposto de Rendas. Foi Avaliador Judicial da Comarca da Capital e Colaborador de Ensino na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Portanto, um intelectual engajado na vida da cidade de Cuiabá, nos locais de produção e divulgação do conhecimento e na promoção de debates, reflexões e prosas. Em suma: um autêntico “mediador cultural” do seu tempo.

Figura 2 – Centenário do Liceu Cuiabano (1879-1979)

Centenário do Liceu Cuiabano (1879-1979) é uma das obras escrita por Rubens de Mendonça que se destaca por suas reflexões cheias de clareza e objetividade, na qual, o poeta, historiador e jornalista, expõe suas ideias, em especial, sobre a história do ensino mato-grossense, com elevado destaque para o *Liceu Cuiabano*, quando discorre sobre a sua criação, instalação, quadro de professores, o ensino, a administração escolar, o cotidiano de professores e alunos, memórias de ex-alunos, enfim, a vida do estabelecimento de ensino, no decorrer dos 100 anos de sua existência, instalado e funcionando na capital de Mato Grosso.

Explicita o autor que sua obra, metodologicamente, é resultante de uma vasta pesquisa documental, incluindo notas históricas extraídas de obras ou arquivos pessoais de escritores locais, colaboradores e relatos de alguns fatos da trajetória que marcaram sua vida, especialmente no campo da produção histórica da educação e instrução em Mato Grosso, além, de algumas contribuições literárias de ex-alunos ou pessoas que estiveram de algum modo, relacionadas com a vida do estabelecimento de ensino – *Liceu Cuiabano*.

A referida obra teve sua publicação em 1979, não paginada, é composta de 36 folhas e encontra-se estruturada com os elementos de apresentação e cinco partes, nas quais o autor apresenta ideias, traduz experiência e a sua fundamentação sobre os fatos, acontecimentos

cotidianos do estabelecimento de ensino: 1) *Liceu Cuiabano*; 2) *Professores do meu tempo*; 3) *O primeiro uniforme do Liceu Cuiabano*; 4) *O Liceu do meu tempo: uma crônica para maiores de 50 anos - Octayde Jorge da Silva*; 5) *Reminiscências vagas de um ex-aluno do Liceu Cuiabano – Clóvis Pitaluga de Moura*; 6) *Um século de glória: Lenine C. Póvoas – Ex-aluno do Liceu Cuiabano*.

Nesse sentido, o leitor atento vai perceber a grande maestria com que o poeta descreve suas reflexões ao escrever sobre a história do *Liceu Cuiabano* utilizando os vários elementos de linguagem, leveza e arte ao contar, em versos, o que aprendeu nos livros, as memórias e os significados daquilo que o rodeou, bem como o que apreendeu em prosa com amigos e familiares.

Na primeira parte da obra, *Liceu Cuiabano*, é feita uma breve cronologia histórica sobre a criação e instalação do estabelecimento de ensino, em Cuiabá-MT:

[...] Fundado em 1880, dia 07 de março, pelo Presidente de Província de Mato Grosso, Rufino Enéas Gustavo Galvão, Barão de Maracaju. O Liceu Cuiabano foi criado pela Lei n.º 536 de 03 de dezembro de 1879, sendo Diretor Geral de Instrução Pública, o Dr. Dormevil José dos Santos Malhado [...]. (MENDONÇA, 1979, n.p).

Manifesta também Mendonça (1979) que a solenidade de instalação do *Liceu Cuiabano* ocorreu na presença de membros da sociedade civil, colegiais e autoridades civis e militares. De conformidade com o autor, assinaram a ata de instalação do referido estabelecimento:

[...] Ss. Exas. Rufino Enéas Gustavo Galvão, Barão de Maracaju, Presidente da Província; Dom Carlos D'Amour, Bispo de Cuiabá; Dr. Dormevil José dos Santos Malhado, Diretor Geral de Instrução Pública. Os professores do estabelecimento, Dr. Antonio Corrêa da Costa Pereira; José Magno da Silva Pereira; Belarmino Augusto de Mendonça Lobo; Antonio Corrêa da Costa; Dr. José Maria Metelo; João Pedro Gardés; José Estevão Corrêa; Augusto César de Pádua Fleury; Padre Francisco Bueno Sampaio; João de Souza Neves; Francisco Nunes da Cunha; José Maria Velasco; Manoel Gaudie Ley; Felix Benedito de Miranda e Manoel Ricardo Machado, Secretário Geral da Província [...]. (MENDONÇA, 1979, n.p).

Mendonça (1979) apresenta, ainda, nessa primeira parte do texto, alguns pontos do discurso proferido pelo Dr. *Dormevil José dos*

Santos Malhado, Diretor de Instrução Pública da Província de Mato Grosso, o que corresponde, hoje, ao cargo de Secretário de Estado de Educação, no ato de instalação do *Liceu Cuiabano*, no que diz respeito à finalidade do educandário e o seu objetivo fundamental: “[...] ensino livre – instrução obrigatória, confraternidade de religião e da instrução – instrução mista dirigida pela mulher – escolas de instrução primária na cadeia da cidade – aulas noturnas – criação de um curso de humanidades [...]”. (MENDONÇA, 1979, n.p).

São destaques importantes ressaltados pelo autor, especialmente por tratar-se de temas fundamentais, o novo Regulamento Orgânico da Instrução Pública, promulgado no ano de 1880, na província de Mato Grosso.

Por ocasião da escrita deste ensaio sobre *Centenário do Liceu Cuiabano (1879-1979)* optou-se por abrir um breve leque de possibilidades e mostrar outras contribuições e estudos que enfatizam a reforma e a busca por melhoria da educação e instrução pública em Mato Grosso no período em questão, especialmente, a partir de 1970, com a implantação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e seus Programas de Pós-Graduação e de seu grupo de pesquisa na área da História da Educação, mais especificamente na década de 1990, cuja produção vem se avolumando e redundando em dissertações e teses, com destaque para o campo da História da Educação em Mato Grosso.

Nessa perspectiva, uma das autoras vinculadas ao grupo de pesquisa História da Educação e Memória – GEM/IE/UFMT e à historiografia da Educação de Mato Grosso é a professora, Dr^a. Elizabeth Madureira Siqueira, paulista de nascimento, mato-grossense por opção, doutora em Educação (PPGE/UFMT) e mestra em História Social (USP-SP) que em sua tese de doutoramento: *Luzes e Sombras: Modernidade e Educação Pública em Mato Grosso (1870-1899)* apresenta uma nova e sólida abordagem histórica, sobre o cenário educacional mato-grossense, no final do período imperial brasileiro, um estudo com amplo destaque para Mato Grosso. Portanto, é a autora com a qual o presente estudo estabelecerá diálogos.

Dessa maneira, no presente ensaio sobre o *Centenário do Liceu Cuiabano (1879-1979)* – é relevante e de grande significação apresentar um *insight* sobre a trajetória e a atuação do *Dr. Dormevil José dos Santos Malhado* na estrutura de poder em Mato Grosso, frente ao cargo de Diretor Geral de Instrução Pública da Província, visto ser uma personalidade influente e responsável pelos ditames do ensino na Província. Assim, em conformidade com os estudos de Siqueira

(2000), passo a revelar um pouco da trajetória e as ações de *Dormevil José dos Santos Malhado* em Mato Grosso:

“[...] baiano, nascido a 4 de maio de 1837 na capital soteropolitana, tendo se formado em medicina. Por ocasião da peste da varíola, iniciada em plena Guerra do Paraguai, em 1867, teria ele sido convocado para atuar junto ao contexto mato-grossense e ali permanecido por todo resto de sua vida[...]”. (SIQUEIRA, 2000, p. 112).

Anuncia Siqueira (2000) também, que a educação em Mato Grosso, no período de 1870 a 1899, sob a batuta do Dr. *Dormevil José dos Santos Malhado*, foi ampliada e em seu contexto, inserida a sedimentação dos pontos que “regulamentariam as práticas escolares e administrativas do setor educacional de Mato Grosso, especialmente, em vista da ampliação da população escolar, após as leis abolicionistas”. Ressalva ainda a autora, outro fator que contribuiu para a estabilidade da província de Mato Grosso, como:

A abertura da navegação pelo rio Paraguai, colocando Mato Grosso em contato direto com a movimentação comercial mais ampliada, intensificou, sem dúvida, o aumento populacional [...] o que reverteu numa queda da mortalidade e aumento da natalidade (SIQUEIRA, 2000, p. 68-69).

Nessa perspectiva, vale garantir que, as modificações ocorreram também, no âmbito da instrução pública, além, das transformações econômicas e sociais pelas quais passava a província. Dando prosseguimento às ações educacionais do Dr. *Dormevil José dos Santos Malhado*, no que diz respeito à implantação do Regulamento Orgânico da Instrução Pública, em Mato Grosso, promulgada no ano de 1880, sob sua responsabilidade, a mesma autora revela que:

[...] Foi em sua gestão que entrou em funcionamento a primeira escola estatal de ensino secundário, o *Liceu Cuiabano*, rumos futuros dependeram das bases políticas fincadas em seus primórdios. Adepto do princípio da obrigatoriedade do ensino, Malhado empenhou-se em fazer valer, em Mato Grosso, esse princípio, especialmente, no tocante ao ensino primário. Seus argumentos nessa direção tinham como cenário os países mais adiantados da Europa, exemplos de experiência viva para Mato Grosso [...]. (p. 113).

Assim, a gestão de *Dormevil José dos Santos Malhado*, na área da educação foi marcada também pelos avanços no campo da feminização do magistério, convencimento feito a partir de um discurso moderno e político aos parlamentares e as famílias mato-grossenses, sobre a participação da mulher no ensino, conforme revela Siqueira, parte do seu pronunciamento:

[...] em conceber a mulher como a “solução mágica” para os graves problemas pelos quais passava a instrução pública. Argumentava ele que a mulher tem qualidades especiais para educadora e mestra; é muito superior ao outro sexo em clareza, doçura, imaginação, paciência, bondade, zelo e graça, o que constitui para com as crianças, sempre saudosas do carinho materno, uma espécie de atração para com a professora, sujeitando-se elas às imposições do estudo, unicamente para satisfazê-la [...]. (SIQUEIRA, 2000, p. 114).

Percebe-se mais uma vez que, segundo Siqueira (2000), quando o Barão de Maracaju, Presidente da província de Mato Grosso, implementou a Reforma da Instrução Pública de 1880, “o discurso moderno ganhou força, assim como os espaços de saber, receberam contornos mais acentuados” [...]. Para Siqueira (2000), tal reforma teve como fios condutores três proposituras básicas: *a obrigatoriedade do ensino primário – a liberdade de ensino – criação do primeiro estabelecimento público de ensino secundário da província* [...]. Por ocasião da apresentação do conteúdo da nova Reforma do Ensino, ou seja, a filosofia da reforma Maracaju, *Dormevil José dos Santos Malhado* faz apresentação de sua concepção de instrução, proposta para o período:

[...] é a base da ilustração de um país, ela é a alavanca poderosa do progresso das Nações, porque obriga o homem ao cumprimento do dever, e o dever fielmente cumprido abre o espírito à verdade, visto como ambos são da mesma família, imutáveis, universais, eternos [...]. (SIQUEIRA, 2000, p. 115).

Assim, nos festejos de inauguração do *Liceu Cuiabano*, além do Diretor Geral de Instrução Pública, *Dr. Dormevil José dos Santos Malhado*, outras personalidades discursaram (professor, deputado, padre), cujas temáticas versavam sobre *instrução e educação*, ocasião em que enfatizaram ser o binômio essencial para a formação do cidadão mato-grossense. A tônica de todos os discursos perpassava pelos pontos básicos da reforma como: *princípio da obrigatoriedade e liberdade de ensino*, além dos conceitos que abundaram como o de *progresso* e

civilização, sendo a escola concebida como templo de luz, espaços de ressonância e repercussão dessas ideias (SIQUEIRA, 2000, p. 117).

Dando prosseguimento às observações de Rubens de Mendonça (1979), ainda na primeira parte do texto, o autor esclarece que o *Liceu Cuiabano* concorreu grandemente para o desenvolvimento cultural de Mato Grosso, ocasião em que faz um destaque importante, com a citação da obra do historiador Virgílio Corrêa Filho, *Monografia Cuiabana – Questão de Ensino* (1925), com relação à posição do educandário no cenário nacional:

O Liceu Cuiabano perdeu as regalias da equiparação na administração do interventor federal Camilo Soares de Moura, por efeito da portaria de 24 de agosto de 1917, do Ministério da Justiça, e assim permaneceu até que, mercê dos esforços do governo de D. Aquino Corrêa conseguiu readquiri-las em 1920, em portaria de 30 de março do Ministro da Justiça e Negócios Interiores. Desde essa época até os nossos dias o Liceu vem funcionando normalmente. (CORRÊA FILHO apud MENDONÇA, 1979, n.p).

Mendonça (1979) apresenta outras situações vivenciadas pelo estabelecimento de ensino, com relação, a mudança de nome, no decorrer dos 100 de sua existência (1879-1979):

Na intervenção Júlio Müller pelo Decreto nº 100 de 27 de maio de 1942, o Liceu Cuiabano passou a denominar-se Colégio Cuiabano, sendo posteriormente sua denominação alterada para Colégio Estadual de Mato Grosso, pelo Decreto-Lei n.º 143 de 10 de março de 1943. Depois, pelo Decreto – 480 de 29 de março de 1976 passou a denominar-se Escola Estadual de Iº e IIº Graus. Recentemente no Governo Dr. Cassio Leite de Barros, Decreto n.º 1.752 de 13 de março de 1979, voltou ao seu antigo nome: Liceu Cuiabano [...].

Segundo a historiografia, outra mudança de nome do educandário vai acontecer no governo de Dante Martins de Oliveira, para homenagear D. Maria Müller - “Escola Estadual Liceu Cuiabano Maria de Arruda Müller” - feita através do Decreto 2.812, de 11 de dezembro de 1998. A professora, Maria de Arruda Müller participou ativamente da história política e cultural de Cuiabá e do estado de Mato Grosso, foi uma das mulheres a conquistar uma cadeira na Academia Mato-Grossense de Letras, em 1930. Professora desde os dezesseis anos, deixou as salas de aula aos 96 anos de idade, por razões de saúde.

Voltando-nos para as homenagens que o poeta Rubens de Mendonça faz ao *Liceu Cuiabano*, pelo seu centenário – 1879 -1979 - instituição educativa que procurou manter sempre a tradição do ensino mato-grossense e, com a elevada competência de educar e instruir a mocidade se manteve por muito tempo, como a única instituição pública de ensino médio (chamado secundário, à época) a qual possibilitou aos jovens ingressarem brilhantemente nos diversos cursos superiores do país, muitos deles chegando a ocupar altos postos no cenário político mato-grossense e brasileiro.

Liceu Cuiabano



Acervo Casa Barão de Melgaço

O *Liceu Cuiabano*, criado a 3 de dezembro de 1879 e inaugurado a 7 de março de 1880, foi o primeiro estabelecimento público secundário de Cuiabá, composto de dois cursos, o Normal e o de Línguas e Ciências Preparatórias. Com essa união, o *Liceu Cuiabano* tinha por fim atender dois objetivos, o primeiro *preparar professores para o magistério do ensino primário* e o segundo *habilitar os aspirantes à matrícula nos cursos superiores* ofertados pelas Faculdades de Direito, Medicina e Engenharia Militar (São Paulo/Recife/Rio de Janeiro/Bahia).

Para Mendonça (1979), o estabelecimento de ensino, *Liceu Cuiabano* foi solenemente instalado, inicialmente, onde funciona, na atualidade, o *Ganha Tempo* que, segundo Estevão de Mendonça (2012), em sua obra, *Datas Matogrossenses*, no referido edifício funcionou também, o *Batalhão de Polícia Militar* ou *Quartel da Força Pública* e em décadas posteriores a *Imprensa Oficial de Mato Grosso* (Figura 2).

Ressalta ainda Estevão de Mendonça (2012) que, na solenidade de instalação do *Liceu Cuiabano* [...] quatro bandas de música executaram peças escolhidas e uma guarda de honra prestou ao presidente da província, general Barão de Maracaju, e ao bispo D. Carlos Luiz D'Amour, as continências da ordenança. (MENDONÇA, 2012, v. I, p. 134).

Ainda, nessa mesma perspectiva, segundo Siqueira (2000), o evento marcou mais uma conquista do governo provincial, na direção da instrução pública e foi assim avaliado pelo Presidente da Província, Barão de Maracaju:

A criação deste útil estabelecimento é de um alcance imenso e de uma importância sem limites para os habitantes de Mato Grosso. Está, finalmente, superada a barreira invencível para os pais que, por falta de recursos, deixando de proporcionar a seus filhos a instrução, que só podiam ter os filhos do rico, pelos sacrifícios necessários à educação. Dora em diante qualquer um pode, sem grande esforço, dar a seus filhos educação mais sólida e mais apropriada às suas vocações, sem que sujeite a juízo estranho – o que só o coração paterno pode descortinar (SIQUEIRA, 2000, p. 185).

Do primeiro corpo docente do Liceu Cuiabano, fizeram parte:

Dr. Dormevil José dos Santos Malhado (cadeira de Pedagogia);
 José Magno da Silva Pereira (cadeira de Gramática Portuguesa);
 Cap. Belarmino Augusto de M. Lobo (cadeira de Matemática);
 Antonio Correa da Costa (cadeira de Geografia e História);
 João Pedro Gardés (Língua Francesa);
 Antônio Catilina Pereira da Silva (cadeira de Latim);
 José Estevão Corrêa (cadeira de Filosofia)
 (SIQUEIRA, 2000, p. 185).

Declara ainda a mesma autora que, a partir de 1880, duas escolas secundárias ornavam o contexto escolar na província: “uma particular (Seminário Episcopal) e outra pública (Liceu Cuiabano) passando ambas a disputar o conjunto dos alunos que, da escola primária, desejavam prosseguir os estudos [...]”. (SIQUEIRA, 2000, p. 185).

Mendonça (1979) ressalta, em o *Centenário do Liceu Cuiabano (1879-1979)*, que o primeiro estabelecimento de ensino secundário de Mato Grosso foi, de fato, instalado no *Seminário da Conceição*, por iniciativa e esforço do primeiro bispo de Cuiabá, Dom José Antonio dos Reis, em 1858. E que, durante a primeira década do século XX, o citado estabelecimento de ensino, *Liceu Cuiabano*, passou a funcio-

nar no *Prédio da Diretoria Geral da Instrução Pública*, pertencente à União, localizado na Praça da República, onde funciona na atualidade a *Empresa de Correios e Telégrafos de Cuiabá-MT*.

Os Correios e Telégrafos

(*Liceu Cuiabano*)



Acervo Casa Barão de Melgaço

Desse modo, no ano de 1914 foi inaugurado o edifício do *Palácio da Instrução*, onde passou a funcionar o *Liceu Cuiabano*, juntamente, com a *Escola Normal Pedro Celestino*.

Palácio da Instrução - Liceu Cuiabano e Escola Normal Pedro Celestino



Acervo Casa Barão de Melgaço

Sebastiana Gaíva (2008) apresenta um breve histórico sobre o espaço onde funciona na atualidade o *Liceu Cuiabano*:

[...] a construção do prédio onde, hoje, funciona o Liceu Cuiabano, cuja inauguração se deu no dia 04 de outubro de 1.944, coube à Fundação Coimbra Bueno, de Goiás, que trouxe para Cuiabá, o Engenheiro Cássio Veiga de Sá que, também foi responsável pela construção das antigas sedes da Residência do Governador e do Tesouro do Estado. Ao ser inaugurado o Liceu Cuiabano, o Dr. João Ponce de Arruda exercia o cargo de Secretário Geral do Estado de Mato Grosso, que se encontrava sob Intervenção de Júlio Müller, na Presidência de Getúlio Vargas [...].

Liceu Cuiabano



Acervo Casa Barão de Melgaço

Diante do exposto, percebe-se que o *Liceu Cuiabano* passou por sucessivas crises e reformas educacionais e, ao longo de sua história, mudou de endereço e de nomenclatura por várias vezes, através de medidas que buscavam adaptá-lo às demandas sociais e políticas do período.

Portanto, é com o cenário de “prestígio e tradição” que o educandário *Liceu Cuiabano* foi edificado, graças ao apoio de um grupo de professores, intelectuais pioneiros, que não mediram esforços, mediante suas intervenções, junto às iniciativas estadual e nacional, na primeira metade do século XX, para a construção do edifício escolar, de suntuosidade para a época, porém, integrante de um conjunto de obras oficiais, no intuito de modernizar a cidade de Cuiabá.

Nessa perspectiva, o *Liceu Cuiabano*, portador de favorecimento de sua imagem com vasta tradição, passou ser um marco de referência, no quesito educacional e estrutural, com a sua imponência e beleza, na paisagem cuiabana. O prédio tem arquitetura (prenúncio do modernismo), típica das obras do Estado Novo de Getúlio Vargas, estilo *Art-déco*, e foi tombado como Patrimônio Cultural Estadual Edificado em 1984.

Assim, na parte dois da obra *Centenário do Liceu Cuiabano (1879-1979)* de autoria de Rubens de Mendonça (1979) com base no texto de Firmo Rodrigues, *Professores do Meu Tempo* (1969), procura destacar e enaltecer o corpo docente do estabelecimento de ensino, de sua época. Declara Mendonça que três professores deixaram recordações pela dedicação religiosa ao magistério foram: João Pedro Gardés; José Magno da Silva Pereira e José Estevão Corrêa. Mendonça (1979), com sua faceta satírica, referencia João Pedro Gardés ressaltando sua capacidade, competência, dedicação e alguns aspectos do cotidiano do referido professor, desde o seu rigor com a carreira, compromissos, pontualidade com as aulas e, de forma bem humorada, revela fatos pitorescos, ou seja, os momentos recheados de descontração, bem como, as experiências profissional e doméstica vivenciada por Gardés, seja entre alunos, professores do *Liceu Cuiabano* e no recinto familiar.

Com relação, ainda, a esse mestre, Mendonça observa enfaticamente:

[...] a pontualidade com que Pedro Gardés comparecia às aulas, quer chovesse torrencialmente, quer fizesse sol abrasador; a hora da aula lá se encontrava Gardés, tendo feito, às vezes, à pé, a caminhadas do Coxipó à cidade, *martelando* na conjugação dos verbos irregulares como um incipiente *s'em aller* que tanto enfasiava os alunos. (MENDONÇA, 1979, n.p).

Outro fato retratado com riqueza de detalhes, humor e satisfação foi descritos por Mendonça, enquanto aluno do referido professor, diz respeito ao episódio vivenciado pelos alunos numa tarde cuiabana:

Uma tarde, *matamos* as aulas e fomos passear no bairro da Caixa D'Água, daí avistamos Gardés, de calças arregaçadas, de enxada em punho, trabalhando no quintal da casa de sua residência, onde se viam belas laranjeiras. Solano, um dos mais incorrigíveis da turma, gritou: “Gardés! Manda laranjas para nós...” Daí a momentos aproximou-se da turma um moleque, trazendo um saco cheio de laranjas [...]. (MENDONÇA, 1979, n.p).

Finalizando às suas homenagens ao Professor Gardés, Mendonça ressalta com veemência a dedicação, sabedoria e a competência inegável, tanto que faz uma reverência ao mesmo mestre com a citação do Livro de Firmo Rodrigues – *Figuras e Coisas de Nossa Terra* (1969):

[...] Gardés foi inegavelmente, um educador infatigável; lecionou durante mais de cinquenta anos no *Liceu Cuiabano* e no *Liceu Salesiano*, sempre com a mesma dedicação. Quem o encontrasse metido numas calças de riscado, empunhando uma colher de pedreiro, fazendo reparos numas casinhas que ele possuía no campo do Ourique, jamais suporia estar em presença de um homem de grande cultura, a quem Cuiabá ficou devendo eficaz cooperação na educação de sua mocidade [...]. (RODRIGUES apud MENDONÇA, 1979, n.p).

Em *O Primeiro Uniforme do Liceu Cuiabano* – diz respeito à parte terceira da obra que ora se ensaia. Mendonça narra com carinho essa dose de experiência vivida e rememorada pela aluna matriculada no 3º ano do *Liceu Cuiabano*, “Inês Maria Luiza Corrêa da Costa”, pintora de renome, filha caçula do Cel. Pedro Celestino, Presidente da Província de Mato Grosso por duas vezes. Revela Mendonça (1979) o interesse de Inês em circular pela cidade de Cuiabá, acompanhando as irmãs às compras, em remexer os alcaides (artigos que não tem venda) das lojas, ou seja, artigos que podiam ser adquiridos por bom preço e de boa qualidade.

Nessa perspectiva, Mendonça propicia ao leitor, um pouco da história de uma jovem estudante “Liceísta” ao exercitar as suas vontades, afirmações, curiosidade, uma busca possível e própria dos jovens de realização de si e do grupo. Em suas andanças pelo comércio cuiabano, Inês descobriu algo que passou a fazer parte da história da cultura material cuiabana – algumas peças de casimira belga, vermelha, de

excelente qualidade, na Casa Avelino de Siqueira, que passa a compor a indumentária dos alunos do *Liceu Cuiabano – Uniforme*.

Mendonça (1979) faz uma breve apresentação sobre os produtos comercializados pela Casa Avelino de Siqueira: [...] esta loja primava pelo artigo de escola, que provinha todo do estrangeiro, pela maior facilidade de aquisição. Variava o seu estoque entre tecidos, estatuetas, biscuit e objetos ornamentais da prata da lei [...].

Assim, Inês, mediante a grande descoberta e a sua boa comunicação, convocou todo o alunado do *Liceu Cuiabano* e propôs de imediato à criação de um uniforme para ambos os sexos, cuja convocação se sustentava em aproveitar a pechincha da Casa Avelino de Siqueira: a casimira ótima, durável e barata. Desse modo, no ano de 1924 foram adquiridos os primeiros metros de tal fazenda, para a confecção dos conjuntos de saia e blusa e agasalho e, para os rapazes, era confeccionada apenas a blusa, que tinha a gola bordada. Dessa maneira, sendo a casimira belga decantada pela sua durabilidade e, de acordo com o número de filhos e filhas por famílias, o uniforme foi muito bem aproveitado, sendo repassado de um por um.

Já na quarta parte da obra, de autoria de Rubens de Mendonça (1979) - *O Liceu do Meu Tempo – Uma crônica para maiores de 50 anos – autoria de Octayde Jorge da Silva* – são apresentadas as considerações sobre a trilha da memória e as lembranças das trajetórias desse último, contada sobre as múltiplas formas de caminhada em seu tempo junto ao *Liceu Cuiabano*, refletindo a partir dos níveis de escolarização da época; o perfil das escolas; as provas, os concursos e exames; o acesso e o cotidiano dos alunos no *Liceu Cuiabano*; o quadro e perfil dos professores de seu tempo; formaturas e memórias lendárias no *Liceu Cuiabano*.

Descreve Rubens de Mendonça (1979) que Octayde Jorge da Silva, para ingressar no *Liceu Cuiabano*, “saltou” da metade do 4º ano primário para cursar o “Exame de Admissão” - curso preparatório, com duração de acordo com a disponibilidade do aluno, ou seja, poderia ser feito em um mês ou num ano. Revela que o mais procurado e de maior fama era o dirigido pelo professor Isác Póvoas e sua filha Lélia, que preparava meninos e meninas para realização dos exames de admissão ao “Liceu Cuiabano”, argumenta também, que havia outros cursos, como da Profª Amelinha Lobo, da Dona Bebé, esposa do Prof. Francisco Mendes, e o de Franklin Cassiano (tio de Octayde).

De acordo com a sua narrativa, o curso que inspirava maior temor e ao mesmo tempo orgulho de pertencer a ele, era o do Prof. Isác Póvoas, no qual era feito uso da “palmatória”. E, para o ingresso no

Liceu Salesiano ou “Colégio dos Padres”, os cursos preparatórios para o exame de admissão eram oferecidos apenas para rapazes.

Portanto, para ser aluno do *Liceu Cuiabano* era fundamental que os candidatos demonstrassem talento e capacidade, associada às condições intelectuais e se distinguissem mediante o nível de aproveitamento feito em estudos anteriores. Nesse sentido, Octayde confessa que recebeu um bom preparo do “Grupo Primário”, pois fora instruído por professores de incontestável competência e reconhecida dedicação, o que foi acrescido com os ensinamentos ministrados no curso preparatório para o “Exame de Admissão”. Ressalta ainda, que, a partir disso, todos os obstáculos foram facilmente superados, durante sua vida escolar.

Mendonça destaca os resultados, as disputas e marcas deixadas em Octayde Jorge da Silva por ocasião de sua aprovação no Exame de Admissão e do ingresso no *Liceu Cuiabano*:

[...] Um primeiro lugar dividido com um filho da Prof.^a Amelinha Lobo, família que deixou nome na educação mato-grossense, as irmãs Lobo – Tereza, Amélia e Maria Dimpina – marcou minha entrada no “Liceu Cuiabano” [...]. (MENDONÇA, 1979, n.p).

O olhar de Octayde sobre um dos lugares onde funcionou o *Liceu Cuiabano* possibilita um cruzamento de histórias, de fragmentos vividos, ao rememorar cada espaço praticado no cotidiano do educandário, o casarão da Rua 13 de Junho, conforme ressalta Mendonça (1979, n.p):

[...] volto ao casarão da Rua 13. Velho, taciturno, de uma higiene precária, mas com ares de limpeza, salões enormes e saletas pequenas, com janelões debruçados para os 4 cantos: a Prainha, a Praça Ipiranga, a própria Rua 13 e o beco de João Lopes. Tudo nele respirava a mistério, a rigor, a dignidade. Havia até certa pompa na pobreza, muita qualidade na sua humildade física e tanta dedicação, para quem deveria já estar cansado de servir a tantas gerações [...] Pelos janelões da Prainha, naquela época despovoada, um córrego, um trilha, muito mato... os mais corajosos e mais fortes saltavam para se verem livres das aulas, antes da hora. Um sino, à entrada de um portão, marcava o início e o final dos tempos [...] O “Liceu” tinha nome. Fama que atravessou o Estado e foi brilhar lá fora. E tinha mais: não sendo só, era o único, nessa época, 2 vezes. Primeiro, porque o Colégio dos Padres estivera uns tempos parado; depois, só o “Liceu” aceitava mulheres. E as

mulheres já começavam a brigar pela igualdade de direitos em Cuiabá, deixando de ser “normalistas”, como mandavam o pai e a ética, para serem “Liceístas”, conforme a vontade delas [...].

Ainda, na quarta parte da obra, no presente ensaio sobre *O Centenário do Liceu Cuiabano (1879-1979)*, Octayde em sua crônica fala sobre a importância e a representação do *Liceu* para a sociedade cuiabana:

[...] o “Liceu” era uma escola velha, feia, nostálgica. Mas foi tão importante nas nossas vidas, como foi fundamental para a Cuiabá da década de 30. Tão orgulhos se sentiam os cuiabanos que diziam lá fora: “Eu vim do Liceu Cuiabano”. Uniforme cáqui, túnica de 7 botões, fechada, gola alta, punhos vermelhos, friso vermelho nas calças, cinto de couro largo e também vermelho. Na cabeça, um casquete. O uniforme do “Liceu” era feiura querida, de que todos falavam mal, mas que, fisicamente incômodo, moralmente caía bem [...]. (SILVA apud MENDONÇA, 1979, n.p).

Apresenta também, o narrador, em seu texto, um breve cotejamento com relação aos níveis de escolarização, a nomenclatura, a duração dos cursos praticados pelo Liceu no seu tempo, com os da atualidade: “O curso era feito em 5 anos. Corresponhia, em nomenclatura, ao que hoje se chama de “nível V a VIII do 1.º grau” e que antes se chamou “curso ginásial”. (SILVA apud MENDONÇA, 1979, n.p).

Mas em qualidade, valor, expressão e força de direito, superava a tudo. E como se aprendia! Já com relação aos professores, destaca alguns e suas personalidades:

[...] *Pereira Leite*, o Pereirão, chegava a cavalo, fardado de oficial, médico que era da policia militar. Em ciências, impunha respeito, pelo saber e pelo porte; *Dr. Metelo*, barba arrumada na face, já velho, mas de rosto límpido, sereno, sem nenhum vinco a prenunciar cansaço. Dona da astronomia que lecionava. *Filigônio Corrêa* e *Ulisses Cuiabano*, duas mentalidades, dois temperamentos diferentes, personalidades conflitantes. Mas a história, sempre esteve bem, nas mãos de ambos. A aspereza do Filó impunha respeito; o falar macio do Ulysses gerava afeição. Nas Matemáticas, como ele mesmo dizia, *Fernando de Campos* pontificava. E ia além delas, seguramente. Não mandava os “cascabuias” à pedra!...Os irmãos *Benedito* e *Guilhermina de Figueiredo*, no centro de uma família de

professores eméritos, com reais serviços prestados ao ensino cuiabano, cuidavam com extremo carinho da língua pátria, enquanto *Nilo Póvoas*, intransigente e ditatorialmente, defendia a sua amada língua portuguesa contra os terroristas da gramática. Moveu-lhes constante e árduo combate. Nunca vi ninguém que acreditasse tanto no que ensinava. Foi o Maomé da Língua Portuguesa, em Cuiabá [...] *Jercy Jacob* dominava a Botânica e deixava seus alunos estarecidos. Professor de notas magras para qual uma nota 70 (naquele tempo as notas iam de 0 a 100) era quase uma distinção [...] Em Química, *Agostinho de Figueiredo* [...] A química de mestre *Agostinho* assombrou gerações. Em Línguas estrangeiras, vivas ou mortas, no francês, quem não se lembra do *Jean Joseph Marie Kiehl*? E quem ainda não gosta de prostrar-se com essa inesgotável *Dunga*, a *Maria Benedita* das artes e das letras, das brincadeiras e dos serviços prestados a Cuiabá e a tantas gerações. *Dunga* é, em Cuiabá, ao mesmo tempo, folclore e patrimônio. O Latim entregue a *Julio Freire*, com todas as suas declinações e anomalias; o inglês do “Seo Felinto”, como carinhosamente o chamava os seus alunos. E ele sempre alegre sempre de boa vontade [...] o Desenho e a música: nelas, dois artistas. “Num quadro de giz, o antigo “quadro-negro”, que hoje é verde”, “o Seo *Arturzinho*” fazia primeiro uma asa de borboleta; depois, a outra. Sem um único instrumento, à mão livre. Parava, verificava o contorno: Perfeito! Depois, o colorido. Vivo, brilhante, de um artista. Na música, *D. Zulmira*, aquela figura inexcusável de bondade e que arranjava tempo para tudo, acreditando em tudo que fazia e ensinando até os que não queriam aprender... (SILVA apud MENDONÇA, 1979, n.p).

Com relação aos professores do seu tempo, finaliza Octayde fazendo um paralelo saudável entre as práticas educativas e os diferentes tempos escolares: “O certo é que os professores do “Liceu” no meu tempo, com pouca ou nenhuma didática, numa época em que a pedagogia era artigo de luxo, ensinaram... E como ensinaram, creiam-me!” E diz que tudo isso era assistido pelo “Tico Calhao”, o Diretor do *Liceu Cuiabano*.

E, por último, Octayde Jorge da Silva apresenta um breve e rico relato sobre a sua formatura e outras formalidades importantes e necessárias para os jovens de sua época:

[...] Em dezembro de 1941, formou-se a minha turma. Foi a penúltima, antes da Reforma Capanema, que reduziu para 4 os 5 anos do Liceu e transformou os 2 complementares que vinha após

o Liceu, em 3 anos de Curso colegial: Científico ou Clássico. A turma terminou com 25 “bacharéis”. [...] Presença de Interventor, Secretário. Alunos- formandos em traje de gala, “rigor” para os convidados, baile de formatura, com valsa de despedida e outras formalidades que o adolescente não dispensa [...]. (SILVA apud MENDONÇA, 1979, n.p).

Assim, por ocasião das comemorações do centenário de criação do *Liceu Cuiabano*, Octayde Jorge da Silva explicita no final de sua crônica todo o seu carinho, agradecimentos, orgulho por ter sido uma das suas gerações: “Foi influente e decisivo o ‘Liceu Cuiabano’ em minha vida”! (SILVA apud MENDONÇA, 1979, n.p).

A Quinta parte da obra, de autoria de Rubens de Mendonça (1979) trata-se das – *Reminiscências Vagas de um ex-aluno do Liceu Cuiabano – Clóvis Pitaluga de Moura*. Observa-se que o autor em seu texto, procura evocar diferentes histórias e sentidos com aqueles que teceram suas convivências pelos diferentes espaços percorridos no *Liceu Cuiabano*. Clóvis Pitaluga de Moura revela que fechou os olhos e esforçou-se numa busca inquieta e sôfrega para reconstituir as figuras fisionômicas dos colegas do *Liceu Cuiabano* do seu tempo, para prestar uma singela homenagem. Esforço que lhe possibilitou rememorar, revelar aspectos singulares como vivências felizes e saudáveis afetos que são “escavados”, conforme interpretação de Benjamin:

A memória não é um instrumento para a exploração do passado; é antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. (...) e certamente é útil avançar em escavações segundo planos. (BENJAMIN, 1987, p. 239).

Dessa maneira, por ocasião dos festejos comemorativos do Centenário do *Liceu Cuiabano*, data histórica, cem anos de fundação, com prestígio e tradição de um grande estabelecimento de ensino: o *Liceu Cuiabano* é celebrado pelo autor e visto também, como uma “usina geradora”:

[...] cem anos de fundação do Liceu Cuiabano, estabelecimento de ensino desta cidade por onde passaram renomados mestres, e de onde saíram profissionais cheios de méritos, servidores públicos distinguidos, militares que cumpriram exemplar carreira, empresários vitoriosos, artistas consagrados, políticos notabilizados na vida pú-

blica, religiosos que apascentaram almas e se projetaram no púlpito, poetas, escritores, historiadores, jornalistas de cujas lavras nasceram imorredouras produções e enriqueceram arquivos e bibliotecas por aí a fora[...]. (MOURA apud MENDONÇA, 1979, n.p).

Das reminiscências de Clóvis Pitaluga de Moura, surgem indagações sem respostas para algumas trajetórias de amigos tão queridos que á época do *Liceu Cuiabano* deixaram marcadas suas diferenças:

[...] o que foi do ROCHINHA, pintor nato; DO CARMO FERREIRA, de quem não sei por onde anda, mas, lembro-me bem, com seu primo CARLOS configurava uma dupla apelidada pelo professor ISÁC PÓVOAS como “corda e caçamba”, tão juntos andavam. Como tenho ímpetos de, ao cruzar com o ADELINO, gritar, ternamente, o brado de guerra que tanto o irritava: “Boi Preto”[...] Balanço a cabeça procurando dissipar a triste lembrança do ARGEMIRO, de imensa e santa humildade[...] Por onde andarão as irmãs PINHO. OACI e MARIA DE LOURDES da Farmácia que ainda se chama Globo? [...]. (MOURA apud MENDONÇA, 1979, n.p).

Porém, anuncia Clóvis Pitaluga de Moura, uma evocação permanece viva; destacadamente viva:

[...] a EIM – 175 – ESCOLA DE INSTRUÇÃO MILITAR, anexa ao Liceu Cuiabano, e envolto nela as figuras amigas do saudoso Tenente MÁRIO MONTEIRO e do saudoso Tenente PRAEIRO. Faz-me bem, relembrar as nossas marchas pelas ruas da cidade, a garotada nos seguindo e repetindo em coro as inesquecíveis canções cívicas entoadas por nos na cadencia do garbo militar de que nos ufanávamos. Sem esforço memorativo relembro aquela marcha acelerada empreendida sem alto horário, de Juru-Mirim e Cuiabá, castigo imposto pelo Instrutor MÁRIO MONTEIRO em represália a uma inocente brincadeira do CHERZONESO, hoje General e Médico.

Mediante as suas escavações, Clóvis Pitaluga apresenta ao leitor saudosas recordações dos professores do *Liceu Cuiabano* de seu tempo, muitos caracterizados pelas suas próprias marcas, nobreza do porte, sobriedade, respeito recíproco ou pelo temor suscitado como: Firmo Rodrigues; Leônidas Pereira Mendes; Agostinho de Figueiredo; Artur Pereira Mendes; Filinto Ribeiro; Cesário Neto; Jercy Jacob; Isác e Nilo Póvoas; Eduardo Del Barco; Júlio Müller e Philogonio Corrêa.

Finalizando sua crônica - *Reminiscências Vagas de um ex-aluno do Liceu Cuiabano*, Clóvis Pitaluga de Moura destaca uma das reminiscências que não se apaga de sua memória:

Chamado às pressas, entrei, certo dia, porta adentro, em modesta casa [...] estirado na cama pequena, a cabeça virada para trás, um olhar inquieto, como que suplicante, fixo à entrada da casa. Pareceu-me que esperava ele sofregamente, a chegada do ex-aluno, tornado Médico [...] Alguém, na sala singela murmurou baixinho: Não tirou os olhos da porta. Estava esperando o Doutor Clóvis para morrer. Assim vi pela última vez meu sábio exigente, respeitavelmente temido mestre, um dos “papos” mais gostosos de Cuiabá, para quem aprecia erudição e sátira de alto nível – *Filogônio Corrêa*. (MOURA, apud MENDONÇA, 1979, n.p).

Este breve *Ensaio* sobre a obra *Centenário do Liceu Cuiabano (1879-1979)*, de autoria do poeta, historiador e jornalista, Rubens de Mendonça apresenta contribuições literárias e históricas de ex-alunos e de pessoas que estiveram de algum modo, relacionados com a vida deste respeitável estabelecimento de ensino. Portanto, nesse quadro de depoimentos e de rememoração sobre o centenário do *Liceu Cuiabano*, outra memória viva que não poderia faltar é a do ex-aluno, *Lenine C. Póvoas*, com o qual se apresenta a quinta e última parte da obra com o texto - *Um Século de Glória – Lenine C. Póvoas - Ex-aluno do Liceu Cuiabano*.

Como um narrador exemplar, *Lenine C. Póvoas* exalta com orgulho a fecunda e gloriosa existência do *Liceu Cuiabano*. Argumenta em seu texto que “[...] muitos passaram pelas suas salas de aulas, muitos dos homens que na vida pública ou particular encaminharam a nossa terra para os seus grandes destinos [...]” (PÓVOAS apud MENDONÇA, 1979, n.p). Ainda, com júbilo o historiador, *Lenine C. Póvoas* busca tecer uma teia cartográfica de Mato Grosso, procurando localizar nos respectivos lugares a influência, resultados das ações do *Liceu Cuiabano*, no contexto histórico, cultural e político mato-grossense à época:

[...] Numa época em que muitas regiões de Mato Grosso, especialmente o antigo Sul do Estado, nada mais eram do que cerrados bravios, com algumas esparsas fazendas de gado, em Cuiabá se afirmava como o grande centro cultural do imenso oeste brasileiro, o “Liceu Cuiabano” era, dentro dela, uma operosa oficina onde se forjavam os caracteres e se exercitava a inteligência dos que haveriam de honrá-lo nos confrontos da cultura [...]. (PÓVOAS apud MENDONÇA, 1979, n.p).

Tanto que *Lenine C. Póvoas* ainda, em suas observações salienta que:

[...] Muitos jovens recém-saídos de seus bancos escolares foram competir, no Rio de Janeiro, em São Paulo e demais grandes centros do país, com outros que haviam cursado colégios de fama nacional, onde, alicerçados na sólida base haurida no “Liceu Cuiabano”, souberam honrar e erguer bem alto as tradições culturais da terra de D. Aquino Corrêa [...]. (PÓVOAS apud MENDONÇA, 1979, n.p).

Lenine C. Póvoas, homem das letras, um intelectual de todos os tempos, estudioso e pesquisador sobre a história de Mato Grosso, igual aos colegas, os ex-alunos do *Liceu Cuiabano*, especialmente, aqueles que o antecederam na escrita da presente obra, que ora se ensaia, também, prestou sua homenagem aos primeiros alunos do “Liceu” de seu tempo, conforme consta no primeiro livro de matrícula do referido estabelecimento de ensino:

[...] no Museu Histórico da Fundação Cultural, - templo de nossa história que tão pouca gente conhece -, o primeiro livro de matrículas do Liceu Cuiabano, ali estando registrados mato-grossenses ilustres que pelo seu talento se projetaram no cenário cultural, e político de Mato Grosso e do Brasil. Ali estão os nomes de José de Mesquita (Sênior), de Firmo José Rodrigues, de Avelino Antonio de Siqueira, de João Lourenço de Figueiredo, de Bernardina Rich, de João Christião Carstens, de Nicanor de Pinho e de tantos outros que integraram as primeiras turmas de seus diplomados [...]. (PÓVOAS apud MENDONÇA, 1979, n.p).

Nesta mesma linha de agradecimentos, recordações e homenagens, *Lenine C. Póvoas*, ex-aluno do *Liceu Cuiabano*, lembra com carinho dos grandes mestres que constituíam o seu magnífico corpo docente, na década de trinta, nos anos em que por lá esteve, entre tantos outros professores brilhantes como:

[...] Fernando de Campos, Firmo Rodrigues e Padre Theodoro, nas cátedras da Matemática, uma trinca invejável de mestres que qualquer colégio do Brasil se orgulharia de ter; Cesário Neto, Nilo Póvoas e Isac Póvoas, nas cátedras de Português e Literatura; Filogônio Corrêa pontificando em suas empolgantes aulas de História; Dr. João Nunes Ribeiro e os irmãos Leônidas Pereira Mendes e Artur Pereira Mendes, mestres consumados do desenho; Dr. José Maria Metelo e Ernesto Zaramella, conhecedores

completos da Geografia; Jerzy Jacob e Antonio de Cerqueira Pereira Leite, lentes admiráveis das Ciências Naturais; Thanu Pillai e Alfredo Marien, professores de inglês e de francês, o primeiro Engenheiro formado em Londres e o segundo pastor presbiteriano diplomado no exterior; Zulmira Canavarros despertando o amor pela Música, da qual era exímia conhecedora; e, no difícil ensino da Química, com suas inesquecíveis aulas práticas, o Professor Agostinho de Figueiredo, uma das relíquias ainda vivas daquela época áurea do nosso Liceu Cuiabano [...]. (PÓVOAS apud MENDONÇA, 1979, n.p).

Com as palavras de Lenine C. Póvoas encerra-se o presente ensaio sobre *Centenário do Liceu Cuiabano (1879-1979)* obra organizada pelo poeta, historiador e jornalista Rubens de Mendonça, Lenine C. Povoas tomado por grandes sentimentos de apreço afirma que “se curva em emotiva reverência, em nome de todos os ex-alunos do glorioso *Liceu Cuiabano*”. (PÓVOAS apud MENDONÇA, 1979.n.p).

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. *Questões de Ensino*. São Paulo, Monteiro Lobato, 1925(Monografias Cuiabanas).
- GAÍVA, Sebastiana. *Liceu Cuiabano comemorou 128 anos de existência!* Disponível em: < <http://sebastianagaiva.blogspot.com.br/2008/04/liceu-cuiabano-comemorou-128-anos-de.html>>. Acesso em 21/03/2015.
- MENDONÇA. *Estevão de. Datas Matogrossenses – I volume*. Cuiabá: SEC-MT; Integrar: Defanti, 2012.
- MENDONÇA, Rubens de. *Centenário do Liceu Cuiabano (1879-1979)*. Criado pela Lei N. 536, de 3 dezembro de 1879. Desenho: Jomil G. Santana. Impressão: Seção de Mecanografia/SEC/DAA: Cuiabá - Mato Grosso, 1979.
- RODRIGUES, Firmo. *Figuras e Coisa de Nossa Terra*. Cuiabá, 1969.v.2.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *Luzes e Sombras: modernidade e educação pública em Mato Grosso (1870-1889)*. Cuiabá: INEP/COMPED/EdUFMT, 2000.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira (Orgs)... [et al]. *Cuiabá: de vila a metrópole nascente*. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

CULTURA IMATERIAL NO CONTEXTO DA OBRA ROTEIRO HISTÓRICO E SENTIMENTAL DA VILA REAL DO BOM JESUS DE CUIABÁ

Suíse Monteiro Leon Bordest¹

APRESENTAÇÃO

O passado tornado presente pela memória é poderosamente imaginativo. Pois, embora o passado - para os historiadores - tome forma com base em vestígios, ele comumente é escrito e narrado pela imaginação.

(Ricoeur, 2010, p. 139)

Neste ano em que se comemora o primeiro centenário de nascimento do poeta, historiador e jornalista da terra cuiabana, Rubens de Mendonça (1914-1983), dentre as homenagens ao ilustre cuiabano, promovidas pela Família, Secretaria de Estado de Cultura, UFMT e Casa Barão de Melgaço, a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, n. 75 dedica suas páginas à memória desse autor que escreveu sobre história, literatura, jornalismo, política, danças, canções, “causos”, lendas etc. A extensa obra por ele deixada, ao associar conhecimento e reflexão com uma ponta de sarcasmo (malícia) do cotidiano, presenteia o leitor com agradável leitura.

O artigo em tela apresenta trechos do livro *Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá* (1975), em cuja obra

¹ Geógrafa. Doutora em Geociência. Profã. Dra. do PPG em Geografia da UFMT. Membro Titular do IHGMT. E-mail: bordest@uol.com.br

Rubens de Mendonça demonstra “sua capacidade de trabalho, de estudo e de pesquisa”, conforme assevera na contracapa desse livro, José Barbosa Rodrigues, membro da Academia de Letras e História de Campo Grande.

A diversidade da temática nos 14 capítulos do livro levou-nos a privilegiar quatro passagens relacionadas à *cultura mato-grossense*, atribuindo-lhes categorias adotadas pelo Patrimônio Cultural Imaterial do Iphan, como: *modos de fazer, celebrações, formas de expressão, lugares* (IPHAN, 2013).

Assim, a principal finalidade deste artigo é trazer a lume trechos literários de Rubens de Mendonça por nós associados aos registros *de cultura imaterial mato-grossense*. Dessa obra, escrita em meados do século XX, captamos os temas: Igreja do Senhor dos Passos; Festa de São João; Dança do Siriri; a Culinária, buscando contraponto com as transformações do mundo atual.

TEXTO E CONTEXTO EM UM MUNDO EM MOVIMENTO

Rubens de Mendonça produziu conhecimento e documentação de festas, costumes, técnicas de produção, de saberes e fazeres enraizados no cotidiano das comunidades mato-grossenses.

Conforme o IPHAN (2012, p. 23), “Por meio do Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, se reconhece que um bem faz parte do patrimônio cultural da nação brasileira”, que merece ampla divulgação, de modo que, toda sociedade possa ter acesso à informação sobre sua origem, sua trajetória e as transformações por que passou ao longo do tempo.

Para alcançar os nossos objetivos, realizamos leitura dos 14 capítulos do livro *Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá*, que tratam de reminiscências do espaço urbano e vivências cuiabanas apreendidas enquanto temas capazes de oferecer contribuição para compreensão de relações sociais e valorização de bens culturais em determinada época.

Entendemos que nessa obra vislumbra-se verdadeiro arsenal de bens culturais que merecem ser preservados. Alguns deles já se encontram registrados como Bens Culturais de Natureza Imaterial desde 2012.

Desse livro de Mendonça destacamos trechos que permitem uma interação entre os fatos e a cultura imaterial mato-grossense, sendo escolhidos os seguintes títulos: Do Capítulo IV: *Senhor dos Passos* (Lugar); Do capítulo VIII: *Festa de São João* (Celebrações); Do

Capítulo IX: *Dança do Siriri* (Formas de expressão); Do Capítulo XII – *Cozinha cuiabana* (Modos de fazer). Concomitantemente, buscamos contraponto com as transformações do mundo atual, que apresentamos na sequência.

Igreja Senhor dos Passos



Fonte: Album Graphico do Estado de Matto-Grosso

Do capítulo IV- referente à Igreja Senhor dos Passos segue a interpretação de Mendonça: “Agora, vamos visitar a Igreja do Senhor dos Passos, cuja fachada é simples, porém de bonita aparência”.

Citando Moutinho (1869), Rubens de Mendonça (1975) conta que na torre dessa Igreja fez-se célebre um pobre homem, a quem se dava o nome de “Totó Onça”, e cuja figura muito se assemelhava a de um orangotango. A sua vista despertava lembrança do Quasímodo, sineiro de nossa senhora de Paris, pois que como este, a pessoa de quem tratamos fazia da torre seu pequeno mundo, e só com os sinos, que representava a sua família na terra, ia conversar as suas mágoas e os seus prazeres.

Ainda segundo Moutinho (1869), o fundador dessa Igreja foi um português de nome José Manoel, que durante um ataque de catelepsia, foi considerado morto. Conduziram-no amortalhado até a igreja e, após a encomendação, foi lançado à sepultura, logo começando o enterro. Saiu, a custo, da sepultura que era profunda, e fez voto solene de não mais se despir a mortalha, passando toda vida a angariar esmolas com o fim de construir uma capela ao Senhor dos Passos. Por esse motivo, José Manoel recebeu o apelido de Manoel Cova, pelo qual era popularmente conhecido.

Atualmente, nas primeiras décadas do século XXI, o *lugar* e contexto onde se instala a Igreja Senhor dos Passos, um dos ícones da memória cuiabana, com o passar dos anos, perdeu parte da velha feição colonial, por apresentar cenários da vida moderna, seja na sua arquitetura ou no seu entorno, como asfaltamento, lâmpadas incandescentes, mobilidade intensa de pessoas e automóveis, entre outros.

A Igreja Senhor dos Passos, tombada pelo Iphan, passou por intensa reforma na primeira década do ano de 2000, por iniciativa da Secretaria de Estado de Cultura. A fachada, o interior da igreja, assim como os casarões da Rua de Baixo, conservam lembranças da arquitetura colonial nas ruas que permanecem tortuosas no centro histórico da cidade. Não se pode dizer o mesmo do ambiente no da igreja, onde moradores de rua, alguns deles desocupados e/ou drogados, causam preocupação e medo aos olhos dos transeuntes.

FESTAS POPULARES

Festa de São Benedito de Vila Bela. Levantamento do Mastro



Foto: Suíse Bordest, 2014

Do capítulo VIII - referente às Festas Populares - extraímos a memorável Festa de São João.

Assim descreve Mendonça: “Outra festa muito popular em Cuiabá é a festa de São João, realizada no dia 23 de junho. São João não é uma festa de caráter regional. São João se festeja em todo Brasil”.

Mendonça (p. 98 apud PICHIA, 1978) cita Menotti Del Picchia, que dizia em seu “Juca Mulato”: “[...] Num mastro, apruma-se a bandeira de São João, desfaldando o seu alvo losango”.

Mostrando sua preocupação com o futuro da cultura cuiabana, diz Mendonça (op. cit., p. 8):

Mas, o que quero dizer aqui, neste Capítulo, é que com tristeza verificamos que os grupos de Cuiabá que outrora organizavam nossos festejos populares estão desaparecendo. Ontem, foram as festas de Senhor Divino (Espírito Santo) com seu Bando, Iluminação, Cavalhada e Touradas, o mesmo processo, observamos para o desaparecimento das tradicionais festas de São Benedito. Em 1973 não foi realizada, em 1974, graças ao jornalista Arquimedes Pereira Lima a festa foi restaurada.

A opinião do autor era que o “Ministério de Educação e Cultura tomasse a seu cargo as realizações dessas festas populares”, uma vez que o Clero, sem raízes nas tradições cuiabanas, pode contribuir para seu desaparecimento.

Em outro momento, diz Mendonça (p. 98): “A festa de São João também está morrendo. Outrora a festa era animada em Cuiabá”.

Em sua descrição os festejos eram mais ou menos assim (p. 98): “São João! E o mastro ostentando a bandeira com o registro de São João (estampa do santo), com seu carneirinho ao centro, subia galhardamente aos céus”.

À meia noite, o festeiro anunciava: “*Vamos lavar São João*”. E o povo seguia em cortejo até o rio Cuiabá, ou ao Tanque do Jardim Alencastro, ou na Bica da Prainha, cantando estrofes:

Deus que salve João

Batista, sagrado.

O teu nascimento

Nos tem alegrado. (bis)

Enquanto isso, (p. 99), “Na casa da festa ardia uma fogueira enorme. Batata doce, assado no braseiro, na sala brinquedos de prenda, sorte e adivinhações, as moças tiravam sortes para ver com quem iam

casar. Se sair com uma cruz é morte, se sair um navio, significa viagem, se sair a figura de um homem é casamento no ano.” E, continua: “Na varanda o baile vai animado, e no terreiro dança-se o cururu e o siriri até o dia amanhecer”.

Nos dias atuais, o que podemos observar é que as celebrações culturais das festas de São João apresentam variações de forma e significado, de um lugar para o outro. Há sempre muito barulho de fogos pirotécnicos. Como outras manifestações tradicionais, hoje essas festas, despidas da simplicidade outrora, incluem-se entre as práticas mercantilistas próprias do sistema capitalista. Independentemente dos mais diversos significados que possam ser atribuídos a essa manifestação cultural, considera-se a festa de São João cuiabana, patrimônio porque é reconhecida pelo grupo, daí estar inserida no Registro Celebrações.

Dança do Siriri



Foto Suíse Bordest, 2012

Do capítulo IX – destacamos a Dança Siriri, como uma das mais autênticas *Formas de Expressão na cultura cuiabana*.

Desse capítulo tiramos a frase de Mendonça (p. 115): “O Siriri, [...] é também uma dança da plebe. Foi muito usado em Cuiabá, sobretudo após a abolição dos escravos. O principal instrumento do Siriri é um tamborete de madeira ou couro de boi, onde se bate com a mão, num ritmo bárbaro cantando versos de uma toada grosseira. [...] No norte do País o Siriri é dançado em fileiras, de modo diferente, portanto, de Mato Grosso, onde é dançado em círculo”.

Atualmente, o siriri é tido como bem cultural inscrito como manifestação da cultura material e imaterial, no livro de Registro das *Formas de Expressão*.

A dança do siriri é mais uma representação daquilo que foi no passado. Costuma ser apresentada de maneira teatral em comemorações religiosas, datas cívicas, ou nas aberturas de eventos *glamurosos*, visando cativar turistas. Alguns municípios mato-grossenses ribeirinhos têm formados seus grupos de siriri. Em Cuiabá, o destaque é para o grupo “*Flor do Cerrado*” que vem se apresentando em ocasiões festivas e a convite de outros estados e até mesmo de outros países.

Conforme o Iphan (2012), as tradições culturais e do siriri – rodas de música e danças realizadas como diversão ou em dias de festa de santos católicos – dependeu de uma série de fatores para continuar ocorrendo. Entre outros, depende de que os mais jovens queiram aprender a fazer e a tocar a viola de cocho, um instrumento musical fabricado pelos *cururueiros*, de forma artesanal. É também importante a preservação de espécies vegetais que servem de matéria-prima para produção da viola, pois há risco de extinção de algumas delas. Nesse sentido, estudos têm sido feitos para que o manejo de matérias-primas não provoque a extinção de certos tipos de plantas e, em alguns casos para que a matéria-prima tirada da natureza passe a ser substituída por produtos industrializados.

Cozinha Cuiabana



Foto capturado de <http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2012/12/culinaria-cuiabana-ivana-schafer.html>

Sobre a culinária cuiabana, Mendonça (p. 132) recorre às palavras de Fernando Leite: “Conquanto não muito rica nem de grande variedade, é, todavia, do centro oeste, a única culinária digna de menção especial, tendo em vista a originalidade e diferença que a distingue das demais regiões do país”.

Sobre a originalidade e a diferença que a distingue das demais regiões do país, Mendonça cita como exemplos: a “farofa de banana”, feita com banana da terra frita. O “guaranzinho” (guaraná ralado na hora), cuja matéria-prima vem do estado do Amazonas (op. cit., p. 131).

Continuando, Mendonça tece comentário também sobre os peixes, como o pacu cuiabano, que goza de amplos prestígios nas mesas locais, seja ensopado frito ou assado, contanto que preparado por especialista. No mesmo caminho, a piraputanga, o bagre, o dourado a cachara, a geripoca, a pacupeva, o pintado, etc., além do arroz com pequi, que exige habilidade para degluti-lo. Destacam também o *bolo de queijo* e o *bolo de arroz*, ambos para o café da manhã ou lanche. O *furrundu* – doce feito de mamão verde com rapadura de cana – é tipicamente da terra. Podem ser adicionados o doce de mangaba, o de goiaba, caju em calda. Como aperitivo, o licor de pequi cuiabano. Como refresco, capilé de caju. Hoje raríssimo, o refresco de “orchata”, preparado com sementes de melancia.

Atualmente, a culinária cuiabana tem destaque no Livro de Registro dos Saberes como *modos de fazer* enraizados no cotidiano das comunidades. *Iniciativa do PNPI* - Programa Nacional do Patrimônio Imaterial – PNPI, como em outros programas governamentais que contribuem para estimular e divulgar expressões culturais brasileiras.

Cada vez mais a cozinha cuiabana é requisitada nas festas, nos eventos em geral e entre os turistas procedentes de diferentes paragens e que querem conhecer os quitutes da terra cuiabana. Para isso, muito contribuiu o avanço do turismo no Estado, que buscou resgatar a tradição, tornando-a conhecida nacional e internacionalmente.

Exemplo disso foi a chegada de turistas para a Copa 2013, quando cozinheiros foram preparados na arte para bem servir os visitantes e encaminhá-los dignamente aos pontos turísticos da capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do livro *Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá*, do escritor e jornalista da terra cuiabana, Rubens de Mendonça, possibilitou, usando a expressão de Cascudo (MENDONÇA, 1975 apud CASCUDO, Prefácio) “na sua evocação

lítica”, uma interação entre fatos e cultura imaterial mato-grossense, particularmente nos recortes aqui apresentados. Daí considerarmos este Livro de Mendonça um exemplo de salvaguarda de bens culturais em Cuiabá.

Como já referenciado, na primeira metade do século XX Rubens de Mendonça produziu conhecimento e documentação de festas, costumes, técnicas de produção, de saberes e fazeres enraizados no cotidiano das comunidades mato-grossenses.

Fazendo nossas palavras do Iphan (2013), vale lembrar que cuidar do nosso patrimônio imaterial é tarefa que cabe não só aos órgãos governamentais. No nosso cotidiano também podemos promover a preservação desse patrimônio: “A preservação do patrimônio cultural visa a promover por meio de práticas culturais e de processos de produção, o exercício da cidadania e uma melhor qualidade de vida para as pessoas no presente. (IPHAN, 2012, p. 33)

Quando se fala em inventariar os bens culturais de um lugar ou de um grupo social está se falando em identificar bens culturais que remetem às referências culturais desse lugar ou grupo:

Referências são as edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado. [...]. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade, são o que popularmente se chama de raiz de uma cultura. (IPHAN, 2000, p. 20).

Muitas são as referências culturais nas entrelinhas dos 14 capítulos, dos quais nos remetemos nesta reflexão. Daí entendermos que o conteúdo global dessa obra de Rubens de Mendonça, publicada na década de 1970, trás ricas lembranças de uma fase de Cuiabá de outrora, quando o autor se propôs a registrar os principais acontecimentos que hoje nos permite recordar coisas já esquecidas ou fatos desconhecidos. Tantas e tão preciosas evocações resgatam do esquecimento modos de vida que ganham movimentos, cheiros e sabores, complementados por outra e não menor riqueza do livro que são as fotos memoráveis, que ilustram o texto: “Somente quando se sente integrante de uma cidade ou de uma comunidade é que o cidadão dá valor às suas referências culturais”. (2012, p. 18).

REFERÊNCIAS

- CASCUDO, Câmara. *Prefácio à obra de Mendonça*, 1975.
- DEL PICCHIA, Menotti. *Juca Mulato*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). *Patrimônio cultural imaterial: para saber mais*. Brasília, DF, 2012.
- LEITE, Fernando. *Cuiabá, histórica, heroica e pitoresca*. s.n.t.
- MENDONÇA, Rubens de. *Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá*. Cuiabá: Coleção Mato Grosso. Série: Turismo, 1975.
- MOUTINHO, Joaquim Ferreira. *Notícias sobre a Província de Mato Grosso, seguida d'um roteiro da viagem de sua capital a São Paulo*. São Paulo: Typographia de Henrique Schoroeder, 1869.

AO MESTRE, COM CARINHO! *TO SIR, WITH LOVE!*

Ivan Echeverria¹

INTRODUÇÃO

A rigor, o título do filme de James Cravell, interpretado pelo ator Sidney Portier, diante de seu enredo talvez não devesse ser a designação deste artigo, porquanto o professor ao dar aulas no bairro operário de *East End*, em Londres – Inglaterra – enfrentou alunos indisciplinados e desordeiros liderados por jovens determinados a destruí-lo como fizeram ao seu antecessor; porém, o mestre enfrentou o desafio da classe e seus líderes, tratando os alunos como adultos, aspecto a ganhar a simpatia de todos. Mas, então, qual a razão da denominação desta escrita?

Entre as várias biografias divulgadas sobre o insigne historiador Rubens de Mendonça, ora homenageado pelo centenário do seu nascimento, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT), empossado em 17 de outubro de 1941 (JUCÁ, 1999 apud REVISTA IHGMT, 1999, p. 28-31) está a resposta: encontra-se o magistral atributo de professor da disciplina de Português, conforme Certificado n. 3.773 do Ministério da Educação e Saúde (IHGMT, 2003, p. 13), a mais essencial entre todas as importantes para formação cultural e científica do estudante, pois, sem o conhecimento da norma culta lhe faltam predicados para o entendimento do texto. Portanto, é válido “*Ao Mestre, com Carinho!*”.

Complementando, Rubens de Mendonça era jornalista e escritor por excelência, deixando para a posteridade muitas obras contextualizadas em estilos narrativos, descritivos, dissertativos e poéticos, estes

¹ Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Mestre em Educação, Especialista em Contabilidade Empresarial, Contador, Conselheiro e Vice-presidente Técnico do Conselho Regional de Contabilidade de Mato Grosso, Titular da Cátedra n. 175, da Academia Brasileira de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais (ANE). Professor e Escritor. e-mail: iv.echev@gmail.com.

em prosa e verso. Imperioso acrescentar sua posse na Academia Mato-Grossense de Letras (AML), aos 17 de março de 1945, com 29 anos de idade (JUCÁ, *ibidem*).

Neste artigo será apresentado um mínimo, mas com louvor, sobre a produção literária dessa célebre personalidade cuiabana, em sua essencialidade toda felicidade (MENDONÇA, 1954, p. 26):

FELICIDADE

Julguei, acaso ser felicidade
A grandeza, o poder, a fama, a glória,
Nome aureolado no Panteão da História,
A vã e inútil imortalidade!

Vi que o Poder é uma ilusão inglória...
A Riqueza é a força de vontade.
Nome imortal – apenas é Vaidade...
A Fama neste mundo é transitória!...

Felicidade é coisa diferente,
É uma casinha branca onde a gente
Possa alegre viver com seu amor!

Felicidade é a mulher querida,
Um filhinho a sorrir – a própria vida,
Vivida no seu cândido esplendor.

Estes são versos de felicidade do poeta romântico Rubens de Mendonça.

Na primeira seção foi feito um recorte do livro *Evolução do Ensino em Mato Grosso*, trazendo em subseções o Seminário da Conceição, com atividades diversas da finalidade original; o Liceu Cuiabano, com nova denominação, mas atuando no Ensino Médio para a comunidade; o Liceu Salesiano São Gonçalo, hoje denominado por Colégio Salesiano São Gonçalo, cumprindo com seu objetivo inicial e com franca expansão; a Escola de Aprendizes e Artífices de Mato Grosso, atravessando as décadas com mudanças de finalidade e de nomenclatura, porém de forma evolutiva, tornando-se hoje um Instituto a oferecer cursos de nível médio, tecnológico e superior; as Faculdades de Direito, a primeira de duração efêmera e a segunda transformando-se na Universidade Federal de Mato Grosso.

Este trabalho foi realizado mediante pesquisa bibliográfica e por intermédio de pesquisas de campo não estruturadas feitas nas Secretarias das Instituições.

Em se tratando do tema educação, é apresentado complementarmente o estudo de uma palestra sobre o folclore mato-grossense, divulgada no opúsculo *Estórias que o Povo Conta*.

EVOLUÇÃO DO ENSINO EM MATO GROSSO

Um incentivo à pesquisa é explicitado na obra *Evolução do Ensino em Mato Grosso*, cujo capítulo assim inicia: “Nos arquivos de Cuiabá não encontrei um só documento que esclarecesse quando foi instalada a primeira escola, no Arraial ou Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá”. (MENDONÇA, 1977, p. 7).

A antiga denominação de Cuiabá de “Senhor Bom Jesus” é o título de uma crônica da lavra de Lacerda e Almeida, constante da epígrafe do poema, transformada em versos pelo poeta Mendonça (1954, p. 54):

Eis a crônica:

Manoel Homem era um criminoso que conduziu consigo a imagem do Senhor Bom Jesus para uma pequena ilha. Mais tarde fugiu deixando a imagem num pequeno rancho de palha.

Recolhendo-se para São Paulo, um comerciante achou-a, e querendo conduzi-la é tradição constante, que não puderam abalar, sendo feita de lenho de medíocre gravidade; mais tarde, foi conduzida para a Vila de Cuiabá, com a facilidade natural.

É venerada e respeitada nesta Vila de que tomou o nome.

Eis o poema:

SENHOR BOM JESUS

Manoel Homem temendo atroz castigo
Da justiça de El-Rei, uma cilada,
o criminoso foge do perigo
e deixa a Imagem Santa abandonada !

De regresso a São Paulo quer consigo
um comerciante vê-la transportada!...
Tenta em vão remover do seu abrigo
E a imagem frágil se tornou pesada...

E qual milagre a tradição descreve:
que a velha Imagem se tornara leve
ao ser trazida em festas para cá...

Veio com natural facilidade
para bênçãos lançar nesta cidade
do Senhor bom Jesus de Cuiabá!

Continuando o registro sobre a primeira escola, ressalta: “Os *ANAIS DO SENADO E DA CÂMARA DE CUIABÁ*, de Barbosa de Sá, não registram. Os documentos que pesquisei no Arquivo Público do Estado, nada dizem a respeito.” Mas, o autor, pesquisador por excelência, registra “os nomes de dois professores, um mestre-régio de ler, João Antônio, e outro professor régio de latim, José Zeferino Monteiro de Mendonça [...]. Se haviam professores, certamente haviam escolas”. (MENDONÇA, 1977, p. 7).

São trilhas a percorrer!

Ao citar Estevão de Mendonça, na obra “*Datas Mato-grossenses*”, aponta “a fundação de uma Sala de Anatomia e Cirurgia em Cuiabá” e Humberto Marcílio, em “*História do Ensino em Mato Grosso*”, escreve “uma Aula de anatomia em Vila Bela, ambas fundadas pelo Capitão João Carlos Augusto de Oenhausen Gravenberg.”.

Gravenberg, que possuía o título de Marquês de Aracati e foi o oitavo Governador da Capitania de Mato Grosso, determinou “a fundação de dois hospitais e fez mais, no hospital da Conceição criou uma Sala de Cirurgia e Anatomia, como preliminar para uma Escola de Medicina”.

Reafirma Mendonça, citado: “É pena que dos arquivos conste até uma Aula de Cirurgia, e não registre uma escola primária de ler e escrever”. (Ibidem, p. 9).

SEMINÁRIO DA CONCEIÇÃO

O Seminário da Conceição foi o primeiro estabelecimento de ensino secundário gestado em Cuiabá, “fundado pelo espírito clarividente do bispo Dom José Antonio dos Reis, que sentindo a necessidade de educar a juventude da terra lançou no dia 7 de setembro de 1858 a pedra fundamental do Seminário Episcopal”. (Ibidem, p. 10-11).

Em 1863, embora o projeto não se encontrasse totalmente concluído, o prédio tinha condições de funcionar com aulas. Dom José faleceu a 11 de outubro de 1876. A obra, contudo, somente

foi concluída no ano de 1982, cabendo a glória da inauguração ao seu sucessor Dom Carlos Luiz D'Amour, segundo Bispo e primeiro Arcebispo de Cuiabá, no período de 1878 a 1921. (Ibidem, p. 12)

A grandiosa obra, especialmente idealizada para a formação de Seminaristas, esteve, de 1854 a 1888, sob a gestão direta e exclusiva dos Sacerdotes Seculares do seu Clero. Entre 1890 e 1893 foi administrado pelos Lazaristas e, finalmente, pelos Franciscanos da Ordem Terceira Regular, de 1904 a 1925. (MUSEU DE ARTE SACRA, 2015)

Em 1867, o Seminário se transformou em Enfermaria durante a epidemia da varíola. Em 1906, durante a luta entre os partidos políticos foi Quartel General. Em 1922, a residência episcopal foi transferida para o prédio pelo segundo Arcebispo Dom Francisco de Aquino Corrêa, onde residiu até seu falecimento, em 22 de março de 1956. Nesse período, o prédio abrigou ainda o Instituto Histórico de Mato Grosso e o Centro Mato-Grossense de Letras. Dom Orlando Chaves (1956-1982), sucessor de Dom Aquino, continuou a direção do Seminário como Instituto de Ensino, utilizando, mais tarde, o pavimento térreo para dormitório e salas de aula do departamento de Ação Social Arquidiocesana.

No ano de 1977, a Fundação Cultural de Mato Grosso tombou o Seminário da Conceição como Monumento (Patrimônio) Histórico Estadual, instalando nele o Museu de Arte Sacra de Mato Grosso. (Idem, 2015).

Em pesquisa não estruturada, realizada na Secretaria da Igreja Nossa Senhora do Bom Despacho, situada na primeira sala do prédio do Seminário da Conceição, foram colhidas, em fevereiro de 2015, informações fidedignas e atualizadas sobre o complexo.

Nas instalações do antigo Seminário da Conceição se encontra em funcionamento, no primeiro piso, a Fundação Bom Jesus, atuante com um bazar de venda de artigos e roupas com o objetivo de custeio e promoção do trabalho dos assentados no entorno ou bairros periféricos da cidade.

No segundo andar atualmente está instalada a Rádio Difusora Bom Jesus de Cuiabá, a qual está em atividade desde 1958.

Em salão contíguo, do lado direito da entrada principal, encontra-se instalado o Museu de Arte Sacras, contendo oratórios, imagens de santos, crucifixos, sino, peças sacras antigas, algumas do século XVIII, inclusive da demolição da antiga Catedral de Cuiabá.

O pesquisado reafirmou ter sido o prédio residência do Arcebispo de Cuiabá, Dom Francisco de Aquino Corrêa, antes de ele se mudar para a Casa Episcopal.

Relativamente ao Seminário propriamente dito, a partir de 1964 a ação religiosa foi transferida para a cidade de Várzea Grande, aonde funciona até hoje no Centro Educacional Dom Aquino Corrêa (CEDAC), contando com aproximadamente trinta e cinco seminaristas internos. Está instalada a Faculdade de Teologia e Filosofia.

É importante registrar o nome do Patrono da Cátedra n. 9, da AML, Dom José Antonio dos Reis, cujo primeiro ocupante foi Rubens de Mendonça. O Patrono era Bacharel em Direito e foi o primeiro Bispo de Cuiabá; seu episcopado durou quarenta e três anos, dez meses e três dias. (REVISTA AML, 1946, p. 33-34).

ESCOLA ESTADUAL LICEU CUIABANO “MARIA DE ARRUDA MÜLLER”

Outra importante instituição originária do ensino em Mato Grosso é o Liceu Cuiabano, cuja denominação atual contempla esta o título desta subseção: Escola Estadual Liceu Cuiabano “Maria de Arruda Müller”. O escritor Mendonça, sob dístico de “Liceu Cuiabano”, exarou: “Foi criado pela Lei n. 536, de 3 de dezembro de 1879, sendo Diretor Geral da Instrução Pública, o Dr. Dormevil José dos Santos Malhado e fundado em 7 de março de 1880 pelo Presidente da Província de Mato Grosso, Rufino Enéas Gustavo Galvão, Barão de Maracaju”. (MENDONÇA, 1977, p. 16).

A ata de fundação do Liceu Cuiabano apresenta:

Aos sete dias do mês de março de 1880, antecedentemente designado por S. Exa. P Sr. Presidente da Província, presentes, às nove horas da manhã, no edifício destinado para nele funcionar o Liceu desta Capital, os Exmos. Srs, Presidente da Província Barão de Maracaju, Bispo Diocesano Dom Carlos Luiz D’Amour, Diretor Geral da Instrução Pública Doutor Dormevil José dos Santos Malhado, os professores do Estabelecimento Antonio Correa a Silva Pereira, José Magno da Silva Pereira, Belarmino Augusto de Mendonça Lobo, Antonio correa da Costa, João Pedro Gardés e José Estevão Correa, diversas autoridades civis e militares e pessoas gradas desta Capital, o Sr. Presidente da Província abriu a sessão declarando, depois de uma breve alocução, estar instalado o Liceu Cuiabano da Província de Mato Grosso, criado pela Lei Provincial n. 536, de 3 de dezembro de 1879.

Em seguida o Sr. Diretor Geral da Instrução e do mesmo Liceu, tomando a palavra, proferiu um discurso análogo, no qual, fa-

zendo sobressair as vantagens que de uma tal instituição hão em breve resultar para a mocidade desta província, demonstrando ao mesmo tempo os notáveis melhoramentos introdutórios nos diversos ramos do ensino público provincial pelo Regulamento expedido por S. Exa. O Sr. Presidente da Província, com a data de 4 do corrente.

Ao Sr. Diretor sucedeu na tribuna o professor da cadeira de geografia e história, Antonio Correa da Costa, que por parte da congregação dos Professores recitou igualmente um discurso análogo ao ato. A este seguiram-se sucessivamente com a palavra os srs. Doutor Augusto César de Pádua Fleury, Padre Francisco Bueno de Sampaio e Doutor José Maria Metelo, cada um dos quais, ocupando por sua vez a tribuna oratória, ali proferiu uma alocução relativa àquela solenidade. Concluídas as orações e nada mais havendo a tratar-se, S. Exa. O Sr. Presidente da Província encerrou a sessão às 10,30 horas da manhã, ficando por esse terminado o ato de instalação do referido Liceu. De que para constar se lavrou a presente ata, que vai assinada por SS. Exas. os presidente da Província, Bispo Diocesano, Diretor do Liceu, todos os membros presentes da respectiva congregação e os assistentes que a isso prestaram.

Eu, Manoel Ricardo Menacho, Secretário da Instrução Geral da Província a escrevi e subscrevi. (Ibidem, p. 19-20).

Citando o historiador Virgílio Corrêa Filho, em suas *Monografias Cuiabanas – Questões de Ensino* registrou o seguinte fato:

O Liceu perdeu as regalias de equiparação na administração do Interventor Federal Camilo Soares de Moura por efeito da Portaria do Ministro da Justiça e Negócios Interiores, de 24 de agosto de 1917, e assim permaneceu até que, mercê dos esforços do governo D. Aquino Corrêa, conseguiu readquiri-las em 1920, em Portaria de 30 de março, do Ministro da Justiça e Negócios Interiores. Desde essa época até os nossos dias o Liceu vem funcionando normalmente.

Finalizando a sua pesquisa, o escritor Mendonça acrescentou a mudança da denominação do “Liceu Cuiabano” para “Colégio Cuiabano”, objeto do Decreto n. 100, de 27 de maio de 1942, do Interventor Júlio Müller, denominação essa alterada em 10 de março

de 1943, pelo Decreto-lei n. 143, passando a chamar-se “Colégio Estadual de Mato Grosso”. (Ibidem, p. 20).

Novas denominações para o Liceu Cuiabano surgiram: “pelo Decreto n. 480, de 29 de março de 1976, passou a denominar-se Escola Estadual de 1º e 2º Graus. [...] pelo Decreto n. 1752, de 13 de março de 1979, voltou ao antigo nome: Liceu Cuiabano.”. E não parou aí, mais duas titulações foram objeto de designação: pelo Decreto-lei n. 2.812, de 11 de dezembro de 1998, “a escola passou a se chamar Escola Estadual de I e II Graus Liceu Cuiabano ‘Maria de Arruda Müller’. Em 11 de outubro de 2000 pelo Decreto n. 1826 a instituição passou a denominar Escola Estadual Liceu Cuiabano ‘Maria de Arruda Müller’”. (SOUSA, 2010, p. 9).

Para chegar aos dias de hoje, mantendo acesa a chama educacional, conforme pesquisa não estruturada, feita em fevereiro de 2015 com o Coordenador Geral da Instituição de Ensino, o “Liceu Cuiabano” já se encontra instalado na quarta sede. A primeira iniciada em 1880, data de sua fundação, foi no atual prédio do “Ganha Tempo”, aonde permaneceu até fins do século dezenove, transferindo suas instalações para aonde está em funcionamento a Empresa Brasileira dos Correios e Telégrafos; na sequência, em terceiro, mudou para o Palácio da Instrução, no ano de 1914. No ano de 1944, suas instalações foram transferidas para a atual Sede, tendo sido registrada a formatura da primeira turma em 1945.

Neste ano de 2015 funciona, na Escola Estadual Liceu Cuiabano, o Ensino Médio, classificado pelo pesquisado como “inovador”, com integralização em três anos, com aulas ministradas nos turnos matutino, vespertino e noturno, contando com catorze salas de aulas – todas equipadas com projetor de slides, equipamento de som, quadro branco –, biblioteca, laboratório de informática, salas da administração e de professores, ginásio de esportes e teatro.

Aliás, o teatro conta com 465 (quatrocentos e sessenta e cinco) lugares e é uma obra suntuosa, utilizada pelos alunos e comunidade em geral para apresentações teatrais e culturais, palestras e conferências.

O prédio é tombado pelo Patrimônio Histórico do Estado de Mato Grosso.

COLÉGIO SALESIANO SÃO GONÇALO

Criado como Liceu Salesiano São Gonçalo, o atual Colégio Salesiano São Gonçalo é fruto da vinda da Missão Salesiana para Mato Grosso, em 18 de junho de 1894, a pedido do Arcebispo Dom Carlos Luiz d’Amour ao padre Dom Bosco, fundador da Congregação,

na Itália. A reivindicação era para abrir um colégio com vistas a ser assumida a educação da juventude mato-grossense: “Assim, seguindo o exemplo de seu patrono Dom Bosco, a missão, com dois meses de estada em Cuiabá, fundava a 1º de setembro de 1894, o Colégio São Gonçalo”. (MENDONÇA, 1977, p. 21).

Uma esplêndida e verdadeira assertiva é “O Liceu Salesiano São Gonçalo teve grande influência na nossa formação cultural”. Exemplifica nomes de personalidades oriundas de seus bancos, homens das letras, da política, da medicina. “O Liceu Salesiano marcou uma época na nossa evolução cultural”. (Ibidem).

Ampliando a história do Liceu São Gonçalo, antes instalado nas dependências da Igreja São Gonçalo, no Porto, com o número de alunos em crescimento, foi adquirida pelos Salesianos uma chácara localizada na Prainha, local aonde se encontra a atual sede. “Na época, com o nome de ‘Liceu das Artes e Ofícios São Gonçalo’, o colégio se tornou um ponto de referência para os jovens de todo o Estado, especialmente para os mais carentes”. Foram criadas as oficinas de serralheria, carpintaria e sapataria. (DEUS, 2004).

Atualmente é denominado por Colégio Salesiano São Gonçalo, tem mais de cinco mil alunos. Oferece Educação Infantil a partir dos dois anos de idade e até cinco anos, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Os horários de aula estão assim definidos (CSSG, 2005):

MATUTINO:

Educação Infantil, Ensino Fundamental - anos iniciais (do 1º ao 5º ano) e Ensino Fundamental - anos finais (6º ano, 7º ano e 7ªs séries) das 7h às 11h40.

Ensino Fundamental - anos finais (8ªs séries) - quarta e sexta-feira: das 7h às 11h40 e segunda, terça e quinta-feira: das 7h às 12h40.

Ensino Médio (1ºs, 2ºs e 3ºs anos) das 7h às 12h40.

VESPERTINO:

Educação Infantil, Ensino Fundamental - anos iniciais (do 1º ao 5º ano) e Ensino Fundamental - anos finais (6º ano, 7º ano e 7ªs séries) das 13h às 17h35.

Ensino Fundamental - anos finais (8ªs séries) - quarta e sexta-feira: das 13h às 17h35 e segunda, terça e quinta-feira: das 13h às 18h20.

Ensino Médio - 1^{os} anos - segunda e quarta-feira das 14h50 às 17h20.

Ensino Médio - 2^{os} anos - terça e quinta-feira das 14h50 às 17h20.

Ensino Médio - 3^{os} anos - segunda, terça e quarta-feira das 14h50 às 17h20.

Como se observa, a Educação Infantil e o Ensino Fundamental apresentam dois turnos de aulas. O Ensino Médio tem aulas pela manhã e também à tarde, em dias alternados, para cada uma das turmas.

As Normas Internas do Colégio Salesiano São Gonçalo (CSSG) são destinadas aos alunos e seus responsáveis, pela adesão ao Contrato de Prestação de Serviços Educacionais (CPSE), os quais se submetem ao Regimento Escolar, ao Projeto Político-Pedagógico (PPP) e a outras normas internas do CSSG, quais sejam (Ibidem):

O CSSG não se responsabiliza por alunos que permanecem fora de suas dependências, exceto quando em atividades pedagógicas, desportivas ou pastorais.

O CSSG não autoriza a saída do aluno do CSSG por meio de ligação telefônica. Se houver necessidade da saída antecipada, a família deve buscar o aluno no CSSG ou mandar a autorização escrita na agenda.

Não é permitida ao aluno a saída da sala de aula, salvo quando necessário.

Há uma tolerância de 10 minutos para a entrada do aluno na primeira aula, exceto para o Ensino Médio no período vespertino.

O CSSG registra todos os atrasos e faltas com uma tolerância de até 3 (três) por bimestre. A partir do quarto registro, o aluno é advertido por escrito, com ciência dos pais. Faltas reiteradas sem justificativa são informadas ao Conselho Tutelar nos termos do art. 56, II da Lei 8.069/90 (ECA).

Os alunos com atividades esportivas ou de artes (escolinhas), no contra turno, somente podem adentrar as dependências do CSSG, 15 minutos antes de iniciar a atividade.

A guarda dos objetos pessoais é de responsabilidade do aluno.

Os objetos perdidos ou extraviados, que forem encontrados nas dependências da escola, devem ser entregues e procurados na Coordenação Disciplinar.

O aluno retirado da sala de aula por conduta inadequada é encaminhado para a Coordenação Disciplinar, onde é orientado, e responde pelos atos praticados nos termos do regimento.

O CSSG somente pode dar medicamentos aos alunos mediante autorização expressa dos pais ou com receituário médico.

É de inteira responsabilidade do CSSG a distribuição dos alunos por turma/sala de aula, sem ingerência do aluno ou responsável, nos termos do CPSE.

Para a prova de segunda chamada, o aluno deve solicitar autorização para pagamento da taxa, no prazo de 24 horas, junto à Orientação Educacional.

O uniforme é composto de camiseta, calça/bermuda “tactell” ou “microfibras” e tênis. Há uniforme específico para os dias de frio para os alunos que assim necessitarem. O uniforme incompleto acarreta infração disciplinar.

DIREITOS DO ALUNO

É direito do aluno que sejam observados os dispositivos constitucionais da Lei Federal 8079/90 (ECA), Lei 9394/96 (LDB) e as demais normas educacionais.

Ser respeitado por seus educadores, sem qualquer forma de discriminação.

Receber, em igualdade de condições, as orientações necessárias para realizar suas atividades escolares.

Ser informado sobre o sistema de avaliação.

Tomar conhecimento de seu aproveitamento escolar e de sua frequência.

Usufruir de todos os benefícios de caráter educativo, religioso ou social que o CSSG oferece.

Expor as dificuldades encontradas nos trabalhos e atividades escolares e solicitar orientação aos professores.

DEVERES DO ALUNO

Conhecer e cumprir o Regimento Escolar do CSSG.

Aplicar-se com diligência ao estudo, para melhor aproveitamento das oportunidades de ensino e de aprendizagem.

- Comparecer pontual e assiduamente às atividades escolares.
- Contribuir, com sua conduta, para o prestígio do CSSG.
- Abster-se de praticar, ou de induzir à prática, atos que atentem contra pessoas e/ou patrimônio do CSSG.
- Fortalecer o espírito patriótico e a responsabilidade democrática.
- Executar as tarefas designadas pela direção e pelos professores.
- Respeitar os educadores e colegas.
- Zelar pela limpeza e conservação das instalações e dependências, ressarcindo o CSSG dos prejuízos que vier a causar.
- Identificar e cuidar de seus objetos pessoais.
- Ser honesto na apresentação das tarefas e trabalhos, na realização das avaliações (provas) e nas atitudes do dia-a-dia.
- Apresentar-se uniformizado diariamente para as atividades escolares, sejam elas pedagógicas, pastorais ou para as escolinhas.

Para as pesquisas e estudos dos alunos, a Biblioteca funciona de segunda a sexta feiras das sete horas às dezenove horas e trinta minutos e sábados das sete às onze horas. Existem laboratórios de informática, química, física, biologia, entre outros. Em sua infraestrutura conta com Ginásio Poliesportivo, com espaço para mais de três mil espectadores.

Em poucas palavras, este é o Liceu Salesiano São Gonçalo de hoje, completando cento e vinte anos de existência.

1.4. INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO (IFMT)

A “Escola de Aprendizizes Artífices de Mato Grosso (EAAMT)” foi criada, em Cuiabá, pelo Decreto n. 7.566, de 23 de setembro de 1909, iniciando sua solene instalação em 1º de janeiro de 1910, com a finalidade de ministrar ofício aos seus alunos. (MENDONÇA, 1977, p. 24).

A EAAMT foi vinculada ao Ministério da Educação e Saúde Pública, em 1930, e em 13 de janeiro de 1937, objeto da Lei n. 378, as Escolas de Aprendizizes e Artífices receberam a denominação de Liceus Industriais. Somente em 5 de setembro de 1941, pela “Circular n. 1.971, a EAAMT assumiu oficialmente a denominação de Liceu Industrial de Mato Grosso (LIMT).” (IFMT, 2015).

Posteriormente, o LIMT se transformou em Escola Industrial de Cuiabá, possuindo o “curso industrial básico com quatro séries: a 1ª e a 2ª de artes industriais e a de iniciação profissional para a 3ª e 4ª séries.” Os estudos eram de “mecânica de automóvel, mecânica de máquinas, artes do couro, trabalhos de madeira, eletricidade, tipografia etc”. (MENDONÇA, 1977, p. 24).

Acrescentam-se os cursos de mestria em alfaiataria, sapataria, serralheria, tipografia e encadernação a serem oferecidos pela Escola Industrial de Cuiabá (EIC), em função do Decreto-lei n. 4.127, de 25 de fevereiro de 1942 (IFMT, 2015).

A EIC adquiriu personalidade jurídica própria e autonomia didática, administrativa, técnica e financeira, por força a Lei Federal n. 3.552, de 16 de fevereiro de 1959, a qual reorganizou completamente o sistema escolar e administrativo (MENDONÇA, 1977, p. 24). E, com o advento “da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961, passou a oferecer o ensino profissional com cursos ginásiais industriais equiparados aos de 1º grau do ensino médio”. (IFMT, 2015).

Em 20 de agosto de 1965, transformou-se em Escola Industrial Federal de Mato Grosso (EIFMT), em função da Lei n.º 4.759. Três anos depois, a Portaria Ministerial n.º 331, de 17 de junho de 1968, alterou a lei anterior e a escola industrial passou a denominar-se Escola Técnica Federal de Mato Grosso (ETFMT). Com a reforma do ensino, “introduzida pela Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, a ETFMT acabou de vez com os antigos cursos ginásiais industriais (1º grau), e passou a oferecer o ensino técnico de 2º grau integrado ao propedêutico”. Por outro lado, além dos alunos do sexo masculino, passou a aceitar mulheres nos referidos cursos (IFMT, 2015).

Conquanto não mais houvesse discriminação no estabelecimento de ensino relativamente ao ingresso de mulheres, cabe reproduzir o soneto abaixo, de autoria de Rubens de Mendonça, a elas dedicado (MENDONÇA, 1950-1951, p. 34):

Soneto sem nome para as mulheres que amei

Cerro os olhos e sonho... Mansamente
As mulheres que amei vejo passar...

Mulheres que eu amei tão loucamente
E que as chamadas do amor trazem no olhar!...

Lembro-me algumas, cujo olhar fremente
Era volúpia estranha e singular...

Outras por mim passaram friamente
Sem meus lábios nos seus mesmo pousar!...

Passai, visões de minha fantasia
Vultos gentis que o tempo mau desfaz...
Amor! Que outrora foi minha alegria...

Tal como quem desfolha malmequeres...
Eu tenho um coração grande, capaz
De amar com ele todas as mulheres!...

A Nova LDB, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, ao prognosticar a “Década de transformação da Educação”, alterou o ensino profissional, o qual deixou de ser integrado ao propedêutico e a “ETF passou a oferecer, separadamente, o ensino médio (antigo propedêutico) e o ensino profissional de nível técnico e nível básico”. (IFMT, 2015).

Outra alteração de nomenclatura: transformou-se a ETFMT no Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso (CFETMT), por intermédio do Decreto de 16 de agosto de 2002 (BRASIL, 2015). A partir dessa alteração, a Instituição passou a oferecer, além do ensino médio e do profissional de nível técnico e básico, o ensino profissional de nível tecnológico e a pós-graduação *lato sensu* (IFMT, 2015).

O atual estabelecimento de ensino integrou os Centros de Educação Tecnológica de Mato Grosso e de Cuiabá, e da Escola Agrotécnica Federal de Cáceres, objeto da Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008, criando o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), sendo uma instituição de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampi, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, sendo vinculada ao Ministério da Educação, porém, “possui natureza jurídica de autarquia, com autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar”. (IFMT, 2015).

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso tem, no estado, a sua área de atuação geográfica:

Conta com onze campi em funcionamento (Barra do Garças, Cáceres, Campo Novo do Parecis, Confresa, Cuiabá – Octayde Jorge da Silva, Cuiabá – Bela Vista, Juína, Pontes e Lacerda, Rondonópolis, São Vicente e Sorriso) e outros três em fase de instalação (Alta Floresta, Primavera do Leste e Várzea Grande),

além da sua Reitoria instalada em Cuiabá. Para efeito da incidência das disposições que regem a regulação, avaliação e supervisão da instituição e dos cursos de educação superior, o IFMT é equiparado às universidades federais.

É missão do IFMT:

Proporcionar a formação científica, tecnológica e humanística nos vários níveis e modalidades de ensino, pesquisa e extensão, de forma plural, inclusiva e democrática, pautada no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional, preparando o educando para o exercício da profissão e da cidadania com responsabilidade ambiental.

O IFMT tem os seguintes objetivos:

I. ministrar educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos;

II. ministrar cursos de formação inicial e continuada em todos os níveis e modalidades, objetivando a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização de profissionais, nas áreas da educação, ciência e tecnologia;

III. realizar pesquisas aplicadas, estimulando o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas, estendendo seus benefícios à sociedade;

IV. desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos;

V. estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional; e

VI. ministrar em nível de educação superior:

a) cursos superiores de tecnologia visando à formação de profissionais para os diferentes setores da economia;

b) cursos de licenciatura, bem como programas especiais de

formação pedagógica, com vistas na formação de professores para a educação básica, sobretudo nas áreas de ciências, e para a educação profissional;

c) cursos de bacharelado e engenharia, visando à formação de profissionais para os diferentes setores da economia e áreas do conhecimento;

d) cursos de pós-graduação lato sensu de aperfeiçoamento e especialização, visando à formação de especialistas nas diferentes áreas do conhecimento; e

e) cursos de pós-graduação stricto sensu de mestrado e doutorado, que contribuam para promover o estabelecimento de bases sólidas em educação, ciência e tecnologia, com vistas ao processo de geração e inovação de conhecimentos educacionais, científicos e tecnológicos.

O principal estabelecimento do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso está sediado nesta capital, sendo denominado por “Cuiabá – Octayde Jorge da Silva”. Aliás, este patrono merece destaque nessa escrita por ter ocupado e ilustrado a Cátedra n. 9, da Academia Mato-Grossense de Letras, sucedendo ao poeta Rubens de Mendonça. Foi membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, sendo eleito seu Orador Oficial.

O Coronel Octayde Jorge da Silva “na carreira militar deixou marcas indeléveis de patriotismo. Lhaneza e energia foram atributos que marcaram a sua conduta como militar, educador e condutor da juventude escolar.” Foi diretor da Escola Técnica Federal de Mato Grosso. Como historiador e escritor, legou-nos vários trabalhos publicados, inclusive pelas instituições das quais fazia parte”. (TO-CANTINS, 2006).

Aqui se encerra uma pequena história da Escola de Aprendizes Artífices de Mato Grosso.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT)

Nasce a Faculdade de Direito de Cuiabá, noticiada no jornal “*O Mato Grosso*”, de 27 de março de 1934: “A brilhante iniciativa da criação entre nós de uma Faculdade de Direito já se tornou, felizmente, uma empolgante realidade”. Assim, pelo Decreto n. 394, de 28 de novembro de 1934, foi reconhecida pelo Interventor Federal a Faculdade de Direito de Cuiabá, para a qual foi concedida uma sub-

venção anual de 10:000\$000 (dez contos de réis). No ano de 1935, pelo Decreto n. 451, de 15 de junho, o Interventor Federal concedeu à “Faculdade de Direito de Cuiabá o terreno de propriedade do Estado, à rua Barão de Melgaço, onde se encontra o Clube Feminino.” No interstício de dois anos, pelo Decreto-lei n. 87, de 4 de dezembro de 1936, essa faculdade foi encampada pela Lei n. 26, de 18 de setembro daquele ano, com a criação da Faculdade de Direito do Estado de Mato Grosso, com crédito de 20:000\$000 (vinte contos de réis). (MENDONÇA, 1977, p. 34-35).

Foi efêmera a vida dessa Faculdade, pois a Carta Magna, de 10 de novembro de 1937, proibia o acúmulo das funções de servidor público, motivo pelo qual os professores se afastaram das respectivas cátedras, sendo fechada a Instituição (Ibidem, p. 35)

Reacende a luz do saber: foi elaborado novo projeto para a criação de uma Faculdade de Direito, em 14 de junho de 1952, o qual, dentre as justificativas apresentava “à mingua de diplomados em Direito em nosso Estado o seu instituto de classe que é a Ordem dos Advogados tem se visto na dura contingência de expedir carteiras a leigos na matéria, para suprir em certas Comarcas, a falta de profissionais diplomados (Ibidem, p. 37-38).

O projeto logrou aprovação pela Lei Estadual n. 485, de 5 de setembro de 1952, sendo instalada solenemente a Faculdade de Direito de Mato Grosso, em 31 de janeiro de 1954, no Salão Nobre do Colégio Estadual. A primeira turma de bacharéis colou grau no ano de 1961 (Ibidem, p. 39).

Em 5 de maio de 1969, pelo Decreto n. 852, foi criada uma comissão, pelo governo estadual, para proceder os estudos relativos à Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). A 12 de dezembro de 1969, o Presidente da República assinou “a mensagem encaminhando ao Congresso Nacional o projeto de lei que criou a Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá”. (Ibidem, p. 44).

O primeiro Conselho Diretor da UFMT tomou posse no dia 31 de maio de 1971, perante o Delegado da Receita Federal em Mato Grosso, de acordo com o artigo 6º da Lei n. 5.647, de 10 de dezembro de 1970, a qual criou a Universidade (Ibidem, p. 45).

A UFMT foi iniciada a partir da fusão da Faculdade de Direito de Mato Grosso e do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá e com o oferecimento de onze cursos no campi de Cuiabá. Atualmente, além de sua localização nesta Capital, possui campi em outras quatro cidades: Rondonópolis (Sul), Barra do Garças e Pontal do Araguaia (Leste), Sinop (Norte). Está presente em vinte e quatro polos de Educação a

distância, tem uma base de pesquisa no Pantanal Mato-grossense e Fazendas experimentais em Santo Antônio do Leverger e em Sinop, dois hospitais veterinários e o Hospital Universitário Júlio Müller. (UFMT, 2015).

O complexo universitário é composto por vinte e sete institutos e faculdades. Já formou mais de cinquenta mil profissionais e hoje tem mais de vinte mil alunos nos seus cento e um cursos de graduação e nos cinquenta e seis de pós-graduação de mestrado e doutorado. É responsável pela maior produção científica do Estado, integrando redes nacionais e internacionais, tendo registrado mais de quinhentos projetos de pesquisa. Possui – para o ensino, pesquisa e extensão – laboratórios de áreas específicas e de uso coletivo, a exemplo do herbário e do biotério. Tem zoológico, ginásio de esportes, parque aquático, museus, teatro, orquestra, coral e conta com o maior sistema de bibliotecas de Mato Grosso, com acervo superior a quatrocentos mil volumes. (UFMT, 2015).

Estas poucas linhas podem ser caracterizadas como uma pequena parte da história da educação superior pública nas terras mato-grossenses.

2. FOLCLORE MATO-GROSSENSE

No opúsculo “*Estórias que o Povo Conta (Folclore Mato-grossense)*” consta a íntegra da palestra pronunciada no dia 9 de setembro de 1966, no Grêmio Dom Bosco, da Escola Normal e Ginásio Coração de Jesus, pelo então Secretário Geral da Comissão de Folclore de Mato Grosso, o acadêmico Rubens de Mendonça, da Academia Mato-Grossense de Letras. A saudação ao emérito professor de Português coube à aluna Maria Mazarelo Cândia Figueiredo iniciando com a apresentação do seu currículo, enfatizando a autoria de vários trabalhos sobre Folclore e História de Mato Grosso, distinguindo-se como romancista e poeta (MENDONÇA, 1967, p. 5-7). Em sua dissertação, a estudante apresentou à plateia o soneto elaborado pelo palestrante:

Cascalhos da Ilusão

Garimpeiro a sonhar riquezas fabulosas,
Eu parti a cantar uma alegre canção...
Se às vezes encontrei pedras maravilhosas,
Muitas vezes sofri atroz desilusão!

E, louco, e desvairado, as pedras preciosas
Buscando examinar a sua perfeição...
Não encontrei sequer entre as mais suntuosas
Uma, a satisfazer, minha ardente ambição...

E eu assim, a lutar, busco o verso perfeito,
O diamante sem jaça, a pedra sem defeito.
Carbonado gentil da minha inspiração!...

Mas, só pude encontrar nos versos que componho
-- Filhos da minha dor “Garimpo do Meu sonho”
Onde só pode haver “Cascalho da Ilusão”.

Ao encerrar, a aluna enfatiza ser “um pouco do muito que eu poderia dizer-vos sobre o nosso prezado conferencista” e concita a todas para “não só apreciar um trabalho de alto teor cultural, como também sentir a cordialidade e simpatia de um *mestre*” (sem evidência no original).

Mendonça, ao início da palestra, demonstra a altivez, a nobreza de um pesquisador ao citar a escrita de Renato Almeida contextualizando a origem do termo folclore, a saber:

Faz 120 anos, no dia 22 de agosto, que pela primeira vez, se escreveu a palavra *Folk Lore*. Foi o arqueólogo William John Thoms, conhecido preferencialmente pelo pseudônimo de Ambrose Merton (1803-1885), que em carta à revista londrina “The Athenaeum”, quem propôs em 1846, que as chamadas “antiguidades populares”, o sabor do povo, se denominasse com uma boa palavra anglo saxônica *Folk-Lore*, *folk* povo e *lore* saber.

No Brasil instituiu o “Dia do Folclore” em 22 de agosto, objeto do Decreto n. 56,747, de 17 de agosto de 1965. Neste ano de 2015 comemorar-se-á o cinquentenário do Dia do Folclore.

O palestrante definiu:

Folclore é o estudo do conjunto de tradições, crenças populares expressa em provérbios, contos e canções. Tanto se emprega o vocábulo Folclore no sentido de campo de pesquisa, de conhecimento cultural, como, em linguagem corrente, que passou a ser o que é peculiar ao povo, ou a uma região urbana ou rural, em tradições, crenças, lendas, costumes, manifestações artísticas, sobressaindo, entre estas, a dança, a poesia, e a música, por mais

íntima e espontaneamente entrelaçadas à emotividade coletiva, cujos matizes elas refletem quase que com a fidelidade de um espelho.

O dicionarista Ferreira (2009) apresenta estas definições:

1. Conjunto das tradições, conhecimentos ou crenças populares expressas em provérbios, contos ou canções.
2. Conjunto das canções populares de uma época ou região.
3. Estudo e conhecimento das tradições de um povo, expressas nas suas lendas, crenças, canções e costumes; demologia (v. demopsicologia), demopsicologia (estudo da psicologia de um povo).

As definições são correlacionadas, mas o homenageado acrescenta o entendimento do “Professor Joaquim Pimenta, até o século XIX, constituía de certas tradições populares como o carnaval e as festas de São João”.

Em Mato Grosso, citou o entorno dos municípios a Cuiabá, mais Mato Grosso, atual Vila Bela da Santíssima Trindade, e, ainda Corumbá, hoje Mato Grosso do Sul, localidades essas ricas de tradições populares, genuinamente regionais, existentes pela cultura oriunda de seus colonizadores. E evidencia as Touradas, Cavalhadas, Marujadas e Danças de Congos.

Nas virgens florestas, por ocasião da busca da poaia, denominada também por ipecacuanha – erva humilde, da família das rubiáceas, de longas raízes grossas e nodulosas, que fornece a emetina, e cujas pequenas flores se reúnem em capítulos, assim definida pelo dicionarista Aurélio – surgiam seres misteriosos com a forma humana, cujos corpos eram cobertos de longos pelos negros e crespos, com uma perna só, em forma de casco e semelhante ao fundo de garrafa, donde surgiu a lenda cacerense do “Pé de Garrafa”.

Em falando sobre lendas, cita o Negrinho D’água, Boi Tatáa, Saci, o Pacto do Diabo, entre outras, trazidas de São Paulo pelos primeiros povoadores.

Um mito genuinamente cuiabano é o “Tibanaré”, contado por José de Mesquita em seu trabalho *“No Tempo da Cadeirinha”*, “que é um Bugre velho, de má catadura (aparência) feições muxibentas, a modo jenipapo, a pedir pedacinho de fumo” (op. cit. p. 12-13). Não obstante, o locutor apresenta outra versão dessa lenda:

O Tibanaré passa alta noite assobiando. É um pequeno pássaro encantado. Quando alguém necessita de algo, um favor ou benefício

pede ao Tibanaré quando ele passar, e lhe promete em troca um pedaço de fumo. Realizado o pedido logo ao anoitecer do dia seguinte, aparece um homem pedindo um pedaço de fumo. Esse homem é o Tibanaré que vem cobrar a promessa.

Endossando essas palavras, é apresentado “o mito Tibanaré na descrição de Câmara Cascudo, como um índio ‘velho, de rosto enrugado, andando silenciosamente no entardecer’, Aproxima-se de crianças e pede fumo. Não atendido leva as crianças embora”. Pode ser, ainda, “uma ave noturna de canto persistente e tênue”. Não se sabe, porém, a origem do nome ou do mito. (ALMEIDA, 2005, p. 5).

Outra lenda de igual autoria é a “Encomendação das Almas”, classificada como muito interessante, na qual em um cortejo, uma moça chamada Cula na janela de sua casa recebe um embrulho de um vulto, com a expressão: “– Guarde esta vela para mim...” Assim o fez, colocando no sofá. Siá Teodora, ao retornar viu o estranho objeto e ao abrir o invólucro, observou tratar-se de “uma tibia alva longa, uma canela de defunto, com a conformação e cor de uma vela de cera”. Cula assustada deu um grito de pavor e desfaleceu, demorando a se recompor.

Explica a lenda do Pacu, o peixe mais saboroso do rio Cuiabá. Além de afamado pelo sabor, possui outras virtudes: “Se um rapaz solteiro chega a Cuiabá e come a cabeça desse peixe, não demora muito e se casa com uma filha da terra. O pacu é por isso, o mais querido das filhas de Eva, nestes confins do Brasil.”

Adentrando nas danças populares, Mendonça exemplifica o cururu: “Espécie de batuque, no qual tomam parte homens e mulheres, formando uma roda e volteando burlescamente cantado à porfia, ao som de viola de coxo, improvisando versos de pé quebrado”.

Esclarece não poder aprofundar no tema folclore numa palestra, tampouco sobre superstições e assombrações, crenças religiosas; mas cita as festas do “Natal, Quaresma, Espírito Santo (Senhor Divino), São João, Santo Antonio, São Pedro, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário”. E amplia com “ritmos africanos, macumba, medicina folclórica: doenças, ares, terapêutica, o folclore dos vegetais, das águas, dos animais, da literatura oral, contos, poesias, romances, desafios, cantigas infantis, danças de roda, da música [...]”.

Encaixam-se nesta seção esta poesia do palestrante (REVISTA AML, 1948-1949, p. 105):

Rondó

Junho. São João. Há uma garoa fina
Caindo pela noite enluarada...
Longe de ti – a lamentar a sina
De não ter nos braços minha amada.
Enquanto o manto branco de neblina
Cai lá fora na noite sossegada.
Junho. São João. Há uma garoa fina
Caindo pela noite enluarada...

Onde está meu amor, onde a divina
Mulher dos sonhos meus está agora?
E a saudade me fere e me alucina
Enquanto a chuva cai mansa lá fora.

Junho. São João. Há uma garoa lá fora.

Em sua locução às jovens componentes do Grêmio Dom Bosco, da Escola Normal e Ginásio Coração de Jesus, cita a definição de folclore de Câmara Cascudo: “ciência de psicologia coletiva, observada através de pesquisas de todas as manifestações espirituais, materiais e culturais de um povo. Nenhuma ciência, como o folclore, possui maior espaço de pesquisa e aproximação humana”. (op. cit. p. 19).

Dando espaço para uma poesia modernista, de sua autoria, do folclore brasileiro (MENDONÇA, 1954, p. 52):

Saci é também poeta modernista

Saci da Silva Pererê,
Moleque safado e bem brasileiro,
De barrete vermelho
Cachimbo na boca
A pular de um pé só,
Fazendo barulho, dando palpite em tudo que vê,
Armando bagunça, criando conflitos, fazendo banzé...

Saci bole em tudo, com tudo entremete:
Política e Letras, Artes e Guerra
E tratados de Paz!

Saci Pererê
Pintor Futurista
Tem alma de artista bem original.

Saci Pererê
Agora pôs fogo nos versos antigos dos velhos poetas.
Não quer mais saber de “pálida e loira”, nem sabe de métrica
Nem gosta de rima,
Sai quer poesia, poesia nascida da alma do povo,
Da gente da rua que luta e que sofre...

Negrinho teimoso, negrinho danado só anda a dizer que é modernista!
Saci Pererê!
Você é a poesia, a nova poesia, do novo Brasil!...

E, concluindo, pediu para todos colaborarem na prática do verdadeiro folclore em todas as classes sociais, com vistas a preservar as tradições populares mato-grossenses, as quais estão desaparecendo dia a dia. Com relação á tradição escreveu o poema (MENDONÇA, 1954, p. 53):

Siriri

O rancho parecia estar pegando fogo
De vermelho de tanta poeira levantada
Que se refletia na luz do lampião!

A negrada batia o pé no chão
Dançando o Siriri,
Fedia a suor e fedia a cachaça...

Um preto cantava uns versos acompanhado de uma viola de coxo e craçaxá.

O galo cantou três vezes.

Quando o Sol veio nascendo a festa terminou numa bagunça horrível.

Houve até facadas...

Foi preciso intervenção da polícia...

E lembra, ao falar em cachaça, da quadra cuiabana muito interessante:

Preto, caboclo, mulato,
Era outrora quem bebia,,,
Hoje muita gente boa
Vira o copo noite e dia.

Rubens de Mendonça, além de versar sobre as festas de São João, Saci Pererê e Siriri, pediu, no encerramento de sua fala para as estudantes preservarem – como ele o fazia – as tradições existentes.

CONCLUSÃO

Na pesquisa às obras de autoria do historiador Rubens de Mendonça encontraram-se o ontem e o hoje, entrecortado por versos escritos pelo próprio poeta parnasiano, modernista, romântico; difícil de classificar, pois são encontradas essas três formas nas transcrições. Embora não totalmente apresentadas a maioria das poesias podem ser definidas por românticas, porquanto o autor em seus versos venera a mulher, a sua amada.

A “*Evolução do Ensino em Mato Grosso*” traz as origens de Instituições seculares, suas alternâncias, mudanças, surgimento de novos cursos e outros segmentos educacionais diante do desenrolar dos acontecimentos evolutivos da sociedade. A pesquisa do ontem é a história e a de hoje é a educação, as instituições pesquisadas na atualidade. Foram veredas, mas ainda há outras a percorrer.

Em “*Estórias que o Povo Conta*” aparece o dito popular sobre o *Folclore Mato-grossense*, numa palestra realizada para estudantes, aspecto a motivar uma reflexão e evidenciação sobre a escrita legada pelo beletrista. Apresenta caminhos para outras pesquisas diante da riqueza temática existente.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS. *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*. Cuiabá: Escola Industrial, 1946.

ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS. *REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS*. Cuiabá: Escola Industrial, 1948-1949.

ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago; COX, Maria Inês Pagliarini (Orgs.). *Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral, 2005. (Coleção Tibanaré, vol. 5).

BRASIL. *Decreto de 16 de agosto de 2002*. Dispõe sobre a implantação do Centro Federal de Educação Tecnológica de Cuiabá, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/DNN/2002/Dnn9632.htm. Acessado em 4 fev. 2015.

CLAVELL, James. *Ao Mestre, com Carinho*. Original em inglês: *To Sir, With Love*. Manaus: Columbia, 1986, renovado 1994. Filme 105 min. 1 DVD.

COLÉGIO SALESIANO SÃO GONÇALO (CSSG). *Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio*. Disponível em: <http://www.cssg.g12.br/>. Acessado em 31 jan. 2015.

DEUS, Joalice de. São Gonçalo completa 110 anos. *Diário de Cuiabá*, n. 11.012, de 05 set. 2004. Disponível em: <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=192686>. Acessado em 03 fev. 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. 4. ed. atual. e rev. Versão 6.0. Curitiba: Positivo, 2009. 1 CR-ROM.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO (IFMT). *Histórico*. Disponível em: <http://www.cba.ifmt.edu.br/>. Acessado em: 03 fev. 2015.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO. *À Memória Viva de Rubens de Mendonça*. Cuiabá: Print, 2003.

MENDONÇA, Rubens. Soneto sem nome para as mulheres que amei. In: *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*. Cuiabá: Escola Industrial, 1950-1951.

MENDONÇA, Rubens. *Dom Por do Sol*. Cuiabá: Sará, 1954. Disponível em: <http://www.bibliotecapublica,mt,gov.br>. Acessado em: 27 jan. 2015.

MENDONÇA, Rubens. *Estórias que o Povo Conta* (Folclore Mato-grossense). Cuiabá: Imprensa Oficial do Estado, 1967. Disponível em: <http://www.bibliotecapublica,mt,gov.br>. Acessado em: 27 jan. 2015.

MENDONÇA, Rubens. *Evolução do Ensino em Mato Grosso*. Cuiabá: s/e, 1977. Disponível em: <http://www.bibliotecapublica,mt,gov.br>. Acessado em: 27 jan. 2015.

MUSEU DE ARTE SACRA. *Seminário da Conceição*. Disponível em: <http://museudeartesacramt.blogspot.com.br/p/sobre.html>. Acessado em: 31 jan. 2015.

SOUSA, Claudia Noemia. Liceu Cuiabano: os 130 anos de uma história. In: *Liceu: educação, história e tradição da escola que se tornou um símbolo da educação mato-grossense*. Edição Histórica – 130 Anos. Cuiabá: Genus, 2010.

TOCANTINS, Aecim. Cel. Octayde Jorge da Silva. *Diário de Cuiabá*. N. 11.565, de 13 jul. 2006. Disponível em: <http://www.diariodecuiaba.com.br>. Acessado em 4 fev. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT). *Institucional*. Disponível em: <http://www.ufmt.br>. Acessado em 4 fev. 2015.

FACE SATÍRICA ENTRE BRINCAR E EDUCAR: RUBENS DE MENDONÇA

(FALA APRESENTADA NO DIA 25/02/2015, NAS
COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DE RUBENS DE
MENDONÇA – CASA BARÃO DE MELGAÇO)

Marília Beatriz de Figueiredo Leite

A MODO DE INTRODUÇÃO

Creio que Rubinho amaria que daqui deste lugar que foi dele e que é dele até hoje não apresente limites e trancas tanto para sua verticalidade expressiva quanto para sua horizontalidade pensamental.

O que vou falar neste espaço não é só do mundo das letras. Intento mostrar a rebeldia signífica do filho de Estevão de Mendonça. Momentos para fazer todos que aqui estão esquecer um pouco das coisas duras como falta de água, energia cara a propósito: SE A ENERGIA É BARATA/É BOM ASSIM CONSERVAR/ SE A CEMAT NÃO DÁ LUZ/ PRÁ QUE O PREÇO AUMENTAR?

A poligrafia de Rubens de Mendonça dá a nota, os acordes e a harmonia de verdadeiras partituras na escrita que transita por todos os gêneros e alça voos os mais inusitados. De um historiador que vai buscar na memória a gênese de muitos fatos como herdeiro ilustre de Estevão de Mendonça, de articulista esmerado, poeta com nova construção: o moderno vivificando as pegadas cuiabanas, prosador cujo resultado é a eferescência na arquitetura do texto, Rubens deixa entrever porque é ponta de lança nas letras de nossa terra.

A semiótica de Rubens é domada por sua maneira de esculpir a escrita, ao trabalhar o cinzel trata de esboçar, formular e apresentar as cenas de seu tempo, em seu tempo e para lá de qualquer tempo com vívidas traduções.

Constituem temas de seu interesse fragmentos jocosos que na abordagem dele configuram e conformam signos do cotidiano, da res publica vidas novas e presenças antigas. O fascínio que exerce sobre a imaginação de seus apreciadores é único. Na fatura satírica de Rubens de Mendonça o que aparece é o privilégio da ressignificação das coisas, a personalidade do escritor eclode. Tudo é motivo da avaliação festiva, do bom humor. A graça na praça, a comicidade na cidade, o humor em família e o riso polido na cara do político fazem a moldura dos efeitos que o gozador precisa para construir suas imagens.

LIBERDADE, LIBERDADE ABRE AS SOBRE NÓS

O artista mostra os moldes da liberdade que brotam no formato cultural e na competência inserta nas cenas, nos artigos e nas graças que deixou em nossas letras. Pensar que a literatura ou a arte deve ser sempre útil é cair em doutrina ultrapassada. Há uma questão que importa em todos os segmentos artísticos: Para que ou para quais pessoas algo pode ser útil ou danoso? Existe uma via de pensamento que é profundamente inovadora, revolucionária suficiente para apontar outras rotas. É aqui que encontro um Rubens de Mendonça ocupando o espaço lúdico e ao mesmo tempo didático com o riso escancarado ou mascarado. Um ser que descobre e cria, perfaz e produz de acordo com suas ânsias e paixões por conta de suas necessidades vitais.

O autor que residia ao lado do Clube Feminino, o poeta que encantava seus leitores com o DOM POR DO SOL o educador que buscava a UFMT são pontos que surgem como cenário da vívida fortuna que foi sua estrada. O texto na trama do riso é ao mesmo tempo terreno por onde repousa o ensinar. O didático vai de mãos dadas com a brincadeira, aqui reside a precisão de unir as duas faces: o jogo e o ensinamento, em nenhum momento o autor pensou em DAR RESPOSTAS DEFINITIVAS, CONCRETAS. Indica algo e não pretende resolver.

Eis aqui em *Ruas de Cuiabá*: “*Esse erro judiciário me faz lembrar a sugestão de Pitigrilli que achava que a cadeira de um juiz deveria ser forrada com a pele do juiz antecessor que tivesse sido injusto.* (La Meravigliosa Avventura), citando Pitigrilli chama atenção para a leitura de Autor permanentemente sarcástico e lido por muitos brasileiros e alguns latino americanos como Julio Cortázar. Eis um jeito de ensinar citando referências. Aliás, educar não é garantia de que as coisas são locais e imutáveis, intangíveis e de que não podem ser transformadas isso é algo que não condiz com o verdadeiro modo de querer melhorar a pessoa. O fato do ser humano percorrer as vias da dúvida mostra que

para desenvolver é preciso experienciar, buscar e não viver picotando falsas verdades.

O LÚDICO QUE IRROMPE EM RUBENS TEM QUE MENSURAR A QUANTIDADE DE LIBERDADE QUE EXISTE NA POÉTICA DO INCONSCIENTE. O QUE APARECE É POÉTICO E NÃO TEM COMO NÃO SER PORQUE OS SIGNOS DO PRAZER, DO GOZO E DO BRINCO SÃO TEMAS CONSTANTES NO ROSTO DO ESCRITOR.

ADIVINHAÇÕES

Eis a estrada de uma questão:

Como falar de algo que sempre me pegou? Adélia está aqui para testemunhar que sempre fui amante do SERMÃO AOS PEIXES. Estive envolvida e enredada pelas coisas do humor de Rubens de Mendonça desde sempre. Não consegui me desligar do encanto que sentia por aqueles escritos. Meu pai me conduzia a passeios, em conversas com amigos ou simplesmente olhando o céu azulado sempre pensava em Rubens e retornava a magia das trovinhas e ao “*RIDENDO CAS-TIGAT MORES*”. E ele com sua doçura sabia bem disso porque teve um momento em que ele desafiou:” faça vc uma trovinha “ E quedei espantada. O que fazer? E se mesmo obcecada, metida em vários romances não fui capaz de transformar os bichos internos em gatinhos macios e a ideia em coisa com lucro? Resolvi conviver e esperar o dia para desmarcar a minha mania de querer jogar e também respeitar o brinquedo do autor.

Outra questão me incomodava: como era possível a estatura extensa de alguém que sabia edificar a sátira na Cuiabá de antanho com tal primor e destemor?

Há naqueles discursos lúdicos tanto sob o pto. de visto estético quanto no ideológico um avanço que sem dúvida é uma das + importantes aquisições das letras mato-grossenses. Tal avanço é visível em *SÁTIRA NA POLÍTICA DE MATO GROSSO*. Lá está à estrutura imagética dos fatos e a referencialização tópica da poesia satírica.

Diálogo crítico/criativo = Sátira na Política de Mato Grosso

A linguagem desenvolvida neste livro cria a ambiência perfeita do modo como é concebido o desenho satírico. Aqui ele vai desencavar os defeitos e vícios e colocar na cara, bem a mostra o quilate de alguns dos políticos de Mato Grosso. Com efeito, ele responde aos desejos de conhecimento da “essência de certos homens políticos mato – grossenses” via uma letra satírica que

busca o signo mais importante para se constituir nas estruturas emblemáticas do ser, do sabor e do narrar.

Nosso Rubinho é particularmente produtivo nesta mirada, uma vez que enfoca as relações da política com o ridículo, do poder com a ignorância e dos próximos (amigos ou não) com suas irreverências.

Ele mesmo afirma: “Nosso objetivo é de registrarmos os fatos que ocorreram numa época de prosperidade (política) em nosso Estado, cujos dados vão desaparecer se o Arquivo Público continuar abandonado como está” Eis o modo do escritor chamar a atenção para fatos que desabonam o acervo memorialístico de nossa terra. Os brados dos Mendonças e de tantos outros são relevantes para os cuidados com a Cultura exigidos até hoje. Presente então um recorte da pedagogia do intelectual cuiabano que é um perfeito contador de histórias, narrador seguro e desafiador junto com Gervásio Leite da impositação elitista que não se prende às gavetas, aos empolados textos e outros trejeitos. Com tais falas ergue o arcabouço crítico e de denúncia. Para em seguida alertar:

TROVA DO POVO! POESIA
DE SIMPLES INSPIRAÇÃO!...
MAS CONTÉM QUANTA IRONIA
SE CASTIGA UM MEDALHÃO!... A trova que se dobra sobre ela mesma como num jogo de reflexos. O lado criativo de mãos dadas com a chibatada.

AS ENTRANHAS ESTRANHAS DO TEXTO SATÍRICO

É como certa a possibilidade da sedução que o autor cria no leitor/ apreciador São variadas formas de convite que ele lança para capturar a leitura admirável. Cria um admirador/espectador que por estranhas interpretações possui o entranhado tecido satírico e diz: O HOMEM È COMO FORMIGA/ SE QUISE MORRER CRIA ASA... FAZ O QUE NINGUÊM O OBRIGA/ FICA BOBO, CRESCE E CASA!

A sátira como diz o próprio Rubens é o “ter ao menos alguma semelhança com a verdade” O problema é saber de que verdade ele trata. Assoma que a elaboração na qual ele perpetra seus versos satíricos é a expressão dos mais diversos recursos de apresentação. A verdade pode ser retrato, denúncia, travessura ou simples gozação. De todo modo são os diversos pontos de vista sobre o qual ele vê o universo. Verdade não é coisa estagnada, é múltipla. A verdade em Rubens é plural: relação pessoa/comportamento, moral/ação, direito / avesso.

Signo exemplar: NO CHURRASCO DO ARQUIMEDES/VI GERVÁSIO PERGUNTAR AFINAL AUGUSTO MÁRIO ONDE VAMOS ALMOÇAR?

Eis a maneira de jogar o comportamento na cara do sujeito. Signos que desenrolam ações para brincar: A PALAVRA FANTASIA/ NÃO SE MEDE POR TAMANHO/ MAS É MUITA PORCARIA /POETA NÃO TOMAR BANHO.

E para significar a dualidade moral/ação venha Rubens: SE NÃO HOUVESSE IDIOTAS/ QUE SERIA DOS LADINOS? NÃO HAVERIA TROFÉU BORÔRO/ SE NÃO HOVESSE CRETINOS

As funções da linguagem em Rubens de Mendonça carregam toda possibilidade da arte fascinante que a Cidade cuiabana, que a gente de parcimônia, que o tesouro encravado nesta terra desperta cotidianamente. O CUIABONOSSENSE que está em Rubens, fez de Cuiabá o Mato Grosso INTEIRO de sua janela da Rua do Campo visualizou os ricos traços das letras, pedras preciosas que se transfiguraram na obra INCANDESCENTE. Forma moderna de dar sentido para a dialogia satírica. Estou aqui pela luz generosa de Adélia (filha de Rubens de Mendonça) com aval da Casa Barão de Melgaço e devo dizer que como ando querendo descobrir qual é o Lugar do desejo sem lugar, penso que para que o desejo se lance em ato para que a força das letras satíricas, árvores que são da literatura de Rubens, se edifique em ramos, para que tudo se torne signo é necessária uma escolha. É da injustiça da escolha que a vida nasce. E para ser o que é agora aqui tive que reduzir Rubens nesta tentativa. Estou em desespero, pois não sei se alcancei o intento de dar asas porque tive a exata medida de que aquilo que é, é INJUSTO. INJUSTO? RUBENS NÃO ESTA + AQUI embora todas as suas palavras, toda sua criação doce/ cruel, a sua família encantadora...

Não devo recusar as contradições devo recebê-las, pois elas são força: O MENU QUE FEZ GERVÁSIO/IA SE TORNANDO FATAL...POIS FILÉ DE PESCOÇO QUASE MATA O GENERAL!

Todos os dias a ludicidade rondava a porta do crítico-satírico para dar forma a novas trovas. Meditava nas canções, rimas, boatos e preocupações do povo e ia criando o mosaico imagético do documentário desta gente. Qual mestre diretor, qual fabricante de nosso mosaico desenhava e montava o solo pelo qual passamos todos os dias, traduziu a personalidade no espaço intervalar e ainda entra em nossas vidas a todo e qualquer momento.

Veja só o que preparou o Autor: DINHEIRO PÚBLICO E CRIANÇA/ SÃO DIFÍCEIS DE PEGAR!/ SE A GENTE PEGA

SEM JEITO/ ELES COMEÇAM A GRITAR/ E NASCE DESCONFIANÇA/ E FAZEM TAL CONFUSÃO/ QUE COMPROMETE O SUJEITO/ IDENTIFICA O LADRÃO.

É preciso dar termo ao meu falar e para tanto apresento:

VITRINE DE TROVINHAS

VERTANTOS BURROS MANDANDO / EM HOMENS DE INTELIGÊNCIA/ QUE ÀS VEZES FICO PENSANDO / QUE A BURRICE É UMA CIÊNCIA

ESSE RELÓGIO PARADO/ LIBANESES QUEM NOS DEU/ PARA ELE ANDAR CORRENDO BASTA CHAMAR UM JUDEU!

LIVRO E MULHER NÃO SE EMPRESTAM/ LIVRO NÃO SE RESTITUI.../ MULHER A RAZÃO CONCLUI/ RESTITUIR-SE NÃO PRESTA.

NECESSÁRIO EXPLICAR QUE ESSE GOZO satírico VEM DE GAUDIUM, A ALEGRIA DE GANHAR, DE LOGRAR, O LUCRAR COM ASTÚCIA. COISA DE CUIABANO, QUE ENGANHA A PALAVRA POÉTICA E BURLA ARDILOSAMENTE. Venha mais uma vez Rubens para matar as saudades e traga suas trovas para alegria nossa de cada dia e PARA RESPONDER AO DESAFIO DO MEU QUERIDO AMIGO Rubens de Mendonça eis a trova que hoje trago a público e que espero vá físgar o sorriso dele:

Tenho certeza que este Mendonça/É o Rubens/Que sem medo de D. Onça/Sempre anda nas nuvens

E viva a Festa dos 100!

RUBENS DIGITAL

Fernanda Quixabeira Machado¹

Luciwaldo Pires de Ávila²

1915. Ano em que Albert Einstein desenvolveu a teoria da relatividade, ano em que, pela primeira vez, se utilizou arma química em um conflito armado. A Alemanha usou o gás cloro em uma batalha contra os franceses na Primeira Guerra Mundial, mas também 1915 marca os cem anos do ano do nascimento de Rubens de Mendonça. Na Cuiabá em que Rubens nasceu, a única alternativa para se chegar até São Paulo ou à capital da República, o Rio de Janeiro, era pela via fluvial. Desciam-se os rios Cuiabá e Paraguai, até Corumbá, passando por Assunção, Buenos Aires e Montevideú, até chegar a Santos e, deste porto, ao do Rio de Janeiro. O trajeto demorava aproximadamente trinta dias, entre a viagem e a espera dos vapores. Em Cuiabá havia um bondinho circulava sobre trilhos e era puxado a burros, ligando o centro ao bairro do Porto. O meio de transporte mais utilizado no perímetro urbano para carga de mercadorias era a carroça. A iluminação, feita à base do lampião, lamparina e vela. Rubens cresceu ouvindo histórias antigas de Cuiabá por sua babá *Nha França*, “[...] ela tinha o rosto salpicado de sinais deixados pela varíola de 1867 [...]”, relembra em seu livro *Sagas e crendices de minha terra natal* (MENDONÇA, 1969, p. 7).

Rondon ainda singrava os sertões desconhecidos, em sua epopeia científica e estratégica, palmeando e mapeando os sertões e fronteiras orientais do Brasil, contatando nações indígenas desconhecidas, interligando por fios telegráficos as comunicação e reconhecendo as populações que povoavam os sertões mais longínquos e inóspitos do país.

O Brasil experimentava os primeiros anos republicanos. O voto era do cabresto, coronéis ditavam regras e a maioria da população vivia no campo. A expectativa de vida, ao se nascer em 1910, era de menos de 33,4 anos para homens e 34,6 para mulheres. A iluminação pública, pavimentação e saneamento básico eram raros, na maioria das cidades.

1 Mestre em História, SECEL/BEEM. E-mail: fequixabeira@gmail.com

2 Historiador, SECEL/BEEM. E-mail: luciwaldo.avila@gmail

A vida de Rubens se passa no breve século XX, como definiu o historiador Eric Hobsbawm (1995, p. 15), para o qual as transformações desse período “mudaram de maneira mais profunda a sociedade humana que qualquer outro período de brevidade comparável”. Há épocas na história em que as mudanças parecem ocorrer com maior velocidade. O século XX foi um desses períodos. E não são apenas as mudanças materiais que nos impressionam quando olhamos o passado recente, pois, o que salta aos olhos é a revolução nos costumes, sem precedentes e em um curto espaço de tempo. A forma dos pais se relacionar com os filhos, dos alunos com os professores, dos maridos com suas esposas, dos namorados com as namoradas ou namorados, foram alteradas drasticamente. Os pais conseguiam controlar os filhos apenas com o olhar. As mulheres conquistavam o direito de votar, estudar, expressar seus pensamentos e controlar seu corpo.

Antevendo as drásticas transformações que sofreria sua pequenina Cuiabá, capital do gigantesco e ainda desconhecido Mato Grosso, que, à época de seu nascimento, possuía um território que abarcava os atuais estados de Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, Rubens se dedicou a registrar as mais diversas facetas da cultura e da história mato-grossense, consignando, de maneira indelével, as lutas e belezas, as dores e delícias vivenciadas por sua gente.

Para esse mister, foi pioneiro, ao lado de seu pai. Estevão de Mendonça, na pesquisa de arquivos precários, reuniu informações, compilou memórias e apurou a campo, compondo uma riquíssima produção de mais de 50 livros, além de centenas de artigos, escritos em jornais e revistas, versando sobre os mais variados gêneros literários e campos do conhecimento, como, literatura, história, política, economia, educação, arquitetura, folclore e jornalismo, que o consagraram como membro da Academia Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, sendo sua trajetória brilhante e marcante naquelas instituições guardiãs da intelectualidade local.

Seu esforço visionário antecedeu ao fluxo migratório vivenciado por Cuiabá e todo o estado, que fora impulsionado pelas políticas governamentais como a “Marcha para o Oeste”, cujo objetivo era promover a ocupação do território, expandindo a fronteira agrícola e colonizando os virgens sertões. Essa política resultou nas divisões territoriais, com a criação dos estados de RO e posteriormente MS, o que poderia promover o soterramento cultural de Mato Grosso, pois em Cuiabá, a mais populosa cidade, contava, no ano de 1960, com apenas 56.000 habitantes. Em 1970, chegou aos 100.000. Entre 1970 e 1980, mais que duplicou sua população, saltando para 213.000.

Na década seguinte, de 1980 a 1990, duplicou outra vez, chegando a mais de 400.000 habitantes. Entre 1990 e 2000 já começava a estabilizar aquele afluxo impressionante de antes, chegando a 480.000; resultando, hoje, em aproximadamente 560.000 habitantes, o que equivale a um crescimento 1.000% ao longo de 55 anos, ou numa média anual de impressionantes 18,18%, dignos de causar inveja a qualquer “tigre asiático”.

Sem o trabalho dedicado de documentação e registro de Rubens de Mendonça, à presente e às futuras gerações, dificilmente teriam acesso ao universo cultural, historiográfico, literário e paisagístico por ele descritos, pois, a exemplo dos casarões coloniais que ele eternizou em obras como *Igrejas e Sobrados de Cuiabá*, as feições urbanísticas de sua cidade, registradas em *Ruas de Cuiabá*, as vivências sociais e folclóricas do *Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá* e de *Sagas e Crendices de Minha Terra Natal*. A maioria, infelizmente, jaz mutilada, em ruínas ou abandonados, relegadas à omissão e esquecimento, descaracterizando a identidade do povo que as construiu.

Transitando por diversas áreas, a produção intelectual de Rubens de Mendonça se apresenta multidisciplinar, expressando decisivos esforços para sistematizar, de forma pioneira, as vivências de nosso estado. Sua produção é composta por uma plêiade de obras referenciais, de leitura obrigatória, fonte imediata de pesquisa para professores, alunos e interessados em nossa história e cultura.

Em face de sua produção, é considerado grande expoente da historiografia mato-grossense; como jornalista, atuou nos maiores jornais e veículos de imprensa do estado de sua época, tais como: o “*Correio da Semana*”, “*O Estado de Mato Grosso*”, “*Correio da Imprensa*”, “*Diário de Cuiabá*”, “*O Trabalhista*”, “*Brasil Oeste*”, “*O Social Democrata*”, “*A Batalha*”, “*O Correio da Semana*”, “*O Estado de Mato Grosso*”, ainda colaborou no “*Jornal do Comércio*”, de Campo Grande, “*Atualidades*”, de Corumbá”, “*Novo Mundo*”, de Guiratinga, “*Folha Literária*”, de Cuiabá, “*Saci*”, “*Arauto de Juvenília*”, “*Sará*”, “*Ganga*”, “*Mato Grosso Ilustrado*”, “*Mato Grosso em Revista*”, “*Diário de Cuiabá*” e “*Correio da Imprensa*”

Articulado e dinâmico, conectado ao universo intelectual de seu tempo; Rubens também atuou em diversas instituições culturais nacionais e internacionais (além da Academia Mato-Grossense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso), como a Sociedade de Geografia de Lisboa, o Instituto “Antônio Cabreira”, de Lisboa, o Instituto de Cultura Americana, de *La Plata* na Argentina, o

Centro Intellectual “Augustin Aspiazu” de La Paz na Bolívia; atuando, inclusive, como Secretário Geral da Comissão Mato-Grossense de Folclore, da Academia Acreana de Letras (correspondente). Participou da fundação da revista “*Pindorama*”, colaborou e participou publicando em várias outras como: “*Cidade Verde*” de Cuiabá, “*O Éco*” de Campo Grande, “*Revista Genealógica Brasileira*” de São Paulo, “*Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*” e “*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*” de Cuiabá, “*A Caçula*” de Três Lagoas, e o “*Anuário do Oeste Brasileiro*”.

Essa produtiva militância jornalística lhe habilitou a representar Mato Grosso no I Congresso Nacional de Jornalistas, realizado em São Paulo-SP, no ano de 1949, e no IV Congresso da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, em 1957.

Reconhecendo a importância desse legado, a Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer está empreendendo a digitalização de obras raras de seu e de outros acervos, começando pela produção de Ruben de Mendonça, para ser disponibilizada para leitura *on-line* e *download* no *site* da Biblioteca Pública Estadual “Estevão de Mendonça” ([www// bibliotecapublica.mt.gov.br](http://www/bibliotecapublica.mt.gov.br))

Tal prestígio se reveste de uma intenção nobre: dar visibilidade aos autores que escreveram sobre Mato Grosso, tenham sido eles mato-grossenses, quer de nascimento ou adoção, sendo Rubens o grande expoente, chamando atenção para a nova fase na difusão da produção intelectual sobre o contexto regional.

Rubens, como diversos autores, acumulou biblioteca, pesquisou, escreveu e publicou seus livros em período, limitado por questões tecnológicas e financeiras, razão pela qual, muitos tiveram edição impressa em número reduzido, rodados em tipografias e gráficas de pequeno porte; outros, jamais foram reeditados, o que causou seu rápido esgotamento, pois, após o falecimento do autor e com o passar dos anos, foram perdendo espaço no mercado editorial, não sendo encontrados atualmente nas livrarias, de modo que, hoje, após 32 anos após sua morte, seus livros figuram entre as obras raras, pois existem poucos exemplares remanescentes em algumas bibliotecas públicas.

Nesse esforço de reunir a produção intelectual de Rubens de Mendonça, foi firmada, no final do ano de 2012, uma parceria entre a Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer, através da Coordenação do Sistema Estadual de Bibliotecas (BPEEM), e a Casa Barão de Melgaço (IHGMT e AML), por sua Curadoria, para digitalização de textos (artigos e livros) de autores que escreveram sobre Mato Grosso, dentre os quais desponta Rubens de Mendonça.

Para operacionalização desse processo de digitalização, que objetivou preservar e tornar acessível à comunidade científica nacional e internacional através do formato digital, a SECEL/MT contou com a infraestrutura necessária, visto ter adquirido em anos anteriores um aparelho de *Scanner Orbital Coopibook i2s*, de fabricação francesa, adquirindo, especificamente para amparar o projeto, 1 HD de 3 TERA, um computador de grande potência, assim como investiu num curso de capacitação para os operadores da máquina.

A parceria objetivou colaborar para divulgar o patrimônio cultural do Estado de Mato Grosso, fomentando a leitura e reflexão sobre a realidade regional, tornando acessível a um número maior de usuários as obras raras sobre o Estado, existentes nos acervos da Biblioteca Estevão de Mendonça e da Casa Barão de Melgaço, mas também promovendo sua circulação on-line, o que garante a preservação e manuseio dos originais, ao publicar suas reproduções na íntegra e em formato de digital para consulta, leitura, possibilitando aos consulentes fazer *download* que integrará sua biblioteca virtual.

Buscou ainda oferecer aos pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais (particularmente aos professores e alunos dos cursos de Graduação e Pós-graduação) acesso às obras raras e esgotadas referentes a Mato Grosso, sendo a digitalização da produção de Rubens de Mendonça sua primeira etapa.

Na tarefa de se conciliar a necessidade de preservar e difundir essas obras raras, o processo de digitalização, no formato desse projeto, oferece diversas vantagens como a possibilidade de realização de tratamento das imagens capturadas, melhorando sua visualização; o manuseio e leitura usando programas universais e comuns a qualquer computador (*Windows/PDF*); o uso de recursos de *zoom* e iluminação; portabilidade e compartilhamento de consideráveis volumes de títulos por meios eletrônicos (envio por *e-mails*, cópias em *pen-drives*, e congêneres); facilidade de reprodução do material digitalizado; busca amplificada por programa do sistema *Google*, que permite a localização por autor, título, ou qualquer palavra-chave contida no corpo texto, facilitando e agilizando pesquisas.

Até o momento, foram digitalizadas e estão sendo tratadas e serão gradualmente inseridas por *upload* no *site* da Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça (acessível pelo endereço eletrônico: www.bibliotecapublica.mt.gov.br), as seguintes obras de Rubens de Mendonça:

1	MENDONÇA, Rubens de e outros. Centenário do Liceu Cuiabano . Cuiabá: SEC/DAA, 1979. BCBM-FR/MT 118.
2	MENDONÇA, Rubens de. A Espada que Unificou a Pátria . Cuiabá: s. ed., 1966. BCBM 3011.
3	MENDONÇA, Rubens de. A História do Comércio de Mato Grosso . Tomo MCMLXXIII. Goiânia, Rio Bonito, 1974. BCBM 264/820.
4	MENDONÇA, Rubens de. A Presença de Estevão de Mendonça . Cuiabá: s. ed., 1959. BCBM 430.
5	MENDONÇA, Rubens de. Álbum Comemorativo do 1º Congresso Eucarístico de Cuiabá Homenagem da Cidade ao Exmº Ermº Sr. Francisco de Aquino Corrêa . Cuiabá: Aurora, 1952. BCBM 5180.
6	MENDONÇA, Rubens de. Álvares de Azevedo (o romântico satanista) . Vol. III. Cuiabá: Tip. A. Evangelista, 1941. (Literatura: Mato Grosso). BCBM 251.
7	MENDONÇA, Rubens de. Antologia Borôro . Estante Matogrossense Vol. IV. Cuiabá: s. ed., 1946. BCBM 5562.
8	MENDONÇA, Rubens de. Antônio Fernandes de Souza . Ano LXVI, Tomos CXLÍ e CXLII – 1994, p. 305.
9	MENDONÇA, Rubens de. Barão de Melgaço – Depoimento inédito de sua neta . Ano LII, Tomos CXIII e CXIV – 1980. p. 44-49.
10	MENDONÇA, Rubens de. Bibliografia mato-grossense . Cuiabá: UFMT, 1975. 2 exemplares. BCBM-FR/MT 239.
11	MENDONÇA, Rubens de. Bibliografia Mato-Grossense . Rio de Janeiro; Cuiabá: Artes Gráficas Americanas; UFMT, 1975. (Coleção “Esboço e Levantamentos”). BCBM 29 / BCBM-FR/MT 239 / BCBM/ NAA 32.
12	MENDONÇA, Rubens de. Bilac - O Poeta da Pátria . Cuiabá: s. ed., 1965. BCBM 221.
13	MENDONÇA, Rubens de. O Tigre de Cuiabá . Campo Grande, Ruy Barbosa, 1966. BCBM/BCMS 196.
14	MENDONÇA, Rubens de. Discurso de Posse do Acadêmico Rubens de Mendonça . Vol I. Cuiabá: Tipografia Escola Industrial, 1946. BCBM 3623.
15	MENDONÇA, Rubens de. Dom Aquino . Ano LVII, Tomos CXXIII a CXXIV – 1985, p. 66-67.
16	MENDONÇA, Rubens de. Esboço de um capítulo da História Colonial de Mato Grosso . RIHGMT, Ano XXV e XXVI, Tomos XLIX-LII – 1943-1944, p. 155-188. BCBM 3490.

17	MENDONÇA, Rubens de. Estórias que o Povo Conta: folclore mato-grossense . Vol. II. Cuiabá: Imprensa Oficial do Estado, 1967. BCBM 3623 / BCBM/CMS 189.
18	MENDONÇA, Rubens de. Evolução do Ensino em Mato Grosso . Cuiabá: s/ed., 1977. BCBM 26/3623.
19	MENDONÇA, Rubens de. Fontes de Pesquisa para a História de Mato Grosso . Revista do IHGMT, Ano LIV, Tomos CXVII e CXVIII – 1982. p. 30-35. BCBM 3490.
20	MENDONÇA, Rubens de. Garimpo do meu sonho . Cuiabá: Tipografia Calháo, 1939. BCBM-FR/MT 483.
21	MENDONÇA, Rubens de. História do Poder Legislativo de Mato Grosso . Vol. I. e II. Cuiabá: s/ed., 1967. BCBM 13 / BUMS 82.
22	MENDONÇA, Rubens de. Igrejas & Sobrados de Cuiabá . Revista do IHGMT, Ano XLIX, Tomos CVII e CVIII – 1977. p. 99-104. BCBM 454 - BCBM-FR/MT 184. BCBM 3490.
23	MENDONÇA, Rubens de. Mendonças . Revista do IHGMT, Ano XXV e XXVI, Tomos XLIX-LII – 1943-1944, p. 130-138. BCBM 3490.
24	MENDONÇA, Rubens de. No Escafandro da Vida (Verso). Cuiabá: Tip. Da Escola Industrial, 1946. BCBM-FR/MT 05.
25	MENDONÇA, Rubens de. Nos bastidores da história mato-grossense . Cuiabá: UFMT, 1983. BCBM 1 / BCBM-FR/MT 270.
26	MENDONÇA, Rubens de. O Tigre de Cuiabá . Vol. I. Campo Grande: Ruy Barbosa, 1966. BCBM 3623 / BCBM 3623 / BCBM/BCMS 196.
27	MENDONÇA, Rubens de. Os Duzentos e Cinquenta anos de Diamantino . Revista do IHGMT, Ano L, Tomos CIX e CX – 1978. p. 13-16. BCBM 3490.
28	MENDONÇA, Rubens de. Os Mendonças de Mato Grosso . Cuiabá: Escola Industrial, 1945. BCBM 410/3623 - BCBM-FR/MT 286.
29	MENDONÇA, Rubens de. Ouro roubado . Ano LV, Tomos CXIX e CXX – 1983.
30	MENDONÇA, Rubens de. Poetas Bororos . Cuiabá: Escolas Profissionais Salesianas, 1942. BCBM-FR/MT 260 - BCBM-FR/MT 141.
31	MENDONÇA, Rubens de. Uma tragédia e uma ópera em 1790 . Anos XXVII e XXVIII, Tomos LIII-LVI – 1945-1946.
32	MENDONÇA, Rubens. História da literatura mato-grossense . Cáceres: ed. UNEMAT, 2005. 2 ed. BCBM 6879.

ARTIGOS

33	MENDONÇA, Rubens de. Cascalhos da ilusão . Cuiabá: Escola Industrial, 1944. BCBM-FR/MT 285.
34	MENDONÇA, Rubens de. Dicionário Biográfico Mato-grossense . Vol. I e II. Cuiabá: Gráfica Mercúrio S. A., 1953. BCBM 889 / BCBM-UMS 81 / BCBM-FR/MT 167.
35	MENDONÇA, Rubens de. Nos Bastidores da História Mato-Grossense . Cuiabá: UFMT, 1983. BCBM 1 / BCBM-FR/MT 270.
36	MENDONÇA, Rubens de. Dom Por do Sol . Cuiabá: Sará, 1954. BCBM 267 / BCBM-FR/MT 220 / BCBM/NAA 33.
37	MENDONÇA, Rubens de. O Humorismo na Política Mato-Grossense . Vol. I. Cuiabá: 1976. BCBM 360/3623.
38	MENDONÇA, Rubens de. Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá . 3 ed. Cuiabá: Edições da Igrejinha, 1975. BCBM 753 / BCBM/UMS 80 / BCBM/NAA 20 / BCBM-FR/MT 03 / BCBM/NAA 19.
39	MENDONÇA, Rubens de. Ruas de Cuiabá . Goiânia: Cinco de Março, 1969. BCBM 5494. - BCBM-FR/MT 271.
40	MENDONÇA, Rubens de. Sagas e Crendices de Minha Terra Natal . Cuiabá: s./ed., 1969. (Cultura: Mato Grosso: Folclore). BCBM 25/3623.
41	MENDONÇA, Rubens de. Sátira na política de Mato Grosso . Cuiabá: Editora do Meio, 1978. BCBM 3626 - BCBM-FR/MT 193.
42	MENDONÇA, Rubens de. Sátiras anônimas . Cuiabá: s/ed, 1975. BCBM-FR/MT 146.

ARTIGOS

1	MENDONÇA, Rubens. Aspectos da Literatura de Mato Grosso . In: Revista da Academia Mato-Grossense de Letras. Ano VI, Tomos XI e XII. 1938.
2	MENDONÇA, Rubens. Associações culturais predecessoras da Academia . In: Revista da Academia Mato-Grossense de Letras. Ano XIV, Tomos XXVII e XXVIII. 1946.
3	MENDONÇA, Rubens. Castro Alves . In: Revista da Academia Mato-Grossense de Letras. Ano XVI - XVIII, Tomos XXI e XXII. 1948 - 1949.
4	MENDONÇA, Rubens. Discurso do Presidente do Grêmio Álvares de Azevedo Rubens de Mendonça . In: Revista da Academia Mato-Grossense de Letras. Ano VIII -, Tomos XV e XVI. 1940.
5	MENDONÇA, Rubens. D. Aquino, presidente do estado . In: Revista da Academia Mato-Grossense de Letras. Ano XXVI -, Tomos XLVII e XLVIII. 1956.

6	MENDONÇA, Rubens. Dia da Pátria . In: Revista da Academia Matogrossense de Letras. Ano VII, Tomos XIII e XIV. 1939.
7	MENDONÇA, Rubens. Discurso de Agradecimento . In: Revista da Academia Mato-Grossense de Letras. Ano XIV, Tomos XXVII e XXVIII. 1946.
8	MENDONÇA, Rubens. Discurso de posse pelo acadêmico Rubens de Mendonça . In: Revista da Academia Mato-Grossense de Letras. 1943.
9	MENDONÇA, Rubens. Discurso de recepção proferido pelo acadêmico Rubens de Mendonça . In: Revista da Academia Mato-Grossense de Letras. 1982.
10	MENDONÇA, Rubens. Discurso do presidente do grêmio Álvares de Azevedo, Rubens de Mendonça . In: Revista da Academia Matogrossense de Letras. Ano VIII, Tomos XV e XVI. 1940.
11	MENDONÇA, Rubens. Discurso de recepção pelo acadêmico Rubens de Mendonça . In: Revista da Academia Mato-Grossense de Letras. Ano XXX, Tomos LVI. 1963.
12	MENDONÇA, Rubens. Discurso de recepção pelo acadêmico Rubens de Mendonça . In: Revista da Academia Mato-Grossense de Letras. Ano XX e XXI, Tomos XXXIX e XLII. 1953-1953.
13	MENDONÇA, Rubens. Discurso e recepção ao acadêmico Pedro Rocha Jucá, por Rubens de Mendonça . In: Revista da Academia Mato-Grossense de Letras. 2000.
14	MENDONÇA, Rubens. Ora, Eça é genial! In: Revista da Academia Matogrossense de Letras. Ano XXV e XXVI, Tomos XLIX a LII. 1957-1958.
15	MENDONÇA, Rubens. Os duzentos e cinquenta anos de Diamantino . In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Ano L, Tomos CIX e CX. 1978.
16	MENDONÇA, Rubens. Antônio Fernandes de Souza . In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Ano LXVI, Tomos CXLI- CXLII. 1994.
17	MENDONÇA, Rubens. Dom Aquino . In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Ano LVII, Tomos CXXIII - CXXIV. 1985.
18	MENDONÇA, Rubens. Fontes de pesquisa para a história de Mato Grosso . In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Ano LIV, Tomos CXVII - CXVIII. 1982.
19	MENDONÇA, Rubens. Gabriel Getúlio Monteiro de Mendonça . In: Revista do IHGMT. Ano XXIX - XXX, Tomos LVII - LX. 1947-1948.
20	MENDONÇA, Rubens. Igrejas e sobrados de Cuiabá- XIII . In: Revista do IHGMT. Ano XLIX, Tomos CVII-CVIII. 1977.

21	MENDONÇA, Rubens. Barão de Melgaço depoimento inédito de sua neta . In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Ano LII, Tomos CXIII-CXIV. 1980.
22	MENDONÇA, Rubens. O Capitão-General Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres . In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Ano XXIII e XXIV, Tomos XLV-XLVII. 1941-1942.
23	MENDONÇA, Rubens. O Tigre de Cuiabá . In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. 2005.
24	MENDONÇA, Rubens. Ouro roubado . In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Ano LV, Tomos CXIX- CXX. 1983.
25	MENDONÇA, Rubens. Uma tragédia e uma ópera em 1790 . In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Ano XXVII e XXVIII, Tomos LIII-LVI. 1945-1946.

Ao serem digitalizadas e postadas na plataforma digital, através do *site* da Biblioteca, tais obras poderão voltar a circular, seu conteúdo consultado, lido e referenciado, lançando luz sobre temas variados e servindo de fonte de informação para pesquisas de ensino superior e em escolas de ensino fundamental e médio, de modo abrangente, irrestrito eficiente e prático, pois possibilitará sua consulta simultânea, além de socializar o acesso às obras, que poderão ser baixadas para uso individual, visto que a família doou os direitos autorais ao projeto.

Com a digitalização, o legado de Rubens de Mendonça renasce e floresce para uma nova geração de leitores que não o conheceram: os internautas, cujo perfil de agilidade e jovialidade encontrará nesse autor de vanguarda os registros referenciais, suscitando novas pesquisas.

Rubens, nos seus 68 anos de vida, viu a invenção do liquidificador, da batedeira elétrica, do espremedor, do rádio a pilha, da televisão, máquina de lavar, panela de pressão, chuveiro elétrico, aspirador de pó, o disco de vinil, o detergente, o sabão em pó, o condicionador, a pasta de dente, absorvente, da comida congelada, da penicilina, do *nylon*, do computador, do biquíni, a bomba atômica, do micro-ondas, do *chip*, da fibra ótica, do satélite artificial, do *lazer*, da pílula anticoncepcional, do cartão de crédito, da caneta esferográfica, do videogame, do transplante de coração, o supermercado, o *shopping center*, da descoberta da estrutura do DNA, o nascimento do bebê de proveta.

Quando morreu, em 1983, os primeiros celulares estavam surgindo. E o que mais Rubens assistiria depois de 1983? Alguma coisa ainda o surpreenderia? Talvez o livro digital, a mão biônica, a Internet, as redes sociais, a folha artificial, a cama que se auto arruma, a impressora 3D, a clonagem. Porém, obra de Rubens, pelas minúcias, pela interdisciplinaridade, pelo estilo, pela pesquisa, pela vasta produção será sempre surpreendente e seu talento agora está ao alcance de todos.

Vida longa a Rubens de Mendonça, agora *hi tec* na era digital!

Felicidade

Rubens de Mendonça

Julguei, acaso, ser felicidade
A grandeza, o poder, a fama, a glória,
Nome aureolado ao Panteão da História
A vã e inútil imortalidade!...

Vi que o poder é uma ilusão inglória...
A riqueza é a força da vontade.
Nome imortal - apenas é vaidade...
A fama neste mundo é transitória!...

Felicidade é coisa diferente,
É uma casinha branca onde a gente
Possa alegre viver com o seu amor!

Felicidade é a mulher querida,
Um filhinho a sorrir - a própria vida,
Vivida no seu cândido esplendor.

REFERÊNCIAS

- HOBBSAWM, Eric. J. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LEUCHTENBURG, William E (Org.). *O século inacabado: a América desde 1900*. Rio de Janeiro: Pioneira, 1976, v. 2.
- MELLO, João. M. C. de; NOVAIS, Fernando. A. *Capitalismo tardio e sociabilidade moderna*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 559-658.
- MENDONÇA, Rubens de. *Estórias que o Povo Conta: folclore mato-grossense*. Cuiabá: Imprensa Oficial do Estado, 1967, v. 2.

MENDONÇA, Rubens de. *Ruas de Cuiabá*. Goiânia: Cinco de Março, 1963.

MENDONÇA, Rubens de. *Roteiro histórico sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá*. Cuiabá: Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso, 1975.

MENDONÇA, Rubens de. *Sagas e crendices de Minha Terra Natal*. Cuiabá: Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso, 1969.

MENDONÇA, Rubens de. *Dicionário biográfico mato-grossense*. 2. ed. Goiânia: Rio Bonito, 1970.

PÓVOAS, Lenine. C. *Cuiabá de outrora: testemunho ocular de uma época*. Cuiabá: s/ed., 1983.

NORMAS DA REVISTA DO IHGMT

A Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso está dividida nas seguintes seções: Dossiê, Artigos, Discursos e Notícias, podendo ainda incluir resenhas e transcrição de documentos. Os textos aceitos para a publicação deverão versar sobre o contexto regional ou nacional, previamente aprovados pelo Conselho Editorial da Revista. Em casos especiais, serão aceitos artigos para republicação, acompanhados de autorização dos autores e do diretor do periódico em que os mesmos foram originalmente publicados.

Para publicar na Revista, as colaborações devem seguir as seguintes especificações:

- Estudos de autoria de pesquisadores vinculados ao IHGMT ou a instituições públicas ou privadas.
- Normas de apresentação dos textos:
- Digitados em *Word for Windows*, fonte *Times New Roman tamanho 12*, espaço 1,5, com margens de 2,0 cm, formato de página A4;
- *Dimensão mínima* de 15 e *máxima* de 35 laudas para artigos, incluídas referências e notas, sendo que para os discursos e notícias essa margem de páginas é livre.
- *A revisão pelas normas da ABNT*, ortográfica e gramatical é de inteira responsabilidade do(s) autor(es), podendo esse serviço ser contratado ao IHGMT, sob a forma de pagamento por página.
- Expressões em *língua estrangeira*, títulos de obras e trechos de entrevistas devem ser digitados em *itálico*, evitando-se o uso do negrito.
- As *ilustrações* devem apresentar título e fonte, na parte inferior da imagem.
- As *referências documentais* de corpo do texto devem ser enunciadas entre parênteses (autor, data, página), com o nome do autor em caixa alta, seguido do ano e da página. Exemplo (SOUZA, 2008, p. 387).
- As *citações no corpo do texto*, até 4 linhas, devem estar grafadas em fonte 12, entre aspas e sem grifo (itálico). Com mais linhas,

devem apresentar-se em recuo de 2 cm da margem esquerda, grafadas em fonte normal, Times New Roman tamanho 11, com espaçamento entre linhas simples e alinhamento justificado.

- As *imagens* devem ser gravadas nas extensões JPG, com resolução de 300 DPI.
- As *notas de rodapé* deverão ser sempre de natureza explicativa.
- As *Referências finais* deverão vir no final, em ordem alfabética (conforme normas da ABNT), podendo incluir bibliografia e documentação.
- Para *notícia/discurso* não será exigido número mínimo de páginas, deverá conter, na primeira página, as seguintes informações:
 - * Título, nome do autor alinhado à esquerda;
 - * Em nota de rodapé ordinal deverá ser colocada: Instituição (Universidade, Departamento, Instituto etc.) – Formação, local de atividade *e-mail*.
- Os direitos autorais dos artigos publicados pertencerão aos respectivos autores. Os artigos, resenhas e outros deverão ser oferecidos gratuitamente pelo autor.
- Os textos entregues à publicação serão apreciados pelos membros do Conselho Editorial, membros do Conselho Consultivo da Revista ou por pareceristas *ad-hoc*, especialmente convidados para este fim. Após o processo seletivo, os autores serão informados sobre a situação de sua colaboração.

Encaminhamento dos originais:

O material para publicação deverá ser encaminhado via e-mail para o seguinte endereço: bethmsiqueira@gmail.com ou romanci@terra.com.br, em arquivo, anexado à mensagem de encaminhamento, contendo a identificação e endereço postal e eletrônico do remetente.

O periódico está cadastrado no IBICT – Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia e possui ISSN: 1677-0897.

ARTIGOS

OS CEM NATAIS DE RUBENS DE MENDONÇA

Adélia Maria Badre Mendonça de Deus

A MINHA HISTÓRIA COM RUBENS DE MENDONÇA

Paulo Pitaluga Costa e Silva

RUBENS DE MENDONÇA E CUIABÁ

Benedito Pedro Dorileo

RUBENS DE MENDONÇA: A AMPLITUDE DO OLHAR HISTORIOGRÁFICO

Elizabeth Madureira Siqueira

“SAGAS & CRENDICES” HISTÓRIA E ESTÓRIA EM
RUBENS DE MENDONÇA

Anna Maria Ribeiro F. M. Costa / Mabel Strobel Moreira Weimer

SINE IRA ET STUDIO / SEM CÓLERA NEM FAVOR

João Antonio Botelho Lucidio

PESQUISAVA, ESCREVIA E FAZIA HISTÓRIA

Pedro Rocha Jucá

RUBENS DE MENDONÇA: DOIS OLHARES SOBRE CUIABÁ

Gabriel Francisco de Mattos

IGREJAS E SOBRADOS NA PAISAGEM VISLUMBRADA PELO HISTORIADOR RUBENS DE MENDONÇA

Sônia Regina Romancini

“CENTENÁRIO DO LICEU CUIABANO (1879-1979): UM OLHAR DO POETA, HISTORIADOR
E JORNALISTA RUBENS DE MENDONÇA”

Nileide Souza Dourado

CULTURA IMATERIAL NO CONTEXTO DA OBRA ROTEIRO HISTÓRICO E SENTIMENTAL
DA VILA REAL DO BOM JESUS DE CUIABÁ

Suísse Monteiro Leon Bordest

AO MESTRE, COM CARINHO! TO SIR, WITH LOVE!

Ivan Echeverria

FACE SATÍRICA ENTRE BRINCAR E EDUCAR: RUBENS DE MENDONÇA

Marília Beatriz de Figueiredo Leite

RUBENS DIGITAL

Fernanda Quixabeira Machado/Luciwaldo Pires de Ávila

NORMAS DA REVISTA DO IHGMT

